

O LABIRINTO DE CRETA

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU

O LABIRINTO DE CRETA

Introdução e Organização

KÊNIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA

Copyright © 2016
Kênia Maria de Almeida
Todos os direitos reservados.
O labirinto de Creta
1ª Edição
Outubro – 2016

Capa | Diagramação | Arte Final
Wellington Donizetti Silva

CORPO EDITORIAL

Beatriz Nunes Santos e Silva (Mestre em Educação pela Fucamp)
Bruno Arantes Moreira (Doutor em Engenharia Química pela UFU)
Fernanda Arantes Moreira (Mestre em Educação pela UFU)
Graziela Giusti Pachane (Doutora em Educação pela UNICAMP)
Irley Machado (Doutora pela Université Paris III - Sorbonne Nouvelle)
Juraci Lourenço Teixeira (Mestre em Química pela UFU)
Kenia Maria de Almeida Pereira (Doutora em Literatura pela UNESP)
Lidiane Aparecida Alves (Mestre em Geografia pela UFU)
Luiz Bezerra Neto (Doutor em Educação pela UNICAMP)
Mara Rúbia Alves Marques (Doutora em Educação pela UNIMEP)
Orlando Fernández Aquino (Doutor em Ciências Pedagógicas pela ISPVC - Cuba)
Roberto Valdés Pruentes (Doutor em Educação pela UNIMEP)
Vitor Ribeiro Filho (Doutor em Geografia pela UFRJ)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
EDITORA EDIBRÁS, MG, BRASIL

S278o SILVA, Antonio José da.
O labirinto de Creta
(Org.) Kênia Maria de Almeida Pereira.
1ª ed / Uberlândia–MG: Edibrás, 2016.

250p.;

ISBN: 978-85-67803-29-6

1. Teatro. 2. Literatura grega. 3. Mitologia grega.
I. PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. II. Título.

CDD 882

É proibida a reprodução total ou parcial.
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*
A comercialização desta obra é proibida

SUMÁRIO

LABIRINTOS E MONSTRUOSIDADES NO TEATRO BURLESCO DE ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU - <i>KENIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA</i>	7
O LABIRINTO DE CRETA - <i>ÂNTONIO JOSÉ DA SILVA - O JUDEU</i>	51
ARGUMENTO.....	53
INTERLOCUTORES	55
CENAS.....	57
PRIMEIRA PARTE	59
CENA I.....	59
CENA II	85
CENA III.....	105
CENA IV	121
CENA V	125

SEGUNDA PARTE.....	135
CENA I.....	135
CENA II	143
CENA III.....	159
CENA IV	181
CENA V	191
CENA VI.....	215
CENA VII	233
PÓS-FÁCIO - <i>LYSLEI NASCIMENTO</i>	245

LABIRINTOS E MONSTRUOSIDADES NO TEATRO BURLESCO DE ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU*

KENIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA

*Este livro é o resultado final de meu projeto de pós-doutorado, sob a supervisão da professora Lyslei Nascimento (UFMG). Com a publicação desta obra, também dou continuidade ao projeto de divulgação do teatro de Antônio José da Silva, o Judeu. Em 2006, publiquei pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, *Obras do diabinho da mão furada*. Pela EDUFU saiu, em 2012, *Guerras do Alecrim e Manjerona* e em 2013, veio a público *Os Encantos de Medeia*, pela EDUSP. *O labirinto de Creta* será, portanto, a quarta peça do Judeu que organizo, apresento e publico, dessa vez, em formato digital, pela Edibrás.

Para esta edição, utilizei como referência as *Obras Completas de Antônio José da Silva*, volume III, da Editora portuguesa Sá da Costa, de 1958, organizadas pelo professor José Pereira Tavares. Fiz algumas atualizações ortográficas, segundo as normas adotadas pelo *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, bem como adaptei e atualizei também algumas notas de rodapé.

O tema do labirinto como uma moradia subterrânea confusa, de espaços desnorteantes e arquitetura emaranhada, em cujo centro habita uma fera, metade touro metade homem, fascina e acende a imaginação de autores, poetas e artistas desde a Grécia Antiga com o conhecido mito do Labirinto de Creta e do seu habitante abominável, o lendário Minotauro. Para Jorge Luis Borges, a ideia de uma habitação projetada para que as pessoas se percam dialoga de forma perfeita com a ideia extravagante de um homem híbrido, com cabeça de touro que nela vive, assim, fica “bem que no centro de uma casa monstruosa haja um habitante monstruoso”.¹

1 BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Carmem Vera Lima. São Paulo: Globo, 2000.p.103.

Paul Diel afirma, por exemplo, que esse espaço de corredores confusos e imbricados, abrigando em seu interior uma fera antropófaga e anômala, seria o próprio símbolo do inconsciente: “lugar no qual erra o homem aprisionado sem esperança de encontrar saída”.² Já para André Peyronie, a origem milenar e multifacetada do labirinto, “seu vínculo com o sagrado, a polivalência intrínseca a essa imagem, constituem-no em estrutura mítica e fazem dele, para a imaginação literária (e artística), um tema fascinante.”³ Assim, o mito em torno do labirinto, além de simbolizar o próprio inconsciente e seus meandros, envolveria ainda questões inerentes aos dilemas humanos: traição, adultério, medo, desespero, morte, abandono, e, também, à própria criação literária: o texto como labirinto.

O mito do labirinto ou do Minotauro tem suas origens ligadas ao vaidoso rei de Creta, Minos, o qual, desejoso de se perpetuar no poder, pede ajuda a Poseidon para governar eternamente a ilha do mar Egeu. O deus dos mares, num lance de generosidade, escuta as súplicas do rei e envia-lhe um belo touro

2 DIEI, Paul. *O simbologismo na mitologia grega*. Trad. Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos. São Paulo: Attar, 1991. p. 51.

3 PEYRONIE, André. Labirinto. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 555.

branco a fim de ser sacrificado em sua homenagem. Minos, no entanto, deslumbrado com a rara beleza do animal, resolve guardá-lo para si, matando outro boi em seu lugar. Quando Poseidon percebe que fora ludibriado, resolve se vingar, fazendo com que a rainha Pasífae, esposa de Minos, se apaixone por aquele touro branco.

Pasífae, enlouquecida de amores pela criatura, tenta de forma obstinada manter relações sexuais com o animal assustado que a renega. Persistente em seu desejo lúbrico, e disposta a concretizar seus desejos, a rainha se esconde dentro de uma vaca de madeira, construída habilmente pelo inventor Dédalo. Ludibriado pela falsa vaca, o touro branco engravida a rainha que, depois de nove meses, irá parir o famoso Minotauro. O poderoso rei Minos, envergonhado tanto pelo adultério da esposa como pela monstruosa criatura que agora habitava seu palácio, vai também ao encontro de Dédalo, implorando para que ele crie algo que o livre do terrível problema. O inventor tem então a ideia de construir um monumento subterrâneo com arquitetura intrincada, projetado para conter um emaranhado de salas e galerias tortuosas, com corredores confusos e portas infinitas os quais impossibilitariam qualquer criatura a encontrar a saída. Nesse labirinto, foi então encarcerado o Minotauro.

No entanto, de tempos em tempos, era necessário alimentar o monstro com sete mancebos e sete donzelas. Teseu, nascido em Atenas, herói corpulento e destemido, se compadece das vítimas, oferecendo-se voluntariamente para eliminar Creta da tormentosa criatura. Ariadne, filha do rei Minos, encantada com a coragem do ateniense, se apaixona por ele, ensina-o como escapar do labirinto, entregando-lhe um novelo de linha, cuja extremidade deveria ficar presa à entrada do monumento. Depois de matar o Minotauro, destroçando-o com seus poderosos músculos, e sair ileso do confuso labirinto, Teseu se casa com Ariadne para, dias depois, também traí-la, abandonando-a na ilha de Naxos, enquanto ela descansava na orla da praia, dormindo profundamente.

Essa versão da história tão intrincada, como a própria morada da criatura híbrida, sofreu inúmeras mudanças durante os séculos. A lenda do labirinto de Creta vem sendo recontada de várias maneiras ao longo dos tempos. Labirintos, Minotauros, Pasífaes, Ariadines e Teseus povoam há milênios a imaginação de escritores e artistas. Cada época percebe e lê de diferentes maneiras as múltiplas metáforas e simbologias que emanam desses signos milenares. As aventuras amorosas da rainha Pasífae e o fruto de seu adultério podem ser lidos e interpretados na

antiguidade greco-latina como um jogo de sedução entre casais apaixonados, principalmente em algumas passagens mais luxuriosas da *Arte de amar*, de Ovídio, bem como no épico *Eneida*, de Virgílio. Já sob o olhar teocêntrico da Idade Média, algumas poesias de autores anônimos descreviam de forma religiosa a luta de Teseu versus Minotauro. Nesse eterno conflito do bem contra o mal, Teseu representaria o Cristo redivivo e o Minotauro, o Satanás traiçoeiro. Ou ainda, segundo Peyronie, na interpretação judaico-cristã, “Deus misericordioso mandou então ao mundo seu filho Teseu-Jesus, que libertou a humanidade daquele tributo”.⁴ Mesmo Dante em, *A Divina Comédia*, apresenta um olhar moralizador sobre os transgressores do casamento, os adúlteros, os quais passariam a eternidade nos infernos clamando pelo nome de Pasífae. Afinal, como bem aponta Julio Jeha, “as transgressões geram monstros” e eles são como “um aviso ou um castigo por alguma ruptura de um código, por um mal cometido”.⁵

Do Renascimento até o início do século XX, a lenda grega do Minotauro sempre esteve ligada ao mal e à monstruosidade. Para Peyronie, a figura da

4 PEYRONIE, 1997, p. 646.

5 JEHA, Julio. Monstros como metáforas do mal. In: JEHA, Julio. (org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 22.

besta-fera devoradora de seres humanos serve bem às metáforas das adversidades políticas: serve tanto para simbolizar a devassidão dos impérios como a ruína da sociedade industrial. Também o Minotauro pode representar Robespierre e no século XX, “ele renascerá em Stalin”⁶ ou em qualquer outro ditador famoso por sua crueldade⁷.

Com os movimentos de vanguarda e com o fortalecimento da psicanálise, tanto o Minotauro quanto o labirinto ganharam conotações diferenciadas. Ora eles são o símbolo da modernidade com suas contradições e exuberâncias, como queria Picasso com sua fabulosa série “Minotauromaquia”, ora simbolizam os desejos mais inconfessáveis do inconsciente humano como no conto de Marguerite Yourcenar intitulado “Quem não tem um Minotauro”⁸? Na contemporaneidade, criamos nossos próprios monstros e eles se tornam, nos dizeres de Luiz Nazario, “superego, repressão, complexo de culpa, princípio da realidade, com um sinal negativo”⁹.

Jorge Luis Borges mergulha o Minotauro em águas ainda mais profundas. Dá voz a ele no

6 PEYRONIE, 1997, p. 647.

7 PEYRONE, 1997, p.647.

8 PEYRONE, 1997, p.647.

9 NAZARIO, Luiz. *Da natureza dos monstros*. São Paulo: Arte&Ciência, 1998. p. 14.

conto “A casa de Asterion”.¹⁰ Asterion, o verdadeiro nome do Minotauro, confunde o leitor com seus questionamentos e suas angústias. Será Teseu o redentor de Asterion? Será Teseu e Asterion um único monstro? Quem mata quem? Os leitores são também Minotauros aguardando a morte-Teseu ou a morte-labirinto com menos galerias e com menos portas? Estaria o Minotauro cansado da solidão, preferindo se entregar ao seu assassino-redentor Teseu? Também Ruth Salviano Brandão apresenta ao leitor de forma poético-dramática, em seu belo livro *Minotauro: o insuportável desígnio*, uma fera solitária e enfadada, mais humana que monstruosa, guiada pelos desejos que brotam da convulsão de suas entranhas. Um minotauro enigmático, cuja fragilidade “o torna feminino e pequeno como uma criança”¹¹, preso e atordoado “em labirintos que não param de ser construídos a partir das plantas roubadas de Dédalo”¹². Assim, esses monumentos de arquitetura caótica, que numa espécie de jogo desnorteante, confundem e perturbam o leitor, migraram também para a linguagem literária dos subterrâneos metafóricos

10 BORGES, Jorge Luis. “A Casa de Asterion”. in: *O Aleph*. Trad: Flávio José Cardozo, Rio de Janeiro: Globo. p.53-55.

11 BRANDÃO, Ruth Salviano. *Minotauro: o insuportável desígnio*. Belo Horizonte: Cas’ a’ screver, 2015, p.44

12 BRANDÃO, Ruth Salviano. 2015, p.50.

de autores como Alain Robbe-Grillet, James Joyce, Marguerite Duras. Mas é com certeza, nas bibliotecas labirínticas, moventes e complexas, de múltiplas rotas tanto de Borges como de Umberto Eco que o labirinto com mais intensidade desconcerta e provoca o leitor. Para Eco, esse desnorteio vem do fato de que, nas bibliotecas borgianas, estamos lidando com o labirinto rizomático, em que “não há nem interior, nem exterior”¹³, e que “a cegueira é a única possibilidade de visão”¹⁴. E mais: não há um centro, nem uma fera, assim, a própria biblioteca é o espaço do monstruoso.

De acordo com Lyslei Nascimento, o leitor, ao enveredar-se pelos labirintos borgianos, “há de ter em conta que o edifício sobre o qual se estrutura, ou em cujo interior jaz em estado de latência, esse arquivo de monstros, é um catálogo sem catálogo, um mapa desmesurado feito para se perder”¹⁵.

Se sempre é instigante e desafiador percorrer os labirintos do texto borgiano, e perder-se em suas metonímias e metáforas, podemos dizer o mesmo das comédias joco-sérias do dramaturgo luso-brasileiro

13 ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.p.339.

14 ECO, Umberto. 1989.p.340.

15 NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 77.

Antônio José da Silva, o Judeu. Tendo vivido em Portugal no século XVIII, o Judeu era conhecido por suas peças hilárias que tanto levava o público às gargalhadas quanto à reflexão. A irreverência dos seus graciosos, espécie bobos da corte galhofeiros, descortinava duras críticas à sociedade lisboeta corroída socialmente pelos desmandos da monarquia de D. João V, o Magnânimo. O escritor também não perdoou a Igreja. Riu da sociedade portuguesa mergulhada culturalmente no mais sombrio fanatismo religioso católico.

O seu teatro, com sua exuberância literária e sua intrincada estética hiperbólica, conviveu também com os mais tortuosos momentos da Inquisição e dos espetáculos macabros dos autos de fé.

Para Anita Novinsky, os métodos de ação do tribunal do Santo Ofício com suas regras de denúncia anônima, interrogações, sequestros de bens, torturas e mortes aviltantes, eram um suplício no qual o réu “debatia-se num labirinto sem saída”.¹⁶ Já para Francisco Bethencourt, o tribunal do Santo Ofício consistia em um emaranhado burocrático que enrodilhava tanto os seus funcionários como os seus réus, afinal, a Inquisição “não era só uma entidade de controle das heresias, mas também, “um organismo de

16 NOVINSKY, Anita. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense: 1994 p. 59.

provação, por meios violentos, de falsas declarações de heresia destinadas a justificar sua atividade e, em última estância, sua própria existência”¹⁷. Luiz Nazario, por sua vez, aponta que a Inquisição seria o teatro labiríntico da punição e extermínio, encenado em praça pública, do qual poucos réus conseguiam escapar com vida,

“onde compareciam Povo, Estado e Igreja para jurar fidelidade à Inquisição, assistir à humilhação dos condenados e celebrar o triunfo da fé nas formas do arrependimento dos réus ou de sua combustão no queimadeiro, o auto de fé geral era a encenação espetacular do Dia do Juízo Final para uma massa festiva”¹⁸.

Antônio José, por exemplo, experimentou duas vezes esses caminhos sinuosos da Inquisição portuguesa. A primeira vez em que foi preso, acusado de judaizante, em 1726, com apenas 21 anos de idade, ficou detido por três meses. Nos calabouços do Santo Ofício, experimentou tanto os tormentos do potro, cama de ripas que arrochavam e cortavam as carnes, quanto as agruras da polé, cordas que levantavam o

17 BETHENCOURT, Francisco. *História das inquisições*: Portugal, Espanha e Itália. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 342.

18 NAZARIO, Luiz. *Autos-de-fé como espetáculos de massa*. São Paulo: Humanitas, 2005, p.109.

condenado às alturas e inesperadamente o lançava a quedas vertiginosas que lhe arrebetavam as articulações do corpo. Aliás, esse último tormento era proibido de ser aplicado às vésperas dos autos de fé, que sempre ocorriam em praça pública, uma vez que esse suplício desfigurava a vítima, deixando-a com os membros desarticulados e com um aspecto monstruoso.¹⁹

Tais castigos foram aplicados de forma tão rigorosa em Antônio José que, um mês depois destas torturas, ele ainda tinha “o pulso dorido e os tendões hirtos que lhe não consentiram pôr o nome no termo de abjuração, assinado a rogo pelo notário e testemunhas”.²⁰ Anita Novinsky observa que o caráter cruel e desumano da máquina inquisitorial “talvez não tenha precedentes na historia da civilização, até o surgimento do nazismo no século XX”.²¹

Depois de recuperar a liberdade, Antônio José passa a exercer a advocacia e a escrever suas peças teatrais. Ao todo, são nove comédias, a maioria inspiradas na mitologia greco-romana, como os

19 PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998. p. 116.

20 AZEVEDO, J. L. *Novas epanáforas*. Lisboa: Livraria Clássica, 1932. p. 189.

21 NOVINSKY, 1994, p. 12.

próprios títulos indicam: *Os encantos de Medeia* (1735); *Esopaida, ou a vida de Esopo* (1734); *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* (1736); *As variedades de Proteu* (1737); *Precipício de Faetonte* (1738) e *O labirinto de Creta* (1736). Há ainda uma peça decalcada na obra clássica de Cervantes, intitulada *A vida do grande Dom Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança* (1733). Já *Guerras do Alecrim e Manjerona* (1737) é uma comédia em que o mote são os costumes familiares portugueses. O teatrólogo ainda teve fôlego para desenvolver uma comédia em castelhano, *El Prodígio de Amarante* (1737) e depois escrever um conto zombeteiro, de nome *O Diabinho da mão furada*. (1737).

Depois de ser aclamado em Portugal, tanto pela crítica como pelo público, como um dos melhores dramaturgos populares com seus bonifrates de cortiça, Antônio José foi colhido novamente nas malhas da Inquisição. Acusado de herege judaizante, dessa vez, ele não conseguirá se libertar da truculência do Santo Ofício. Assim, em 1739, aos 34 anos, no auge da fama e da criatividade, quem sempre fez o povo rir e pensar, ironicamente, morrerá de forma trágica, em praça pública, nas fogueiras de um auto de fé.

Em grande parte das suas comédias, podemos observar, ora de forma explícita ora de forma velada,

alguns desses momentos em que o dramaturgo foi torturado nos calabouços do Santo Ofício, como, por exemplo, na peça *Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena*. Manipulando seus fantoches, ele põe na boca do gracioso Saramago, uma acirrada crítica às detenções arbitrárias da Igreja, das quais o próprio autor foi vítima:

“*Saramago*. Como hei de andar, se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah, Senhores meus, vejam se me podem tirar estes ferros, que tão aferrados estão; e, por mais que os sacudo de mim, cada vez estão mais ferrenhos comigo.

1.º Preso. Também isso não é pelo que eu fiz! Por que te prenderam?

Saramago. Por nada.”²²

Já em *Vida do grande Dom Quixote e do gordo Sancho Pança*, o que se vê é uma crítica aguda a um país em que a justiça, cujo lema era apoiar integralmente a Inquisição, só existia pintada nas estampas dos livros. Assim, para Antônio José “toda justiça acaba em tragédia”²³, levando inexoravelmente os inocentes

22 SILVA, Antônio José da. *Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena*. In: TAVARES, José Pereira. *Obras Completas*. 4vols. Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958, p.211.

23 SILVA, Antônio José da. *A vida do Grande Dom Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*. In: TAVARES, José Pereira. *Obras Completas*. 4vols. Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958, p 90.

para a cadeia. Assim, lemos:

Sancho: Que me faça bom proveito! Dai-me atenção, Meirinho. Sabei, primeiramente, que isto de Justiça é coisa pintada e que tal mulher não há no Mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g. a Senhora Dulcineia del Toboso, nem mais, nem menos; porém como era necessário haver esta figura no Mundo para meter medo à gente grande, como o papão às crianças, pintaram uma mulher vestida à trágica, porque toda a justiça acaba em tragédia...”²⁴.

Para Roger Chartier no “mundo do *Dom Quixote* de Antônio José da Silva, a justiça não existe. Ela é engodo, ilusão, embuste”²⁵. Dessa forma, o que se vê é que o Judeu deixou rastros e pegadas em seu teatro sobre o desespero das vítimas emaranhadas nas redes das prisões inquisitoriais.

Já em *Guerras do Alecrim e Manjerona*, o Judeu faz críticas aos casamentos arranjados, aos maus poetas, aos médicos charlatões. Também não

24 SILVA, Antônio José da. A vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança. In: TAVARES, José Pereira. *Obras Completas*. 4vols. Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958, p.90.

25 CHARTIER, Roger. O Dom Quixote de Antônio José da Silva, as marionetes do Bairro Alto e as prisões da Inquisição. Trad. Estela Abreu. In: *Sociologia&Antropologia*, Rio de Janeiro: UFRJ, v.02, p.161- 181, 2012.

perdoou os juízes corruptos e amedrontadores, os quais defendiam os castigos corporais como forma de punição:

Semicúpio. Ai, Sevadilha, que esse ladrão.

Sevadilha. Que tem, meu Senhor?

Semicúpio. Nada, nada! E por um triz, que não deponho a judicatura e perco o juízo! Assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

Sevadilha. Eu não sei escrever.

Semicúpio. Porém, sabes muita letra! Vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver jurar testemunhas.

Sevadilha. Eu já vi uma cara que se parecia com a deste juiz! (*Vai-se*).

Semicúpio. Entre quem falta.

D. Gilvaz. Resta D. Clóris. Semicúpio, perdoa, que hei-de falar-lhe.

Semicúpio. Faça o que lhe digo e não tenha graças comigo.

D. Gilvaz. Como estás inchado!

Semicúpio. Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão²⁶.

Para Alberto Dines, as comédias de Antonio

26 SILVA, Antônio José da. Guerras do Alecrim e Manjerona. In :PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *Guerras do Alecrim e Manjerona: entre o jogo do entrudo e as artimanhas do coração*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p.130-131.

José são “peças de circunstâncias para divertir, às vezes, chulas, embebidas na mitologia pra ganhar transcendência e veicular o inconformismo do autor”²⁷. Chartier, por sua vez, chama a atenção ainda para o fato de que o “trágico destino de Antônio José da Silva oferece assim um caso limite para enfrentar a questão da relação entre as experiências de vida e as próprias obras”²⁸.

Com a peça *Encantos de Medeia*, o autor, dialogando com Eurípedes, apresenta-nos uma Medeia cômica, que depois de entregar o Velocino de Ouro ao amado Jasão, é abandonada por ele, o qual foge, em seguida, com sua prima Creusa. Desesperada, Medeia desaparece na região dos ares, mas não sem antes executar suas bruxarias no debochado criado Sacatrapo, o qual auxiliara Jasão em seu plano de fuga. Medeia é tida como feiticeira perigosa que pode interferir tanto na natureza como na vida amorosa de seus parceiros. Mas, como estamos no reino da comédia, ela não comete infanticídio, já que ela, além de desistir de se casar, também não tem filhos. Nesta peça, o Judeu tanto critica a queima monstruosa das

27 DINES, Alberto. *Vínculos do fogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 40.

28 CHARTIER, Roger. O Dom Quixote de Antônio José da Silva, as marionetes do Bairro Alto e as prisões da Inquisição. Trad. Estela Abreu. In: *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro: UFRJ, v.02, p.161- 181, 2012.

bruxas pela Inquisição como também as crenças fanáticas da população em feitiçarias e outros sortilégios, como se pode ler na fala do gracioso Sacatrapo: “Sempre andarei com o olho sobre ele; pois, segundo ouvi dizer, sei que nesta terra há muita feiticeira”²⁹.

Além do medo das bruxas, o século XVIII em Portugal também foi marcado pelo pavor ao demônio. Em *Obras do diabinho da mão furada*, o Judeu apresenta-nos ao soldado André Peralta que se vê às voltas com um diabo que lhe propõe um pacto: a alma do infeliz soldado em troca de um pote de dinheiro. A história segue na linha da tradição oral do diabo logrado e do demônio familiar que lembram os personagens Malasartes, Saci-Pererê e João Grilo. Ironicamente, o Satanás de Antônio José se materializa na forma monstruosa de um padre “com narizes rombos e asquerosos de moncos, a boca formidável com comilhos de javali, e os pés de bode”³⁰. Antônio José aproveita para criticar as crenças fanáticas dos portugueses em pactos diabólicos e da

29 SILVA, Antônio José da. Os encantos de Medeia In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *Os encantos de Medeia* (org). São Paulo: EDUSP, 2013.p.51.

30 SILVA, Antônio José da. *Obras do diabinho da mão furada*. In:PEREIRA, Kenia Maria de Almeida (org.) *Obras do diabinho da mão furada*. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,2006.p.228.

presença do demônio no imaginário da população em quase todas as situações da vida cultural. Interessante observarmos, amparados nos estudos de Robert Muchembled, principalmente em seu intrigante livro *Uma história do diabo*, que a tradição popular, desde a Idade Média, costumava materializar Satanás sob inúmeras feições. De anão a serpente, passando por cachorro, bode, sapo, lobo e, inclusive, frade. O Judeu, recriando, de forma corajosa, seu personagem diabólico em forma de Frade, demonstra sua rebeldia e seu espírito destemido contra os abusos da Igreja Católica, numa época em que o Santo Ofício, além de queimar livros queimava também seus autores.

O labirinto de Creta, peça que ora convidamos o leitor para ler na íntegra, subiu aos palcos de Lisboa em 1736. O dramaturgo Antônio José dialoga com o milenar mito grego do labirinto, apresentando ao leitor um Teseu perdido de amores pela filha do rei Minos, e também disposto a matar o Minotauro em nome dessa paixão avassaladora. Mas, Teseu não consegue sozinho enfrentar o monstro. Ele é auxiliado por Ariadne que lhe ensina, com a ajuda de um fio, como fugir da tortuosa prisão. Fedra, a irmã de Ariadne, também se apaixona pelo bravo Teseu, presenteando-o com um vidro de veneno para que o amante eliminasse de vez a besta-fera. Assim, em meio às confusões do

amor e do labirinto, as gargalhadas ficam a cargo dos graciosos Esfuziote, Taramela e Sanguixuga. Espécies de bobos da corte, mistos de arlequim e palhaço, esses bufões grotescos, ao longo da comédia, debocham de tudo e de todos, fazendo o público rir e pensar sobre os desmandos dos poderosos na sociedade lisboeta, como podemos ver nestas frases zombeteiras: “Filha todos se matam por dinheiro”³¹; “Eu senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia supor senão que eras cousa má, porque cousa boa nunca para mim se chegou”³².

O leitor pode ainda ouvir os ecos da voz de Antônio José-Teseu revoltado, criticando as injustiças sofridas no reinado de D. João V, clamando por justiça e amaldiçoando seus algozes-minotauros:

Teseu: Bárbaro Rei, esta que vês em corpórea forma é a alma de Teseu que, errante por este labirinto, vem a noticiar-te da parte de Plutão, supremo juiz do Cocito, a tua malevolência e injustiça com que tiranamente me usurpaste a vida, para que vivas na certeza que hão de os deuses vingar a minha morte com o eterno suplício que te espera.³³

31 SILVA, Antônio José da. *O Labirinto de Creta*. In: TAVARES, José Pereira (Org.) *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1958. p.19.

32 SILVA, Antônio José da. 1958. p. 79.

33 SILVA, Antônio José da. 1958. p. 142.

Estamos assim diante de um teatro burlesco joco-sério, uma zarzuela barroca eivada de denúncias à sociedade portuguesa setecentista. Esse teatro considerado por Francisco Maciel Silveira como de natureza “dual, ambígua, bifronte”,³⁴ em que se mesclam dança, música, árias, sonetos e duos, encenados quase sempre por meio de bonecos articulados, englobam elementos da tragédia e da comédia, ora faz rir escancaradamente ora faz refletir de forma densa, como nesse recitado cantado pelo desesperado Teseu:

RECITADO

Bárbaro Rei, eu vou ao Labirinto,
mas sabe que não sinto
essa tirana morte que me espera;
que, a ser possível, descerei à esfera
desse sulfúreo e rápido Cocito
e do trifauce monstro a fúria incito,
por que vejam que nada me intimida
perder a cara vida.
De outro monstro (ai, amor!) só temo a ira,
que tirano conspira
um veneno tão forte,
que ainda por favor concede a morte;
pois com doce influência
faz seja simpatia o que é violência.

34 SILVEIRA, Francisco Maciel. *Concerto barroco às óperas do Judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 142.

Este monstro de amor, esta quimera
me horroriza me assusta e desespera.³⁵

Sabe-se hoje que as partituras desses trechos poéticos que entrecortam as peças foram musicadas pelo padre Antônio Teixeira³⁶. Aliás, essa poesia, apresenta, nas palavras de Rogério Chociay, uma “aguçada sensibilidade para os arranjos sonoros e seu aproveitamento em termos puramente orquestrais ou de harmonia imitativa; neste sentido, antecipa-se ao Romantismo e movimentos posteriores”³⁷.

Na primeira parte da comédia, vemos o rei de Creta, Minos, consultando o oráculo para saber quando terá fim seu sofrimento e vergonha com a presença do Minotauro. O rei obtém dos oráculos os enigmáticos dizeres:

“Quando desse biforme monstro horrendo
vires ser alimento combustivo
um vivo morto e um morto vivo”³⁸.

Assim, quase toda essa labiríntica comédia com seus quiproquós e desenganos, sátiras e
35 SILVA, Antônio José da. 1958. p.66-67.

36 Cf . PEREIRA, Paulo Roberto. (org.) in: SILVA, *As comédias de Antônio José, o Judeu*. São Paulo: martins Fontes, 2007. p.51

37 CHOCIAY, Rogério. Antônio José da Silva, o Judeu: uma antecipação da liberdade no verso. In: *Rhytmos*. São José do Rio Preto, 16,p.1-29, 1992.

38 SILVA, Antônio José da. 1958 p.30.

zombarias, irão girar em torno desse enigma: “o minotauro será eliminado por um morto-vivo”. Claro, o morto-vivo é o próprio Teseu, que engana a todos com suas artimanhas. Quando todos pensam que o príncipe de Tebas foi devorado pelo monstro, ele, habilmente, depois de eliminar a fera com seus fortes braços, foge do labirinto com a ajuda de seu construtor, o arquiteto Dédalo. Depois de ser considerado morto, numa espécie de jogo de esconde-esconde, Teseu irá participar de um baile de máscaras, dançar com sua amada Ariadne; e novamente, se esconder nos corredores imbricados da confusa habitação, travestindo-se de fantasma para assombrar o destemido Rei Minos:

Rei. Eu me resolvo; eu vou a libertar a Dédalo. Mas, ai de mim! Que é o que vejo? Parece que se me figura naquela errada sombra a imagem de Teseu! Ai, infeliz, que os cabelos se me eriçam!

Teseu. El-Rei se assustou de ver-me; pois o seu engano me valha. (*À parte*).

Esfuziote. Ah, Senhor, já que me leva ao reboque, não haja por ora vento em popa.

Rei. Pálida sombra, vago horror da fantasia, que pretendes de mim?³⁹

Percebemos, assim, que a estrutura do texto de *O labirinto de Creta* é também, por sua vez, uma espécie de labirinto, um imbróglgio satírico, como se

39 SILVA, Antônio José da. p.141-142

pode notar nas trocas de casais enamorados: *Lidoro*, príncipe de Epiro, amante de Ariadna, por exemplo, se apaixona por Fedra, namorada de *Tebandro*, príncipe de Chipre, e vice-versa. Há também o enigmático baile de máscaras, em que os casais não sabem quem são seus pares escondidos sob as fantasias.

Os pesquisadores franceses Pierre Furter⁴⁰ e Nathan Wachtel⁴¹ já chamavam a atenção para o fato de que a estrutura do labirinto é um dos principais recursos estético-estrutural das comédias de Antonio José da Silva, uma vez que o quiproquó, ou as confusões e equívocos, que fazem com que se tome uma personagem ou uma coisa por outra, são elementos chave dos textos de Antônio José. Patrice Pavis observa que o quiproquó “é fonte inesgotável de situações cômicas”⁴². De fato, as peças do Judeu ficam ainda mais emaranhadas e labirínticas com a participação paródica e truncada dos graciosos. Esfuziote se passa por seu amo, Teseu, prometendo casamento com a criada Taramela que, por sua vez, tenta ludibriar sua tia Sanguixuga, alardeando que

40 Cf. FURTER, PIERRE. La structure de l'univers dramatique d'Antonio José da Silva, o Judeu. In: *Bulletin des études portugaise*. Lisbonne/Paris, n.15,1964p.51 -75.

41 Cf. Wachtel, Nathan. *La foi du souvenir: labyrinthes marranes*. Paris: Seuil, 2001.

42 PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. Maria Lúcia Pereira et all. São Paulo: Perspectiva, 2003. p.319

um dia ela se casaria com o embaixador Licas e sua sobrinha se tornaria princesa casando-se com o rei de Atenas. Assim,

Sanguixuga. Pois dize-me: que homem é esse?

Taramela. É um homem grande; nós falaremos mais devagar.

Sanguixuga. Homem grande é besta de pau, e tu és besta em carne, que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

Esfuziote. Que é isso, Taramela?

Taramela. Senhor, é minha tia, que se vem pôr aos pés de Vossa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que não sabe a fortuna que nos espera. (*À parte*).

Sanguixuga. Senhor, Vossa Alteza dê-me os seus pés .

Esfuziote. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

Sanguixuga. Senhor, Vossa Alteza releve a minha desatenção, que eu o não conhecia.

Esfuziote. Não vos culpo o não conhecer-me, que nós, os príncipes, não temos sobrescrito; e, ainda que o tivera, como não sabeis ler, não podíeis soletrar no alfabeto de minha pessoa os caracteres de minha nobreza. Levantai-vos! Como vos

chamais?⁴³

Se para Bakhtin, o gracioso participa do desmascaramento das relações sociais, apontando “o avesso e o falso de cada situação”⁴⁴, Paulo Pereira, por sua vez, comenta que no teatro de Antonio José, “o gracioso é o fio condutor das ações, representa a consciência social e serve para pôr a ridículo os poderosos do tempo”.⁴⁵ Ridicularizar quem detém o poder, esse talvez seja a mais interessante das ações dos graciosos desse requintado texto, como se pode observar, quando o truão Esfuziote faz trocadilhos com o nome do Rei Minos:

Esfuziote. Senhor Minotauro; requeiro a Vossa Majestade ...

Teseu. Adverte que El-Rei chama-se Minos, e não Minotauro.

Esfuziote. De Minos a Minotauro pouco vai.

Licas. Senhor, Vossa Majestade saiba que este homem é um tonto⁴⁶.

43 SILVA, Antônio José da. 1958.p.43.

44 BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et all. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988. p.276.

45 PEREIRA, Paulo . O gracioso. In: SILVA, A. p.45

46 SILVA, Antônio José da. 1958.p.33.

Se em “Creta tudo são labirintos e enigmas”⁴⁷, talvez o mais complexo desses jogos ambíguos acontece na sugestiva Sala dos Enganos. Nesse espaço singular do labirinto, há um espelho mágico que amplia e aproxima a imagem, como muito bem explica seu criador:

Dédalo. Aquele espelho que ali vês fica fronteiro àquela janela, da qual, ainda que muito distante, se vem os jardins de palácio; e, sem embargo da sua distância, é tal o artifício com que fabriquei esse espelho, que aquele objeto remoto o avizinha tanto aos olhos, que nele se distingue a mínima flor daquele jardim. Repara e vê⁴⁸.

Para Arthur Nestrovski, labirintos e espelhos são “emblemas da duplicidade, que é a marca, afinal, de toda literatura irônica”⁴⁹, já para Umberto Eco, espelhos no labirinto reduplicam, confundem e distorcem as imagens. Os espelhos são fonte infinita de inspiração em toda literatura, já que “este roubo de imagem, esta tentação contínua de considerar-me um outro, tudo faz da experiência especular

47 SILVA, Antônio José da. 1958.p.99.

48 SILVA, Antônio José da. 1958. p.106-107.

49 Ver: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/19/mais!/11.html>

uma experiência absolutamente singular, no limiar entre percepção e significação”⁵⁰. Lembremos que tanto na biblioteca de *O nome da rosa*, de Eco como na *Biblioteca de Babel*, de Borges, os espelhos criam uma percepção ilusória de infinito, desorientando bibliotecários e simples leitores curiosos que podem se perder por entre as estantes reduplicadas. Segundo Gustav Hocke, pode-se afirmar que os intermináveis reflexos desses espelhos deformantes “são o prelúdio do labirinto abstrato da irrealidade total”⁵¹. Esse jogo duplo do espelho e do labirinto leva a essa experiência reduplicada da ilusão e do desnorreamento.

Teseu no labirinto passa também por essa experiência peculiar em que ele pôde observar através de um espelho extraordinário, o qual ampliava e confundia todos os sentidos, sua amada Ariadne, conversando com seu amante Lidoro, bem em frente aos jardins que cercavam o labirinto. Vítima da ilusão de ótica, mordido de ciúmes, ao olhar o cristal lapidado, Teseu, num gesto de fúria e de zelos, quebra o objeto mágico, exclamando que é na sala dos enganos que ele encontrou seu último desengano, uma vez que “há

50 ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p.20.

51 HOCKE, Gustav.R. *Maneirismo: o mundo como labirinto*. São Paulo: perspectiva, 1974.p.14

no mundo mais labirintos do que cuidais”⁵². Teseu enfrenta, assim, além da fera híbrida, outra criatura tão ardilosa e malévola como o Minotauro, o ciúme:

SONETO

Labirinto maior, mais intrincado,
tem amor em meu peito construído,
de quem se ostenta aos golpes do gemido,
cinzel a mágoa, artífice o cuidado.

Na memória se vê delineado
o tormento de um gosto amortecido;
na confusão da dor o bem perdido
nunca se encontra, ainda quando achado.

À máquina mental desta estrutura
adornam, em funestos paralelos,
lâmina o susto, sombras a pintura.

Colunas são os míseros desvelos,
estátua o desengano se afigura,
fio a esperança é, monstros os zelos.
(*Vai-se*)⁵³

52 SILVA, Antônio José da. 1958.p.112.

53 SILVA, Antônio José da. 1958, p.113.

Entre os séculos XVI, XVII e XVIII, muitos autores irão trilhar as vertentes da estética barroca, elaborando personagens vítimas de sentimentos extremos, os quais evoluíam para emoções deformantes, ou como aponta Walter Benjamin, o Barroco é “o exagero das metáforas”⁵⁴. Se o ciúme “é o monstro de olhos verdes”, que atormentou Otelo e “o amor obcecado por Dulcinéia” foi a fixação de Dom Quixote, Antônio José, como se vê, não deixou também de ouvir os ecos dessa estética rebuscada, cuja marca maior seria o exagero. O ciúme em *O labirinto de Creta* é considerado o monstro-minotauro que atormentou Teseu “na confusão da dor do bem perdido”. E como muito bem desabafou o bufão Esfuziote, “desses monstros há muitos no mundo”⁵⁵. Mas, como estamos no reino da comédia, os graciosos fazem troça desses exageros sentimentais, zombam do maneirismo empolado das expressões afetadas:

Esfuziote. Agora eu! Sapientíssima Taramela, um naufragante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos e enjoado das maresias vem hoje a oferecer o traquete do seu amor aos joanetes de teus pés, para que, dependurado no templo de tua formosura,

54 BENJAMIN, Walter. *Origens do drama barroco alemão*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.p.197.

55 SILVA, Antônio José da. 1958, p.24.

se ostente troféu da tua galhardia ⁵⁶.

Durante a peça, o leitor perceberá que o dramaturgo inova de forma criativa a milenar história do labirinto de Creta, fugindo do sentido linear e comum do mito. Antônio José adota a multiplicidade de vozes, em que podemos ouvir também a fala do arquiteto Dédalo, o qual explica como projetou o caótico edifício:

Dédalo. E também da minha! Ora atende. Vendo Minos naquele monstro a sua perpétua infâmia, me ordenou que para morada dele fabricasse um estupendo e grande palácio, com tão equívocas entradas e saídas, que quem nele se introduzisse não pudesse atinar com a porta para sair, ficando preso na sua mesma liberdade; que por este enredado artifício se chamou o Labirinto de Creta ⁵⁷.

Como não podia deixar de ser, Antônio José deixa que o gracioso, com sua voz paródica e seu mundo às avessas, fazendo do humor uma “arma para enfrentar a organizada hostilidade do ambiente citadino”⁵⁸, na feliz observação de José Oliveira Barata,

56 SILVA, Antônio José da. 1958, p.38.

57 SILVA, Antônio José da. 1958. p.24.

58 BARATA, José Oliveira. *Antônio José da Silva: criação e realidade*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.p.595.

também possa dar sua versão debochada sobre a arquitetura desnordeante do labirinto:

Esfuziote. Se, eu fora lisonjeiro, bem te podia dizer que quis vir acompanhar-te nas tuas penas, para ajudar-te a matar o Minotauro; porém, Senhor, a minha fraqueza é tal, que me não pode deixar mentir; e foi o caso: Depois que te trouxeram para o Labirinto, como o boi solto lambe-se todo, não me pesou o pé uma onça; e, como tal, de um pulo entrei por uma porta, saí pela outra, andei, desandei, corri, descorri para dentro, para fora, daqui para ali, até que dei contigo neste lugar, neste Labirinto, neste diabo, que bem escusado era que o Senhor Dédalo fabricasse estes enredos; mas por donde cada um peca, por aí paga.⁵⁹

Esse mundo labiríntico que na visão do bobo Esfuziote se “anda”, “desanda”, “para dentro para fora, daqui para ali”, esses “enredos de Dédalo, esse “lugar do Diabo” projetam-se, naquilo que Deleuze especifica como uma espécie de “dobra”, de múltiplos significados, “com curva infinita que toca em uma infinidade de pontos, uma infinidade de curvas, a curva de variável única, a série convergente de todas

59 SILVA, Antônio José da. 1958. p.80.

as séries”⁶⁰.

O Barroco seria, portanto, para Deleuze, com suas “dobras”, “a crise da razão teológica: trata-se de uma última tentativa para reconstruir um mundo que está desmoronando”⁶¹.

Também para Gustav Hocke, em *O mundo como labirinto*, os artistas e autores do período maneirista foram os mais fascinados pela temática da curvatura, do côncavo-convexo, da concha, do tortuoso, do bizarro, do exótico, daí a sedução pela figura intrincada do labirinto, com suas “equívocas entradas e saídas”. Hocke comenta ainda que quando “a ordem política e moral do mundo encontra-se conturbada”, ou quando o “mundo está repleto de desordem e de angústias”, será o labirinto poético que irá permear grande parte da literatura.⁶² Ora, dessa forma, o labirinto pode ser assim a alegoria política de tempos sombrios. No filme *O labirinto do fauno* (2006), de Guillermo del Toro, podemos ver o labirinto como a metáfora do totalitarismo presente na Guerra-Civil Espanhola. Nesse submundo mítico-político, nem as crianças, nem os sonhos, nem as

60 DELEUZE, Gilles. *A Dobra. Leibniz e o Barroco*. Trad. Luiz B.L.Orlandi. Campinas: Papirus, 1988.p.44.

61 DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34,1992.p.205.

62 HOCKE, Gustav.R. *Maneirismo: o mundo como labirinto*. São Paulo: perspectiva, 1974.p.21.

fantasias conseguem escapar das monstruosidades fascistas, ficando todos reféns do labirinto ideológico.

Octávio Paz, em seu intrigante *O labirinto da solidão*, ao analisar a mitologia, a história e a psicologia do povo mexicano, também remete o leitor à metáfora do labirinto como elemento político, uma vez que a nação mexicana, esfacelada em sua identidade, perdida entre um passado mítico e um presente de colonização, necessita de um fio de Ariadne para sair desse conflito cultural. Segundo Paz, várias nações, dentre elas o México, também têm no labirinto um símbolo mítico e ilusório, movido pela possibilidade de renovação, já que em seu centro o povo encontraria um santo ou um redentor que “depois da expiação, que quase sempre trazem consigo um período de isolamento”⁶³, salvaria o povo da pobreza e da solidão.

Não se pode esquecer que o Século XVIII em Portugal também foi uma época conturbada, marcada pelo absolutismo do reinado de Dom João V, o Magnânimo, o Rei-Sol português. No período áureo da Inquisição, D. João V, não satisfeito em manter um ritual de ostentação, rapinar toneladas do ouro brasileiro, instituir uma férrea censura às obras literárias, foi também conivente, por um período de

63 PAZ, Otávio. *O labirinto da solidão e post.scriptum*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.p.188

43 anos, com os rituais do Santo Ofício, que, aliás, ele fazia questão de participar da maioria deles, assistindo-os com sua comitiva régia em locais privilegiados. Em seu governo, reafirmou-se a pedagogia do medo na perseguição aos hereges. Maria Tavares comenta que :

“como instrumento de controle social, de vigilância de todo dissidente, e, anote-se, de todo o desvio religioso, moral e social, o Tribunal do Santo Ofício desenvolveria toda uma técnica de psicologia de choque, em toda a população do reino. O medo o temor, o castigo exemplar, seriam a face de todo esse sistema educativo, destinado à identificação do marginal e dissidente no todo que era a sociedade cristã que se definia uma perante o rei, o estado, a *ecclesia*”⁶⁴

E mais: D. João V instituiu, de maneira ferrenha e perversa, uma forma de delação em que, segundo relata Francisco Bethencourt “os acusados não podiam conhecer os nomes de seus denunciadores ou das testemunhas de acusação, nem sequer as circunstâncias de tempo e lugar dos crimes imputados”⁶⁵.

64 TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Judaísmo e Inquisição*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.p.180.

65 BETHENCOURT, Francisco. *História das inquisições: Portugal*, 42

Como consequência dessa situação absurda no modo de delatar os hereges, Portugal contabilizou somas assustadoras de presos, torturados e mortos no período em que o Magnânimo reinou. Morreram centenas de pessoas nas fogueiras: hereges, bruxas, protestantes, muçulmanos, judeus, cristãos-novos, dentre eles o dramaturgo Antônio José da Silva. Os apelos de Teseu e do embaixador Licas, endereçados ao Rei de Creta, na peça do Judeu, de forma alegórica, representariam os registros dos ecos dessas vozes sacrificadas durante esse período sombrio em que reinava a perseguição e a tortura:

Teseu. O bárbaro Rei, vendo que de uma vez não podia beber o sangue dos Atenienses, impôs o rigoroso tributo de que todos os anos pagasse Atenas sete mancebos para alimento de um monstro que chamam Minotauro, que dizem habita dentro em um labirinto.

Teseu. Senhor, a teus pés se oferece quem já nem é senhor da sua vida para dedicar-te; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejara diminuí-los, para que mais depressa se satisfaça a tua vontade.

(Ajoelha)

Os apelos do embaixador Licas:

Licas. Rei e Senhor, se o motivo desse implacável rigor é o esparzido sangue de Androgeu, vede que o não ressuscitais com a morte de Teseu; e mais quando a clemência nos príncipes é atributo inseparável da sua grandeza. Perdoa, Senhor, a Teseu, que também o perdão é um generoso modo de castigar.

Rei. Inútil é o vosso requerimento.

Teseu. É definitiva essa sentença?

Rei. E não há mais para onde apelar. Olá! Levai a Teseu e a esses míseros companheiros ao Labirinto para serem despojos do Minotauro.⁶⁶

Lembremos ainda que o labirinto no teatro de Antonio José pode estar entrelaçado também à herança místico-judaica desse cristão-novo, que, com certeza, teve contato com a simbologia cifrada da Cabala. Em *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*, chamo a atenção para o fato de que podemos notar nas operetas desse dramaturgo pegadas do esoterismo judaico que foram habilmente mesclados à tradição cristã e à mitologia greco-romana, numa tentativa de dispistar tanto a censura como os não iniciados.

Simbologias importantes da cultura hebraica

⁶⁶ SILVA, Antônio José da. 1958.p.64-65

como “o porco, a oliveira, os gnomos, o burro, o ar, o poder mágico da palavra, a cidade de Jerusalém bem como a montanha e os profetas”⁶⁷ podem ser encontrados em muitas de suas comédias, principalmente nas brincadeiras e nas metamorfoses dos seus risíveis graciosos. Assim, podemos dizer que, é provável, que as metáforas empregadas por Antônio José em suas comédias se assemelham às estruturas místico-cabalísticas-judaicas, procedimento que, segundo Gershom Scholem “utiliza símbolos velhos e dá-lhes significado novo”⁶⁸.

Ora, sabe-se que a figura do labirinto traz, em seu bojo, desde tempos imemoriais, significados esotéricos que remetem à reflexão, os quais deságuam na simbologia de uma jornada espiritual para o interior da alma, cujo centro seria o auto-conhecimento. Na Idade Média, algumas Igrejas, como por exemplo, a catedral de Chartres e de Amiens, na França, desenhavam labirintos no seu interior, geralmente no chão da nave central, nos quais os fieis deveriam caminhar por eles, como uma metáfora de peregrinação à cidade de Jerusalém. Talvez não seja por acaso que

67 PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu. São Paulo: Annablume, 1998.p.201.

68 SCHOLEM, Gershom G. *A cabala e seu simbolismo*. Trad. de Hans Borger e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1978.p.32.

na peça *O labirinto de Creta*, o Rei Minos brada enfurecido com aqueles que ousavam entrar sem sua permissão no sinuoso edifício, perturbando o espaço sagrado de seus corredores:

Rei. Isso é, sem dúvida; porém, como Dédalo ainda vive encerrado no Labirinto, dele mesmo me poderei informar; mas, por ora, não me importa saber isso tanto como a causa de vossos insultos, inquietando o silêncio da noite e o sagrado deste Labirinto com desafios; e o que mais é, ver eu aqui as infantas neste sítio e a estas horas, e vós, Lidoro, com essa espada na mão ⁶⁹.

Josevânia Fonseca, afirma que as óperas do Judeu demonstram, além “das características da personalidade do comediógrafo e as marcas do sofrimento a que foi submetido nos cárceres da Inquisição”, também remete-nos às “referências à cultura dos judeus , sobretudo ao aspecto da nova espiritualidade, formada após a diáspora” ⁷⁰.

Mas, também não se pode esquecer que Antônio José como dramaturgo irônico, manipulador

69 SILVA, Antônio José da. 1958. p .119.

70 FONSECA, Josevânia Souza de Jesus. *Antônio José da Silva e o labirinto da mística judaica: religiosidade e resistência na literatura cristã-nova no início do século XVIII*. Dissertação de Mestrado. Sergipe- Universidade Federal de Sergipe. 2014.p.106.

de bonifrates e de bufões gozadores, sempre tenta nos confundir, nos lançar em seu enredo labiríntico de máscaras e de espelhos, de minotauros de araque, apresentando, como nos becos-sem-saída, falsas pistas, destinadas a perder ou enganar o bisbilhoteiro que nele penetra. Nesse sentido, o escritor pertenceria ao círculo que Lyslei Nascimento intitula dos

“falsos cabalistas, exegetas não autorizados, manipuladores desse arquivo demasiado sério, inscrevem-se, portanto, numa tradição de moedeiros falsos que se dedicam a embaralhar as já intrincadas peças das ciências ocultas e das sociedades secretas”⁷¹.

Por fim, a denúncia sobre as perseguições e torturas durante a Inquisição portuguesa, sofridas por Antônio José, podem ser ouvidas não só na voz de Teseu, mas de forma diluída, nas múltiplas vozes de outros personagens da comédia. O dramaturgo deixou que o clamor de todos seus personagens, dos bobos ao Rei, do embaixador Licas aos enamorados fosse ouvido como metáfora de um grito de socorro frente às tragédias do reinado de Dom João V:

71 NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. 2008.p.2.

Esfuziote. Para viver; e é tão pouco? Pois enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.
Sanguixuga. Que mais hei-de dizer? Vossa Senhoria não me entende já o que quero dizer?

Ariadna. Monstro feroz e indómito! Mas, ai de mim, que vejo?

Licas. Teseu, Príncipe de Atenas, foi sobre quem este ano caiu a infeliz sorte do tributo; tão rigoroso é o escrutínio, que nem a sua régia pessoa se pode isentar.

Rei. Oh, tirana sorte! Para isto me dilataste a vida, supremo Jove?

Numa época em que o labirinto da Inquisição com seus minotauros antropófagos, perseguiu, matou e queimou centenas de artistas, pensadores e autores, Antônio José, com seu teatro burlesco, de forma corajosa ora por meio de alegorias e de outras formas cifradas ora de forma clara e destemida, registrou nas vozes de seus personagens cômicos, seu fado e drama, cujo único pecado teria sido como clama Teseu “eternizar a minha fineza apesar da minha morte!”⁷²

72 SILVA, Antônio José da. 1958. p.57.

O LABIRINTO DE CRETA

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU

Ópera que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa,
no mês de novembro de 1736.

ARGUMENTO

Sucedendo matarem os Atenienses em um torneio a Androgeu, filho de Minos, rei de Creta, este, para vingar a morte do filho, depois de reduzir Atenas à sua obediência, como vencedor lhe impôs um rigoroso tributo, de que lhe pagaria todos os anos sete mancebos, que seriam sorteados por não haver exceção na qualidade das pessoas de cujo feudo se alimentava o Minotauro que existia no Labirinto fabricado por Dédalo. Caiu aquele ano a sorte sobre Teseu, príncipe de Atenas, que, sendo para esse efeito conduzido a Creta, o intentaram com indústrias libertar Fedra e Ariadna, filhas do mesmo Minos. Até a saída de Creta logrou Ariadna as primeiras estimações em Teseu, ainda que ao depois preferisse a Fedra, deixando a Ariadna em uma deserta ilha; porém, como só tratamos nesta obra dos sucessos de

Teseu em Creta, por essa razão se manifesta a Teseu mais amante de Ariadna que de Fedra. – O motivo que se toma para o entrecho da presente obra é o considerar-se a Teseu já devorado pelo Minotauro; e, sendo reputado por morto, manter-se este engano até o fim, triunfando do furor do Minotauro, do enleio do Labirinto e das iras de Minos.

INTERLOCUTORES

Teseu: príncipe de Atenas, amante de Ariadna;

Minos: rei de Creta;

Lidoro: príncipe de Epiro, amante de Ariadna;

Tebandro: príncipe de Chipre, amante de Fedra;

Dédalo: com barbas;

Licas: embaixador de Atenas;

Ariadna: filha de el-rei Minos;

Fedra: filha de el-rei Minos;

Taramela: criada de Ariadna;

Sanguixuga: velha, criada de Fedra;

Esfuziote: gracioso, criado de Teseu;

Soldados.

A cena se figura em Creta

CENAS

PRIMEIRA PARTE

CENA I – Bosque e marinha.

CENA II – Templo de Vênus e Cupido.

CENA III – Câmera.

CENA IV – Gabinete.

CENA V – Sala régia.

SEGUNDA PARTE

CENA I – Câmera.

CENA II – Labirinto.

CENA III – Sala.

CENA IV – Gabinete com espelho.

CENA V – Sala de colunata.

CENA VI – Labirinto.

CENA VII – Bosque e marinha.

PRIMEIRA PARTE

CENA I

Bosque e Marinha, e haverá no lado do teatro uma gruta e depois de se ver no mar uma armada flutuando com tempestade, sairão por junto da marinha Teseu e Esfuziote, tropeçando e caindo em terra sem ver um ao outro.

TESEU – Valha-me o Céu! (*Cai*).

ESFUZIOTE – Valha-me a terra! (*Cai*).

TESEU – Haverá, como eu, homem mais infeliz?

ESFUZIOTE – Haverá infeliz mais homem do que eu?

TESEU – Pois parece que, conjurados os deuses, os fados e os elementos contra mim, nem nos Deuses acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.

ESFUZIOTE – Pois, apesar dos ventos, das ondas e tubarões, me vejo são e salvo nesta praia.

TESEU – Mas ai, infelizes companheiros meus, se naufragantes nesse golfo tivestes urna cristalina, mais líquido monumento nas minhas lágrimas erijo a vossas memórias, para que leia a posteridade nos cenotáfios¹ de meus suspiros a vossa lembrança e o meu agradecimento.

ESFUZIOTE – Ora bom é contar da tormenta, que melhor é estar pingando nesta ribeira feito chafariz da praia, do que ser fonte da pipa em vasa-barris.

TESEU – A esta deserta praia me conduziram as minhas infelicidades, adonde até para o alívio me falta a comunicação dos viventes. Mas que vejo! Tu não és Esfuziote?

ESFUZIOTE – E vós, Senhor, não sois Teseu?

TESEU – Tal estou, que não sei quem sou; mas diz-me como, indo a pique o nosso navio, te pudeste salvar!

ESFUZIOTE – Porque sempre fiz boas obras.

TESEU – Já te julgava morto entre as ondas.

ESFUZIOTE – Senhor, a minha fortuna esteve em achar uma âncora a que me agarrei e sobre ela vim boiando, até dar comigo nesta praia, onde tenho a

1 *Cenotáfio* – Monumento sepulcral erigido em memória de defunto sepultado em outro lugar.

fortuna de te ver, pois também entendi estarias a estas horas coberto de limos e caramujos.

TESEU – Para quê, soberanas deidades, defendestes a vida de um infeliz? Para quê, propícias, me livrastes desse salobre marinho monstro das águas, se quando me redimis da morte, é só para perder a vida?

ESFUZIOTE – Eis aqui o que eu não aturo! De sorte, Senhor, que quando te vias na tempestade, tudo eram votos, lágrimas e promessas; e agora, ingrato contra o Céu, depois que te vês em terra firme, acusas a piedade dos deuses, que te livraram? Ora, Senhor Teseu, ponhamo-nos de joelhos, e com a boca na areia escrevamos com a língua louvores a Baco, que nos livrou de bebermos água salgada.

TESEU – Deixa-me, Esfuziote, precipitar-me outra vez nessas ondas, para que com este arrojo emende o erro dos fados.

ESFUZIOTE – Esfuziote Isso é falar!

TESEU – Pois tu ignoras o meu valor? Não sabes que sou Teseu?

ESFUZIOTE – Eu bem sei que é o valeroso Teseu, príncipe de Atenas, cujas façanhudas obras fizeram, com que a fama deixasse o clarim, para ficar com a boca aberta: item, sei que é aquele Teseu companheiro de Hércules, que tem morto mais

gente do que eu piolhos; porém, *salva pace*, ainda me não consta que algum dia fizesses a heróica ação de te lançares ao mar e morrer afogado.

TESEU – Pois para que o vejas e contes ao Mundo que Teseu, como valente e estóico, antes que ignominiosamente perca a vida, procura sepultar-se nesse monumento de cristal.

[*Faz que se lança ao mar*]

ESFUZIOTE – Tenha mão, Senhor; veja que aquilo não é cristal; são águas vivas, que matam a gente! Ora persuado-me que na tormenta fizeste algum voto de morrer afogado.

TESEU – Deixa-me, Esfuziote, ser piedoso esta vez comigo.

ESFUZIOTE – É boa obra pia querer matar-se a si mesmo!

TESEU – Para que quero eu viver?

ESFUZIOTE – Para viver; e é tão pouco? Pois enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

TESEU – Ai, mísero de mim!

DENTRO, DÉDALO – Ai, infeliz!

TESEU – Não ouviste, Esfuziote, uma funesta voz?

ESFUZIOTE – Eu bem a não quisera ter ouvido, nem ouvidos nesta hora! Ai, Senhor, que será isto?

DENTRO – Ao bosque, à selva!

DENTRO, ARIADNA – Adonde te esconderás, cerdoso bruto, do acelerado furor das minhas setas?

TESEU – Venatórias vozes são as que agora ouvi!

ESFUZIOTE – Aqui valerá mais a caça grossa do que a fina.

TESEU – Em que país estaremos?

ESFUZIOTE – Pois sempre cuidei que estávamos em alguma deserta praia, em que somente reina o birbigão com a ajuda das ameijoadas.

[*Coro*]

Chegai, moradores de Creta, chegai;

oferecei, dedicai

a vítima pura de uma alma rendida

ao Templo divino de Vênus e Amor.

TESEU – Espera! Não ouves ao longe sonoras vozes de festivos hinos?

ESFUZIOTE – Já que supões que eu sou surdo, quero também imaginar que és cego: não vês descer por aquele monte uma formosa tropa de bailarinas?

TESEU – Que variedade de afetos ao mesmo tempo admiro nesta que julguei bárbara e tosca montanha! Que te parece isto?

ESFUZIOTE – Se o nosso navio aportasse em Creta, para donde levava direito o rumo, dissera, Senhor, que estávamos em o labirinto de Creta.

TESEU – Oh! Não me fales em Creta, que não foi pequena fortuna o não estarmos nela; mas afirmo-te

que não posso penetrar o motivo de tão diferentes e discordes vozes; pois quando da cavernosa boca daquele rochedo ouvi o funesto eco, que dizia...

DENTRO. DÉDALO. – Ai, mísero de mim! Ai, infeliz!

TESEU – E ao mesmo tempo escutar o vago estrépito de venatórias vozes, proferindo confusas...

DENTRO – Ao monte, à selva, tó, tó!

TESEU – E isto acompanhado de sonora melodia de acordes acentos articulando alegres...

[*Coro*]

Chegai, moradores de Creta, chegai
ao Templo divino de Vênus e Amor.

ESFUZIOTE – Senhor, façamos aqui ponto de
admiração, que as ninfas já se vêm aproximando.

TESEU – Pois ocultemo-nos nesta gruta, só por ver
isto no que para.

ESFUZIOTE – Vá feito; mas, a meu ver, isto não para
aqui.

*[Escondem-se na boca da gruta e sairão umas ninfas
dançando ao som do Coro, e saem Sanguixuga,
Taramela e Fedra, e canta o Coro]*

[*Coro*]

Chegai, moradores de Creta, chegai
ao Templo divino de Vênus e Amor.

SANGUIXUGA – – Anda rapariga, não te tresmalhes e te percas por esses montes.

TARAMELA – Ai, tia, que já vou mui cansada!

ESFUZIOTE – Se quiser descançar e fazer penitência comigo nesta cova, não faça cerimônia; entre cá para dentro.

TARAMELA – Ai minha tia, que me falaram daquela cova! [*Vai-se*]

SANGUIXUGA – – Foge, Taramela, que será algum sátiro selvagem. [*Vai-se*]

ESFUZIOTE – Senhor, não sabe que travessos olhos são os daquela rapariga!

TESEU – Atende e não fales.

[*Sai Fedra*]

FEDRA – Não cessem, ninfas, os reverentes cultos que em harmoniosos hinos dedica o nosso afeto às deidades de Vênus e Cupido, por ver se com a nossa melodia se aplaca o seu furor.

TESEU – Viste mais peregrina formosura?

ESFUZIOTE – Atenda e não fale.

FEDRA – Prossegui o acorde sacrifício de nossas vozes, dizendo...

[*Sai Tebandro*]

TEBANDRO – Galharda Fedra, para que te fatigas em subir a esse elevado templo de Vênus e Amor, se aqui neste lugar acharás as deidades que procuras?

FEDRA – Príncipe, não vos entendo.

TEBANDRO – Não buscas a Vênus e Amor?

FEDRA – Esse é o meu reverente intento.

TEBANDRO – Pois se buscas a Vênus, outra mais bela se admira em tua formosura; e se queres amor, procura-o em meu peito, que nele o acharás.

FEDRA – Não é esse o amor a quem eu sacrifico.

TEBANDRO – Talvez que fosse bem empregada a vítima desse afeto nas aras deste amor, que, sem a impropriedade de cego, tem mais olhos do que Argos, para admirar-te, e mais chamas, que o Vesúvio para abrasar-me; admite, pois...

FEDRA – Basta, Tebandro; basta, príncipe de Chipre! Se me julgais deidade, não queirais sacrílego ultrajar o meu decoro com tão impróprios sacrifícios, que mais ofendem do que aplacam.

TESEU – Irei impedir-lhe não passe a mais o seu atrevimento; pois, antes de ter amor, já sinto zelos.

ESFUZIOTE – Ui, Senhor! Vossa mercê é o guardadamas? Deixe à gente fazer o seu amor? *Quod tibi non vis, alteri non facias.*²

TEBANDRO – Senhora, se atrevido o meu rendimento chegou...

FEDRA – Não mais, príncipe; não mais! Mas, ai de mim, que já as ninfas do coro vão mui distantes! Vou-me em seu seguimento. [*Vai-se*].

² *Quod tibi vis...* – não faças a outrem o que não queres para ti.

TEBANDRO – Ai de mim, que Fedra, cruel contra o meu amor acelerada se ausentou! Porém, se te apartas, tirana, por não ouvir as minhas vozes, o mesmo vento, que te deu asas para a fuga te levará os ecos dos meus suspiros.

[*Canta Tebandro a seguinte ária*]

[*Ária*]

Se foges, tirana,
de ouvir meus suspiros,
suspende os retiros;
porque de meus ecos
Não podes fugir.
Oh, quanto te enganas,
no mal, com que abrasas,
se Amor, que tem asas
te sabe seguir! [*Vai-se*]

[*Saem Teseu e Esfuziote da gruta*]

TESEU – Oh, quanto me arrependo, Esfuziote, de não haver saído da gruta, para admirar de mais perto aquela soberana beleza e castigar a temeridade daquele atrevido Faetonte, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

ESFUZIOTE – Tudo quanto os deuses fazem é por melhor.

DENTRO – À selva, ao bosque!

DENTRO. ARIADNA – Deuses, valei-me; quem me socorre?

TESEU – Daquele vizinho bosque não ouviste sentidas e aflitas vozes de uma mulher?

ESFUZIOTE – Senhor, eu não sei que nas vozes haja macho e fêmea.

DENTRO. ARIADNA – Deuses, valei-me!

TESEU – De mulher é a voz, não há dúvida; em que me detenho, que não vou a socorrê-la? [*Quer ir-se*].

DENTRO. DÉDALO – Ai, mísero de mim!

DÉDALO E ARIADNA – Ai, infeliz!

TESEU – De uma mesma causa parece nascem tão diferentes vozes. A qual das duas acudirei primeiro?

ESFUZIOTE – Eu, Senhor, aqui não tenho voz ativa nem passiva.

DENTRO. ARIADNA – Não há quem me socorra?

TESEU – Sim, há. [*Vai-se*].

ESFUZIOTE – Ah, Senhor, espere; não me deixe aqui só em poder destoutra voz, que sou capaz de ficar sem fala.

[*Sai Teseu com Ariadna desmaiada*]

TESEU – Que estranho sucesso! Que venturoso acaso! Pois, a não ser eu, seria esta infeliz beleza despojo da ferocidade de uma fera!

ESFUZIOTE – É fera desgraça! É fera beleza! É fero desmaio!

TESEU – Belíssima deidade, cesse o violento eclipse de teus raios, que os astros dependentes das tuas luzes não podem brilhar, quando desfaleceis.

ARIADNA – Monstro feroz, e indômito! Mas, ai de mim, que vejo?

TESEU – Sossegai, Senhora, que eu não sou a fera que vos quis ofender.

ESFUZIOTE – Nem eu tão pouco.

TESEU – Que êxtase vos suspende os alentos? Ainda não credes que sou quem vos defende e não quem vos ofende?

ARIADNA – Como ignoro o modo de agradecer tão generosa ação, que muito me faltem as vozes e me sobrem as admirações?

TESEU – Uma casualidade não é digna de agradecimento; mas, já que o destino me conciliou a fortuna de ser eu o ditoso instrumento da vossa vida, quisera vos compadecêsseis da minha, que em paroxismos já quase falece às mãos de uma doce violência.

ARIADNA – Eu vos prometo defender a vossa vida, já que tanto me encareceis o seu perigo; e assim dizei-me: qual é o delito que vos obriga a viver foragido entre essas brenhas? Que gentil presença! [À parte].

TESEU – Senhora, sendo vós a culpada, eu é que sou o delinquente.

ARIADNA – Não entendo esse novo modo de acusar.

TESEU – Dai-me licença que me explique.

ARIADNA – Dizei.

ESFUZIOTE – Ei-lo aí meu amo namorado! Estamos bem aviados! [*À parte*]

TESEU – Essa animada esfera de beleza, que em atrativos incêndios, sendo luminoso ímã de meu peito, foi luzida rêmora de meu alvedrio, que, perdendo este a natureza de livre, se considera preso, para aumentar os despojos no carro do amor.

ARIADNA – Que é amor? Estais louco? Adverti que o ignorares quem eu sou e o achar-se obrigada a minha vida ao vosso braço faz com que reprima o castigo dessa temeridade. Oh, dura lei do decoro, pois me hei de ofender do mesmo que me agrada! [*À parte*]

ESFUZIOTE – Toma lá esse pião na unha! Ainda bem! Quanto folgo! [*À parte*]

TESEU – Notável é o vosso rigor!

ARIADNA – Maior é o vosso atrevimento. Oh, que espírito digno de animar o peito de um príncipe! [*À parte*]

TESEU – Já que a vossa tirania é igual à vossa beleza, permiti ao menos que vos ame cá dentro em meu peito, para que os fumos da vítima não escureçam as luzes da vossa divindade.

ARIADNA – Para isso não é necessário licença minha, que não posso impedir os efeitos do alvedrio.

TESEU – Visto isso, poderei, amando comigo, esperar ser ditoso algum dia?

ARIADNA – Bem podeis esperar; porém sem esperança. Valha-me amor, ou não me valha, pois me quer precipitar! [*À parte*]

TESEU – Desenganai-me, Senhora, para que ou com a esperança se alente o meu amor, ou acabe a minha vida na desesperação.

ARIADNA – Não sei o que vos diga. Vou-me, antes que a língua obedeça aos impulsos do coração.
[*À parte. Quer ir-se*]

TESEU – Sem dar-me reposta, não é razão que vos vades; já que abatestes os voos ao meu amor, deixai ao menos voar a minha esperança.

ESFUZIOTE – Senhor, olha que te deitas a perder no que pedes; pois, se queres que voe a tua esperança, ficarás sem ela.

TESEU – Deixa-me, louco. Dizei-me, Senhora: serei feliz?

ARIADNA – Eu vo-lo digo.
[*Canta Ariadna a seguinte Ária*]

[*Ária*]

Dois finos afetos
nesta alma conservo:

um deles reservo.
Se é amor, ou piedade,
dizê-lo não sei.
Porém, se no extremo
porfias constante,
afeto de amante
que seja, farei. [*Vai-se*]

TESEU – Espera, esquiva deidade; se queres correr
mais ligeira, deixa o alvedrio que me levas, e leva
as penas que me deixaste.

ESFUZIOTE – Entendo que se agora viera outra ninfa,
terceira vez te namoravas!

TESEU – Ai, Esfuziote, que me sinto abrasar em vivo fogo!

ESFUZIOTE – Pois lança-te agora ao mar, que é boa
ocasião. Mas dize-me, Senhor: quando viste a
Fedra, não querias matar ao Príncipe de Chipre
com zelos dela? Pois como tão depressa te queres
matar a ti pelo amor desta senhora caçadora?

TESEU – Não injuria ao Sol quem antes de o ver
adorou uma Estrela; porém, depois de visto o seu
resplendor, seria agravo de suas luzes não preferi-
las a todos os astros.

ESFUZIOTE – Vês, Senhor? Se eu te deixara lançar ao
mar, como querias, não tiveras visto agora tanta
formosura; não te arrebatas; não te namoraras;
não te abrasaras, e...

TESEU – E não te matara também; pois, se me não impediras lançar-me a estas águas, não sentira agora esta violenta chama de amor; e, pois, tu és a causa desta violência, sentirás parte do estrago, que me arruína. [*Dá-lhe*]

ESFUZIOTE – Ai, Senhor! Para que me dá agora esse esfuziote?³ Deixe por ora esses namoricamentos, lembre-se que o espera a devorante goela de um Minotauro.

TESEU – Ainda por isso duplicas mais a tua culpa, pois com o precipício do mar escusara sentir as fúrias destes monstros de amor e Minotauro. Ai, tirano Esfuziote, que me privaste do maior bem, que era o morrer!

ESFUZIOTE – Ui, Senhor! Não seja essa a dúvida! Se só por uma causa te querias matar, agora, que tens duas, toma duas mortes.

DENTRO. DÉDALO – Acabem-se já por uma vez tantos pesares; rebente a mina, única ideia do meu desafogo.

ESFUZIOTE – Ai, Senhor, que ali há mina! Vamo-nos a ela! Ai! Mina temos? Grande fortuna me espera.

[*Ao ir-se chegando Esfuziote para dentro da gruta, rebenta esta com estrondo e labareda e ficará Esfuziote submergido debaixo das ruínas, das quais sairá Dédalo.*]

3 *Esfuziote* – repreensão.

ESFUZIOTE – Ai! Quem me acode, que dei à costa na mina?

TESEU – Que horrendo estampido! Parece que a terra, pressaga da minha ruína, em estragos publica a minha desgraça.

[*Sai Dédalos*]

DÉDALO – Valha-me o Céu!

TESEU – Que foi isto Esfuziote? Levanta-te. Mas que novo espetáculo se oferece à minha admiração! Quem és, espantoso aborto desta penha?

DÉDALO – Sou um mísero infeliz e tão desgraçado, que a Terra, sendo mãe comum para todos, a mim de si me arroja, como madrasta.

ESFUZIOTE – Senhor Teseu, ressuscite-me desta espelunca, adonde estou enterrado.

TESEU – Esperai; não vos vades, enquanto vou acudir a este pobre criado que jaz oprimido debaixo da ruína daquela gruta.

ESFUZIOTE – Ande depressa, Senhor, que estas pedras me não edificam muito.

TESEU – Ergue-te, anda; é bem feito, para castigo da tua ambição! Quem te mandou ir ver a mina?

ESFUZIOTE – Por quê? Tão fraca é a minha ambição, que tiveste pavor de chegar a essa mina? Mas, ai de mim, que estou minado de dores e tomara alguma contramina, que me sarasse os ossos!

TESEU – Homem, quem quer que és, comunica-me a causa das tuas penas, pois, segundo o arrojo que intentaste, parece nascida de algum extraordinário motivo.

DÉDALO – Se supões extraordinária a causa deste excesso, como posso fiar de ti a narração de meus sucessos sem saber com quem falo, pois no silêncio conservo a minha vida? E assim, sabendo primeiro quem tu és, então saberás quem eu sou.

ESFUZIOTE – Este sem dúvida é aquele Senhor da voz grossa, que nos metia medo!

TESEU – Para que vejas que a minha curiosidade é sincera, quero dizer-te quem sou, para que da minha pessoa possas inferir que sou capaz de ser instrumento da tua felicidade. Depois que os Atenenses bárbara e aleivosamente em um torneio mataram ao príncipe Androgeu, filho de Minos, Rei de Creta, este, justameme indignado contra os Atenenses, fazendo uma liga ofensiva com os príncipes do Arquipélago, se lançaram sobre Atenas, para ressuscitar com o estrépito das armas o marcial espírito de Androgeu. Três anos esteve Atenas cercada e reduzida à ultima miséria; até que, para salvar os prostrados fragmentos de tantas vidas, que inermes pereciam à violência da fome e da corrupção, levantando-se o povo

tumultuariamente, capitularam com El-Rei Minos, oferecendo-se à sua discricção.

ESFUZIOTE – Tudo aquilo me contava minha avó.

Teseu – O bárbaro Rei, vendo que de uma vez não podia beber o sangue dos Atenienses, impôs o rigoroso tributo de que todos os anos pagasse Atenas sete mancebos para alimento de um monstro, que chamam Minotauro, que dizem habita dentro em um labirinto.

DÉDALO – Ai de mim!

TESEU – Quê? Suspiras?

DÉDALO – Prossegui, que os meus suspiros não são sem fundamento.

TESEU – Era, pois, a forma deste tributo, sem exceção de pessoa alguma, por mais soberana que fosse; para o que todos em uma urna lançavam os seus nomes e por sorte se tiravam sete mancebos, que se enviavam para Creta a serem combustível feudo do Minotauro.

ESFUZIOTE – Se isto não estivera em letra redonda, haviam de dizer que era mentira.

TESEU – Este ano (ai, infeliz!) entre os sete do tributo fui eu um deles; que nem o nascer filho de El-Rei de Atenas e ser o valeroso Teseu, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foi bastante para isentar-me deste tributo; para o que, preparada uma armada,

vínhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, não sei se propícios ou indignados, depois de ser ludíbrio das ondas, despedaçando o nosso baixel, sem dúvida perecera, se uma tábua dele não fora o golfinho de minha vida, que piedoso me conduziu a estas praias, sem saber aonde estou. E, pois já te tenho satisfeito, fia agora de mim os teus sucessos, para que aches em minha generosidade o favor que as tuas misérias estão conciliando.

ESFUZIOTE – Vejamos agora o com que se descarta este barbado.

DÉDALO – Quando eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens, acho que há outros que nasceram com mais infeliz estrela.

TESEU – Explica-te; não me tenhas suspenso.

ESFUZIOTE – Vamos, Senhor, diga alguma coisa, ainda que seja uma fábula.

DÉDALO – Eu sou, generoso príncipe, o infeliz Dédalo, aquele, que por suas extraordinárias máquinas e sublimes invenções se tem feito conhecido por todo o Mundo.

TESEU – Basta que sois aquele célebre Dédalo, cujas artificiosas ideias têm merecido os elogios do Orbe! Não sabeis quanto me alegre ver um homem tão grande.

ESFUZIOTE – Basta que vossa mercê é o Senhor Dédalo,

padre mestre das minas apesar do meu corpo? Ai, espere; vossa mercê não é o pai do Senhor Ícaro?

DÉDALO – Tu conhecestes a Ícaro, meu filho?

ESFUZIOTE – Eu não, Senhor; mas lembra-me de o ver pintado com umas asas, que, caindo em um rio, se foi como um passarinho.

TESEU – Cala-te néscio; prossegui, Dédalo.

DÉDALO – Prossigo. Vivendo eu na Corte de El-Rei Minos de Creta, com a estimação que mereciam as minhas raras ideias sucedeu que Vênus, indignada contra o Sol, que em certa ocasião patenteou as suas torpezas, não podendo vingar-se em suas luzes, pediu a seu filho Cupido que contra a Rainha Pasife⁴ fulminasse o seu rigor, fazendo Cupido, a instâncias de Vênus, que Pasife se namorasse de um Touro.

ESFUZIOTE – De um Touro?! Teve muito bom gosto a Senhora Patife.

DÉDALO – Pasife, combatida de tão torpe e nefando amor, pediu-me que lhe desse remédio a tão louco incêndio em que se abrasava, fazendo com alguma máquina minha, com que ela pudesse lograr o seu intento, antes que a sua cegueira produzisse olhos que vissem publicamente esta nunca vista temeridade de Cupido. Eu, enfim, por escusar

⁴ *Pasife* – mulher de Minos e mãe do Minotauro.

maior escândalo, me resolvi a fabricar uma vaca, com tanto artifício, que apenas se distinguiu das outras viventes; pois no movimento e aspecto, parece quis esta vez competir a arte com a natureza.

ESFUZIOTE – E essa vaca havia de ser deleite para Pasife.

DÉDALO – Fabricada assim a vaca, por uma escotilha que nela fiz se introduziu Pasife, em cuja figura artificiosamente transformada foi fácil enganar ao Touro a quem amava. O demais cala-o o silêncio, porque se não ofenda a modéstia.

ESFUZIOTE – Sim, bem entendo; sim, Senhor; o touro e a vaca, etc.

DÉDALO – Deste nefando amor nasceu um monstro de duas espécies, pois era meio homem e meio touro, por cuja causa o chamaram Minotauro.

ESFUZIOTE – Desses monstros há muitos no Mundo.

TESEU – Ai Dédalos, que tu foste a ocasião da minha desgraça!

DÉDALO – E também da minha! Ora atende. Vendo Minos naquele monstro a sua perpétua infâmia, me ordenou que para morada dele fabricasse um estupendo e grande palácio, com tão equívocas entradas, e saídas, que quem nele se introduzisse, não pudesse atinar com a porta para sair, ficando preso na sua mesma liberdade; que por este enredado artifício se chamou o Labirinto de Creta.

TESEU – Segunda vez te considero artífice de minhas infelicidades.

ESFUZIOTE – Que direi eu, que tenho o corpo esparramado?

DÉDALO – Enfim, como não há coisa que se não saiba, quis a minha desventura que chegasse à notícia de El-Rei Minos que eu tinha cooperado para o nascimento de Minotauro, por cuja causa me mandou encerrar no mesmo Labirinto que eu fabriquei, na parte mais inferior dele, adonde a minha indústria e desesperação fez com que, minando com ardentes materiais as entranhas da terra, saísse desta gruta, como viste.

TESEU – Visto isso, estamos em Creta, e às portas do labirinto!

ESFUZIOTE – E às portas da morte! Ora o certo é, Senhor, que donde hás de ir não hás de mentir; por isso, tanto que eu pus os narizes em terra, logo me cheirou a labirinto.

TESEU – Ninguém pode isentar-se da violência dos fados.

DÉDALO – Príncipe, já que neste bosque de ninguém fostes visto, escondi-vos nesta mesma mina, até que tenhais ocasião de fugir da morte que vos espera.

TESEU – Que quer dizer fugir? É ação que nunca exercitei. Que dirá o Mundo, se se disser que Teseu

fugiu da morte e que o acobardou um monstro, quando tantos tenho vencido?

ESFUZIOTE – Não tem que se cansar, que este Senhor anda morto por se matar.

DÉDALO – Como vos não quereis esconder e certamente haveis de ir parar ao labirinto, eu, por acompanhar-vos nele, me resolvo a ser outra vez habitador da sua confusão, para que ao menos com a minha indústria possais vencer esse monstro, e vingarmo-nos desse tirano Rei que à vossa Pátria e a mim tanto ofende.

TESEU – Ó Dédalo, eu te prometo que, se entro em Atenas triunfante, serás em minha corte premiado, como merece tão generosa ação.

DÉDALO – Pois adeus, príncipe, que lá te espero.
[*Torna a ir-se pela gruta*]

ESFUZIOTE – Adeus, Senhor Dédalo; vossa mercê faça muito boa jornada.

TESEU – Adverte, Esfuziote, que, se revelares o que ouviste, serás castigado por EI-Rei meu pai, pois o braço de um rei chega a toda a parte; e, se fores fiel e eu tiver a fortuna de vencer este monstro, te prometo um prêmio igual à tua lealdade.

ESFUZIOTE – Senhor, nem todos os criados hão de ser mexeriqueiros; peça a Deus que me tenha mão na língua, que eu da minha parte farei o que puder, ainda que me custe.

[*Sai Licas, embaixador.*]

LICAS – Ai, Teseu, que infeliz ventura foi a minha! Pois quando te julguei naufragante nessas ondas pela tormenta, em que tantos baixéis da nossa armada pereceram, aqui te venho a encontrar, depois de procurar-te por toda essa marinha, para seres alimento do Minotauro: Oh, que desgraça!

TESEU – Licas amigo, muito me alegre de ver-te; e, pois que em Creta vives com o caráter de embaixador de Atenas, para fazeres a funesta entrega dos sete infelizes tributários do Minotauro, vem a apresentar-me a esse tirano Rei, para que sacie em nosso sangue a sede de sua impiedade.

LICAS – Oh, quem não tivera tal incumbência!

ESFUZIOTE – Ah, Senhor Embaixador! Saiba Vossa Senhoria que eu não morri na tormenta.

LICAS – Estimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Teseu.

TESEU – Dizei-me primeiro quem era uma ninfa, que, seguida de outras, em um festivo coro por aqui passou, chamada Fedra?

LICAS – É uma infanta, filha mais velha del-Rei, que com a bela comitiva iam para o templo de Vênus e Cupido, a quem sacrificam todos os anos, para que se aplaque o seu rigor, fazendo com que cesse a infame injúria do Minotauro.

TESEU – E não era mais fácil matar o Minotauro, para que cesse a sua afronta?

LICAS – Não, que este monstro, como consagrado a Vênus e Cupido, corre por conta destas deidades a sua conservação.

ESFUZIOTE – E diga-me, Senhor Embaixador: quem era uma semininfa, chamada Taramela, que também ia nessa turbamulta raparigã; e por sinal que quando andava levantava os pés do chão?

TESEU – Não te calarás?

ESFUZIOTE – Ui, Senhor! Cada qual pergunta pelo que lhe pertence!

TESEU – E quem era outra ninfa, que no exercício da caça a livrete da ferocidade de uma fera?

LICAS – Seria sem dúvida a infanta Ariadna, filha também del-Rei Minos, que mais adora a Diana nos bosques do que Teseu.

TESEU – Ai, Licas, que essa Ariadna...

LICAS – Senhor, vamos! não cuides por ora nisso.

TESEU – Foi a homicida...

ESFUZIOTE – Senhor, lembre-se da sua alma e deixe Ariadna.

TESEU – Da minha vida, primeiro que o Minotauro...

LICAS – Vamos, Senhor.

[*Vai-se*]

TESEU – Vamos, Licas! Ai, Ariadna!

[*Vai-se*]

ESFUZIOTE – Ai, Minotauro!

[*Vai-se*]

CENA II

Templo com as estátuas de Vênus e Cupido e uma pira ardendo. Sai Lidoro, e canta-se o seguinte

[Coro]

Chegai, moradores de Creta, chegai
ao templo divino de Vênus e Amor.

LIDORO – Quis antecipar-me neste templo de Vênus e Cupido, por ver se nele encontro a bela Ariadna, e mostrar-lhe a sem-razão de sua tirania e o justo motivo de meu incêndio; pois sem que me valha o ser príncipe de Epiro e ter deixado a minha corte, por vir a esta de Creta, só a pretender o seu ditoso himeneu, contudo o seu rigor sempre implacável se mostra às minhas finezas. Ó deidades soberanas de Vênus e Amor, em cujas aras arde a vítima de meu coração, fazei que seja ditoso quem sabe ser amante.

ARIADNA – Que violenta vinha algum dia a este Templo de Vênus e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquele... Mas quem está aqui?

LIDORO – Quem há de ser, senão uma sombra inseparável do vosso Sol, que por influxo desse mesmo astro se considera Clície⁵ de vosso resplendor?

5 *Clície* – uma das ninfas amadas por Apolo.

ARIADNA – Bem pudéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor! Não tem bastado tantos desenganos, para despersuadir-vos que mais fácil será que o Sol não alumie, que a escuridade resplandeça e que o fogo esfrie, que no meu peito possa haver amor com que possa responder-vos?

LIDORO – Enfim, Senhora, esse é o último desengano da vossa tirania?

ARIADNA – Admiro-me que tenhais este desengano pelo último, quando pudéreis fazer esse conceito do primeiro.

LIDORO – Assim premiais as minhas finezas?

ARIADNA – Para que as obrastes sem minha licença, sabendo que nisso me ofendíeis?

LIDORO – Pois para que não vos ofenda quem só vos deseja agradar, eu me retiro dos vossos olhos, que só por dar-vos esse prazer, serei cruel para comigo.

[*Quer ir-se*]

[*Saem o Rei, Fedra e Tebandro.*]

REI - Lidoro que é isso? Quando todos vimos a este anual sacrifício, que em oferecimento reverente consagra o nosso rendimento nas aras dessas deidades de Vênus e Amor, te retiras?

LIDORO – Senhor, a procurar-te ia, vendo que tardavas.

REI - Fedra, Ariadna, não cessem as vossas rogativas, para que essas deidades, menos indignadas nos

livrem da perpétua infâmia desse Minotauro, como labéu afrontoso da nossa régia estirpe. Ai, Pasife frágil, seja a tua memória abominável nos séculos futuros!

TEBANDRO – Senhor, temo que essa melancolia te acabe a vida. Lembra-te que és El-Rei Minos, para que com a tua constância toleres os golpes do pesar.

FEDRA – Senhor, Vossa Majestade deve buscar algum meio eficaz, para que cesse a sua mágoa e a nossa afronta.

LIDORO – Tudo poderá ter remédio, exceto o meu tormento. [*À parte*]

ARIADNA – Senhor, se estamos neste templo de Vênus e Amor, porque não consultas o seu Oráculo, para que nos declare quando terá fim a vida do Minotauro?

REI - Ariadna, esse conselho é filho do teu sutil engenho; pois atenção, que nesta forma consulto o seu Oráculo, Vênus soberana, compadecida a nossos gemidos e grata a nossos votos, declara-nos quando terá fim a vida do Minotauro, cuja existência aviva a nossa ignorância.

[*Canta o Oráculo o seguinte:*]

Quando desse biforme monstro horrendo
vires ser alimento combustivo
um vivo morto e um morto vivo.

REI - Enigmática e prodigiosa é a reposta, pois diz que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe servir de alimento um vivo morto, e um morto vivo. Quem viu maior confusão?

LIDORO – É estilo dos Oráculos responderem por enigmas.

FEDRA – Que prodígio!

LIDORO – Ainda em maior dúvida ficamos; pois como poderá servir de alimento um morto vivo e um vivo morto?

TODOS - Quem será este morto vivo?

DENTRO. LICAS.

[*Teseu, entra.*]

REI - Teseu disseram ali; parece mistério o que seria casualidade.

TEBANDRO – Casualidade é; pois quem poderá ser morto e vivo ao mesmo tempo?

[*Saem Teseu, Licas e Esfuziote.*]

TESEU – Eu; eu sou, ó Rei Minos, o príncipe Teseu, um dos sete infelizes que Atenas envia para o feudo do Minotauro.

LICAS – Teseu, Príncipe de Atenas, foi sobre quem este ano caiu a infeliz sorte do tributo; tão rigoroso é o escrutínio, que nem a sua régia pessoa se pode isentar.

REI - Tudo o que vejo são prodígios! Vem, Teseu, a meus braços.

TESEU – Senhor, a teus pés se oferece quem já nem é senhor da sua vida para dedicar-te; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejara diminuí-los, para que mais depressa se satisfaça a tua vontade.

[*Ajoelha*]

REI - Levantai-vos, esclarecido Teseu, que suposto vos conduzisse a fortuna a tão infeliz estado, sereis entretanto respeitado como príncipe, e não como réu.

ESFUZIOTE – É muito boa consolação! Aquilo é o mesmo que engordar para matar.

ARIADNA – Ai de mim, que Teseu foi quem me livrou daquela fera no bosque!

[*À parte*]

FEDRA – Oh, que pudera livrar a Teseu de tão funesta morte, pois a sua presença conciliou em meu peito, não sei se amor, ou compaixão!

[*À parte*]

TESEU – Príncipe, sinto com a minha vida não poder remediar a vossa; porém o vosso valor será o lenitivo dessa infelicidade.

LIDORO – Teseu, os que nascemos príncipes, isentos da jurisdição humana, não nos podemos eximir da violência dos astros, que influem rigorosos; e assim, não é necessário lembrar-vos de quem sois, para infundir alentos ao vosso espírito.

TESEU – O meu agradecimento e as vossas piedades nesta ocasião são inúteis.

ESFUZIOTE – Que esteja meu amo recebendo em sua vida os pêsames da sua morte! É boa pachorra!

TESEU – Esfuziote, aquela não é a ninfa que eu tive em meus braços, desmaiada?

ESFUZIOTE – Sim, Senhor; ela é a mesma, e vejam o que tem crescido! Ah, Senhor, e também a outra é aquela outra.

REI - Dizei-me, embaixador: e todos os sete mancebos do tributo vêm com o príncipe Teseu?

LICAS – Como houve, Senhor, uma grande tempestade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceu, e dos tributários só se acham seis com o príncipe.

REI - Eu não hei de receber menos número que o de sete; pois nem ainda todo esse sangue é bastante para elidir as manchas de vossas aleivosias.

ESFUZIOTE – Este Rei será amigo de sarapatel!?⁶

[À parte]

TESEU – Senhor, sendo eu Príncipe, parece que valho por dois.

LICAS – E quando não, aqui está este criado, que completará o número dos sete.

ESFUZIOTE – Irra! Ah, Senhor embaixador, faça-me mercê de se não meter com as vidas alheias!

6 *Sarapatel* – refogado de carne de porco.

É boa graça!

LICAS – Não vêes que El-Rei está teimoso em que sejam sete, e não há senão seis; e como tu estás aqui, por força hás de ser um deles?

ESFUZIOTE – Senhor Minotauro, requeiro a Vossa Majestade...

TESEU – Adverte que El-Rei chama-se Minos, e não Minotauro.

ESFUZIOTE – De Minos a Minotauro pouco vai.

LICAS – Senhor, Vossa Majestade saiba que este homem é um tonto.

ESFUZIOTE – Sim, Senhor; sou tão tonto, que desse monstro não quero ser comido por concomitância, e logo requeiro a Vossa Majestade que o Minotauro me não pode comer.

REI - Por quê?

ESFUZIOTE – Porque é meu inimigo capital.

REI - Por isso mesmo te comerá.

ESFUZIOTE – Não, Senhor, que quem me quer mal me não pode tragar.

LIDORO – O homem é divertido; quero apurá-lo. Homem, o Minotauro não sabe fazer diferença de amigos e inimigos.

ESFUZIOTE – Ainda essa é pior! Pois, Senhor, eu desengano, que, se o Minotauro me come, bem lhe pode abrir a cova, que morre sem falta.

LIDORO – Por quê?

ESFUZIOTE – Porque sou um veneno.

LIDORO – Também o Minotauro é venenoso, e um veneno não mata outro veneno.

ESFUZIOTE – Para que se cansam, Senhores? Saibam que eu para alimento sou muito indigesto.

REI - Seja como for, eles hão de ser sete mancebos, os do tributo.

ESFUZIOTE – À que de Vossa Majestade, Senhor! Por força hão de ser sete mancebos.

REI - Assim foi a capitulação.

ESFUZIOTE – Pois eu não posso servir para isso.

LIDORO – Por que não?

ESFUZIOTE – Porque não; porque eu não sou sete mancebos, sou um só; e ainda esse sabe Deus o que vai por cá.

LIDORO – O Minotauro não há de engolir os sete mancebos juntos por uma vez, senão um a um.

ESFUZIOTE – Ui, Senhor! Que tem o Minotauro que se amancebar com a minha vida?

LIDORO – Senhor, o criado convém conservá-lo, que é galante.

REI - Andar; cuidaremos nisso! O embaixador hospede a Teseu. Lidoro, vem comigo.

[*Vai-se*]

LIDORO – Ainda sem esse preceito iria, só por não ver a uma ingrata, que tanto tiraniza os meus extremos.

[*Vai-se*]

FEDRA – Toda a minha alma ocupa a pessoa de Teseu.

Verei se acho algum meio de redimir a sua vida.

[*À parte e vai-se*]

TEBRANDO – Vamos, coração, a experimentar novas tiranias em Fedra.

[*À parte e vai-se*]

LICAS – Teseu, vem.

[*Vai-se*]

TESEU – Vai, que eu te sigo.

EUFIZIOTE – Vá-se cos diabos, embaixador de uma figa, que eu lhe pregarei.

TESEU – Belíssima Ariadna, que venturosa seria a minha morte, se eu levava a certeza de que ao menos na tua memória vivia conservado este extremo de meu amor! Lembra-te, bela homicida, não de me isentares da morte que me espera, mas sim deste amoroso tormento que me aflige.

ARIADNA – Teseu, quando no bosque vos considerei forasteiro, repreendi o vosso atrevimento; e agora que vos reconheço príncipe, estranho muito o vosso delito; e pois quando me destes a vida, prometi defender a vossa, estou pronta a cumprir a minha palavra. Ai, amor, quem pudera declarar-se!

[*À parte*]

TESEU – Não peço recompensa de uma ação que ao princípio não foi executada a vosso respeito, por

ser casual aquele arrojo do meu valor e natural obrigação de um generoso peito. Só desejara que não desprezásseis este bem nascido afeto de meu amor.

ARIADNA – Príncipe, aceitai por ora a minha recompensa, que quem vos ampara a vida talvez que a faça venturosa.

EUFIZIOTE – Aceita, Senhor, que ao mau pagador, paga-se em farelos.

TESEU – E quem me assegura essa esperança?

ARIADNA – Se não vos satisfazeis da minha palavra, solenemente o jurarei nessa imortal pira de Vênus e Amor.

TESEU – Pois eu também, para revalidar o meu voto, nessa chama de amor serei Fênix da minha fineza, para que das cinzas dos teus estragos renasçam os extremos dos meus ardores.

[*Canta Ariadna e Teseu o seguinte*]

TESEU – Ó tu, cândida filha do falso elemento.

ARIADNA – Ó tu, cega deidade, que as almas dominas,

TESEU – Sabei que eu, amante,

ARIADNA – Sabei, que eu, constante,

TESEU – Prometo abraçar-me de amor nos incêndios,

ARIADNA – Prometo guardar do príncipe a vida,

TESEU – Com fé inviolável,

ARIADNA – Com voto sagrado,

AMBOS – Da morte e da vida no último estado.

[*Vão-se*]

EUFIZIOTE – Não me pode esquecer alcovitar-me o Senhor Embaixador, para que eu fosse pastinho do Minotauro! Mas pelo sim, pelo não, já que me acho recolhido no sagrado deste templo, daqui não sairei, ainda que me deem a paus. Mas ai, que aí vem aquela moça chamada Taramela, que eu vi no bosque! Eu me escondo atrás desta estátua; para que me não veja, e observarei o que faz.

[*Põe-se Esfuziote atrás da estátua, e sai Taramela com uma vassoura na mão.*]

TARAMELA – Graças a Cupido, que já todos se foram e poderei sem empecilhos exercitar o voto, que tenho feito, de varrer todos os dias este templo de Vênus, para que me case com um moço França,⁷ destes de pasta na cabeleira e relógio de pendurucalhos!

EUFIZIOTE – Ai, que Taramela quer que Vênus a case! E ela o fará. Valha-me agora a indústria de amor.

[*Varrendo o templo, Taramela canta o seguinte*]

TARAMELA – Ai, amor, se me dás um marido, vassoura vivente do templo serei.

EUFIZIOTE – Quero fingir que sou Vênus.

⁷ *Moço França* – Há aqui uma crítica aos almofadinhas.

[*Canta Esfuziote o seguinte em falsete*]

Taramela, se queres marido,
aqui mesmo no templo, no templo o darei.

TARAMELA – Ai, que Vênus me respondeu favorável à
minha petição! Ó minha deusa, dissei-me outra vez
quem será o meu ditoso marido.

[*Canta Efuziote seguinte recitado em falsete*]

Teu marido será em teu conforto
um morto vivo e um vivo morto.

TARAMELA – Que galante reposta! Entendo que nunca
casarei; pois como pode ser meu marido um vivo
morto?

[*Sai Esfuziote*]

EUFIZIOTE – Agora eu! Sapiientíssima Taramela, um
naufrangante peregrino, combatido das ondas,
mareado dos mares, açoitado dos ventos e enjoado
das maresias vem hoje a oferecer o traquete do
seu amor aos joanetes de teus pés, para que,
dependurado no templo de tua formosura, se
ostente troféu da tua galhardia.

TARAMELA – Que galante coisa! Explique-se, que eu
ainda não sei o que vossa mercê me disse.

EUFIZIOTE – São efeitos do crepitante incêndio, que
o vulcão de meu peito transpira pelos metais do
idioma.

TARAMELA – Senhor estrangeiro, eu não entendo palavra.

EUFIZIOTE – Já que não entendes de estilos crespos, te falarei em frases estiradas. Eu, Senhora Taramela, sou um soldado da fortuna, que a venho buscar mais ditosa no matrimônio de vossa mercê.

TARAMELA – Tire-se para lá, não venha zombar da gente; ande, vá-se; deixe-me acabar de varrer, para que entre o lixo do templo encontre o marido que a deusa me promete.

EUFIZIOTE – Suspende, galharda ninfa, essa vossoura dos sentidos, essa escova das almas, esse basculho do coração, esse espanador das potências e esse esfulinhador dos afetos; pois já por ti me considero louco varrido.

TARAMELA – Ai, Senhor! Não me fale nisso, que eu sou muito sisudinha e uma moça donzela, que estou aqui para honra e casamento.

EUFIZIOTE – Se estás aqui para honra e casamemo, tudo achaste em mim.

TARAMELA – E de que sorte?

EUFIZIOTE – Eu te digo: se estás para casamenro, aqui tens marido; e se para honra, honra terás, se casares comigo; e não digo o mais, pois, sem saber se me queres, não te direi quem sou.

TARAMELA – Pois só saberei querer, quando souber quem vossa mercê é.

EUFIZIOTE – Pois, Taramela, prometes pôr o teu nome na boca?

TARAMELA – Sou tão calada que não como por não abrir a boca.

EUFIZIOTE – Já que és tão secreta, saberás, que eu sou o príncipe Teseu, sobre quem caiu a sorte (ou o azar, para melhor dizer) de ser alimento do Minotauro. Eu, para escapar desta comichão, me ajustei por uma grande soma de dinheiro com um criado meu, chamado Esfuziote, para que dissesse que era eu e desse a vida por mim; e, como o criado me queria bem, não foi difícil o morrer por mim.

TARAMELA – E há homens que se matam por dinheiro?

EUFIZIOTE – Filha, todos morrem por dinheiro. Enfim trocamos os vestidos e os nomes; pois ele morre com nome de Teseu, e eu vivo com o de Esfuziote.

TARAMELA – Ai, Senhor, Vossa Alteza, sendo quem é, quer casar com uma criada, podendo empregar-se em uma princesa?

[*Ajoelha*]

EUFIZIOTE – Levantai-vos! Prometi a Vênus, em uma tempestade que tive, casar com a primeira mulher que visse em terra, que foste tu, se acaso te lembra um biliscão que te dei hoje, vindo tu dançando por esses bosques.

TARAMELA – Ai, é verdade! Basta que foi Vossa Alteza?

EUFIZIOTE – Fui eu que te quis marcar com a unha, para a todo o tempo te conhecer. Pois que dizes? Está justo o teu amor, ou ainda peca em alguma desconfiança?

TARAMELA – Senhor, tudo está muito bem; mas Vênus me disse que havia ser meu marido um vivo morto, e Vossa Alteza não é morto vivo.

EUFIZIOTE – Isso é o que te parece! Queres ver como eu sou esse que te disse a deusa? Ora atende:

[*Soneto*]

Eu sou, ó Taramela, o vivo morto,
que por ti me imagino morto e vivo;
mas não cuides que vivo, porque vivo,
pois, ainda que vivo, vivo morto.
Na cova de um desdém me enterras morto,
no aceno de um favor me alentas vivo;
se me afagas, desperto como vivo;
se te agastas, esfrio como morto.
Nesta batalha, pois, de morto e vivo,
na vida de um favor me alentas morto,
Na morte de um desdém me matas vivo.
Sou, enfim, morto vivo, e vivo morto,
se, qual Fênix nas cinzas, quando vivo,
mariposa nas chamas, quando morto.

TARAMELA – Já sei que Vossa Alteza é o vivo e morto que me disse a deusa; mas, como casa por voto e não por amor, será o seu matrimônio mais por força que por vontade.

EUFIZIOTE – Taramela, no amor toda a vontade é forçada, pois quem por seu gosto há de apetercer os sopapos de Cupido e os pontapés de Vênus, que para adorno do seu rigor fazem gala da tirania e galão do martírio?

TARAMELA – Para que sossegue a minha desconfiança e acredite o seu amor, meta Vossa Alteza a mão naquele fogo de Amor, no qual se experimenta dos amantes a constância, se a chama o não abrasar, reconhecerei que me quer bem; e, quando não, é certo que quem se queima alhos come, que essa é a virtude especial daquele fogo.

EUFIZIOTE – E que tem o amor com os alhos?

TARAMELA – Não vê que o alho destrói a virtude do ímã, que é o símbolo do amor?

EUFIZIOTE – Isso é coisa de poetas; mas, se queres que pelo meu amor meta a mão nesse fogo, eu o farei, que se ele não abrasa a quem ama, seguro estou de ofender-me o seu incêndio.

TARAMELA – Ora vá e não trema.

[*Cantam Esfuziote e Taramela a seguinte*]

[*Ária a Duo*]

TARAMELA – Meta a mão na chama ardente,
e verei o seu amor.

EUFIZIOTE – Tu verás como valente
não me abrasa o seu ardor.

Mas ai, que me abraso! [*Metete a mão*]

Mas ai, que me queimo!

TARAMELA – Assopra.

EUFIZIOTE – Eu assopro.

TARAMELA – Vá-se daí.

Já sei me não ama.

EUFIZIOTE – Se vês que me inflamo,
por isso te amo.

AMBOS – E, se acaso ainda o duvidas,
este fogo te dirá. (Esfuziote quando fala em fogo
aponta para o seu peito, e Taramela para a pira).

TARAMELA – Já tenho entendido,

EUFIZIOTE – Já tenho alcançado,

TARAMELA – que o cego Cupido,

EUFIZIOTE – que o monstro vendado,

AMBOS – aí não está.

[*Sai Sanguixuga*]

SANGUIXUGA – Também este murro te dirá, desavergonhada, louca, furada do miolo! Tu aqui cantando só, um duo com um espertalhão? Ai, mofinos sessenta e três anos!

TARAMELA – Minha tia, não se agaste, que mal sabe o que vai.

SANGUIXUGA – Que vai, nem que vem? Que fazias aí dando à taramela com esse magano?

TARAMELA – Ai, que blasfêmia! Não diga tal, que mal sabe quem ali está.

EUFIZIOTE – Sempre hei de encontrar com velhas! É bom fado!

SANGUIXUGA – Pois, dize-me, que homem é esse?

TARAMELA – É um homem grande; nós falaremos mais devagar.

SANGUIXUGA – Homem grande é besta de pau, e tu és besta em carne, que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

EUFIZIOTE – Que é isso, Taramela?

TARAMELA – Senhor, é minha tia, que se vem pôr aos pés de Vossa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que não sabe a fortuna que nos espera.

[À parte]

SANGUIXUGA – Senhor, Vossa alteza dê-me os seus pés.

EUFIZIOTE – Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

SANGUIXUGA – Senhor, Vossa Alteza releve a minha desatenção, que eu o não conhecia.

EUFIZIOTE – Não vos culpo o não conhecer-me, que nós, os príncipes, não temos sobrescrito; e, ainda que o tivera, como não sabeis ler, não podíeis soletrar no alfabeto de minha pessoa os caracteres de minha nobreza. Levantai-vos! Como vos chamais?

SANGUIXUGA – Sanguixuga, meu Senhor.

EUFIZIOTE – Sanguixaga? Não vos pese, que em certa parte valereis muito.

SANGUIXUGA – Isso são favores que Vossa Alteza me faz.

EUFIZIOTE – Pois ficai-vos embora, e dizei a vossa sobrinha que vos participe o bem que lhe espera. Guardai segredo, que a vós também vos casarei com o meu embaixador, para que a vossa descendência saia à luz.

SANGUIXUGA – Ai, Senhor! Eu já sou quinquagenária e não sei se poderei casar.

EUFIZIOTE – Agora! Ainda estais capaz de romper umas solas; e no caso que vos seja necessária menos idade, eu vos mandarei passar uma provisão, para que tenhais somente quinze anos.

[*Vai-se*]

SANGUIXUGA – Rapariga, que diabo é isto? Conta-me, que estou confusa.

TARAMELA – Senhora, aqui não é lugar disso; vamos para casa, que lá saberá coisas nunca vistas.

[*Vão-se*]

CENA III

[*Câmera. Sai Fedra.*]

FEDRA – Depois que no templo vi ao príncipe Teseu, não sei que doce atrativo se oculta em sua pessoa, que, por mais que o desvie do pensamento, me penetra o coração! Oh, ninguém estranhe os precipícios do amor, que do mais isento peito sabe triunfar! E, pois me considero amante, bem é que defenda a sua vida

[*Sai Lidoro*]

LIDORO – Já que as incríveis finezas de meu extremo lamentam os desprezos de Ariadna, recorrerei ao último artifício de amor, que é abrandar o seu desdém com outro desdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ela aqui está.

FEDRA – Lidoro, que profunda tristeza vos penaliza? Porventura minha irmã não merece júbilos em vosso coração?

LIDORO – Bem é verdade, Senhora, que, quando cheguei a esta Corte de Creta, a pretender esposa na régia estirpe de Minos, vosso pai por achar ao Príncipe de Chipre pretendendo a vossa beleza, foi preciso, por não desgostar ao príncipe no seu empenho, servir eu a Ariadna; porém, como este rendimento era mais hipocrisia da política que

rendimento de um verdadeiro culto, sempre ardeu impura a vítima, e violento o sacrifício; porque o mesmo suspiro que o incendia era paroxismo que o aniquilava; e assim, galharda Fedra, se até aqui viveu oprimida a minha inclinação a violências de um respeito, agora, que, impaciente, a minha dor rompe o reverente silêncio, desejara, não que me premiásseis a minha fineza, mas sim que recebêsseis o tributo de minhas adorações.

FEDRA – Cuido, Lidoro, que o vosso amor degenerou em loucura.

[*Sai Ariadna ao bastidor*]

ARIADNA – Verei se encontro a Teseu. Mas aqui está Fedra com Lidoro! Esperarei que se vão.

LIDORO – Só a vós, galharda Fedra, consagro os finos ardores de meu peito.

FEDRA – Ainda que me fora lícito acreditar nessa fineza, como toda a corte sabe que publicamente servis a Ariadna, seria indecente desatenção corresponder eu a um amante de minha irmã.

ARIADNA – Que ouço! Lidoro pretende a Fedra?! Se eu lhe tivera amor, motivo havia para ter zelos.

LIDORO – O mostrar-me algum dia amante de Ariadna pode se emendar com algum pretexto de razão de estado, que nos príncipes é lícito o variar de intentos; pois sempre se doura a desatenção

com o interesse da monarquia. Mas cuido que aí veio Ariadna. Eu me retiro, Senhora, para que vejais que só na vossa vista me elevo.

[*Esconde-se Lidoro junto ao bastidor e sai Ariadna*]

ARIADNA – Agora verá Lidoro se sei vingar os meus despezos.

[*Sai Tebandro ao bastidor*]

TEBANDRO – Vou receber de Fedra o último desengano. Mas com Ariadna está; eu me retiro.

ARIADNA – Como na monarquia do amor o interesse sabe dourar desatenções, por esse motivo me animo a dizer-te que, como sei desdenhas ao príncipe Tebandro e eu também por natural antipatia aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos sujeitos mude também o coração de afetos.

LIDORO – Ah, tirana inimiga! Não sem causa eram os teus desvios.

TEBRANDO – Ariadna me favorece; não será desacerto vingar-me de Fedra.

ARIADNA – Só dessa sorte será ditoso o meu himeneu. Fedra, que dizes?

FEDRA – Eu não troco a quem adoro por nenhum outro amante; pois vivo tão satisfeita com o meu amor, que não acho outro equivalente que o possa recompensar. Ai, Teseu, só a ti se dirigem os mudos suspiros de meu peito. [*À parte*]

TEBANDRO – Alma, respiremos.

LIDORO – Quem vira o seu amor tão premiado!

ARIADNA – Se sei desprezas a Tebandro, para que afetas esse carinho, só para que não tenha a fortuna de ver-me querida dele? Olha que em Lidoro acharás melhores finezas.

FEDRA – Por que desprezas a quem te sabe amar?

ARIADNA – Porque não sei amar a quem aborreço.

LIDORO – Já me falta o sofrimento; vou-me, antes que me acabe a desesperação. (Vai-se).

FEDRA – Se tu não podes amar a quem aborreces, eu não posso aborrecer a quem amo.

[*Canta Fedra a seguinte*]

[*Ária*]

Querendo a quem amo,
não busco mais glória,
não quero outro amor...
No bem que me inflamo
consegue a memória
triunfo maior. (Quer ir-se).

[*Sai Tebandro*]

TEBANDRO – Espera constante Fedra; deixa que, rendido ao belo simulacro de tua deidade, consagre adorações quem se acha favorecido dos teus agrados.

FEDRA – Não sei que coisa vos motiva a esse rendimento!

TEBANDRO – O ver correspondida a minha fineza.

FEDRA – Que quer dizer correspondida a vossa fineza?

Se eu entendera que o meu coração era capaz desse sentimento, o arrancara de meu peito.

TEBANDRO – Parece impróprio esse desdém à vista da confissão que agora fizestes.

FEDRA – Quando as vozes se encontram com os afetos, melhor é crer a estes do que àquelas.

[*Vai-se*]

[*Sai Lidoro ao bastidor*]

LIDORO – Impaciente, em nenhuma parte sossego.

Mas que vejo! Tebandro com Ariadna?! Observarei o seu intento.

TEBANDRO – Quem viu, Ariadna, o seu amor em maior confusão? Já não quero amar a uma ingrata que me ofende; e, pois sei que para o teu agrado prefere à minha fortuna a de Lidoro, quero seguir as luzes de teu esplendor, já que propícias alumiam a esfera de meu peito; e assim...

ARIADNA – Muito me ofendeis nesse vil conceito que de mim formais; pois, a ser possível que a chama do amor ardesse em meu peito, não sériéis vós a causa desse incêndio; pois naquele que me idolatra sobram motivos para o meu rendimento. Ai Teseu, só a tua fineza será premiada. (À parte).

LIDORO – Coração, torna a reviver.

TEBANDRO – Pois vós mesma não dissestes a Fedra que na mudança dos sujeitos mudaria o coração de afetos?

ARIADNA – Se vedes agora contrários esses afetos, crede aos olhos e não aos ouvidos.

TEBANDRO – Já sei que, desenganado, só amarei a minha morte. Oh, louco amor, que néscio é quem se fia das tuas inconstâncias!

[*Vai-se*]

[*Sai Lidoro*]

LIDORO – Já sei, Ariadna, que não sou tão infeliz como imaginava; e, suposto me considere sem méritos para alcançar teus soberanos favores, a tua piedade, compadecida do meu tormento, já me coroa triunfante dos teus repúdios.

ARIADNA – Lidoro, como enfermais de amante, sem dúvida essa ideia será delírio da fantasia.

LIDORO – Parece incompatível esse desvio, e aquela expressão; pois afirmastes que naquele vos adorava, que já vê que sou eu, sobravam motivos para o vosso rendimento.

ARIADNA – Não há dúvida que o meu amor confessa rendimentos, e por isso, como rendido, vive prisioneiro de um desdém, que é o que só triunfa na batalha da vossa porfia.

LIDORO – Ah, tirana, cruel, inimiga! Não era melhor deixar que a contingência da fortuna mudasse o teu rigor, e não com o desengano sepultar a viva constância da minha fé?

ARIADNA – Não, que a vossa porfia só se desvanece com um total desengano.

LIDORO – Já que desenganado morro às violências desse nunca visto rigor, não estranheis os delírios da minha mágoa nos últimos períodos da minha vida.

[*Canta Lidoro a seguinte*]

[*Ária*]

Já que eu morro, ó fera hircana,
sem remédio, a teus rigores,
impaciente, louco, amante,
delirante,
com gemidos e clamores
de ti aos céus me hei de queixar.
A minha alma, vaga, errante,
não te assustes, quando a vires,
que, por mais que te retires,
te há de sempre acompanhar.

[*Vai-se*]

ARIADNA – Ninguém pretenda violentar a vontade, quando vive ligada às violências de outro amor. Ai Teseu, que as nossas vidas ambas se consideram tributárias, se a tua ao Minotauro, a minha ao amor!

[*Sai Esjuziote com um papel na mão e ajoelha*]

EUFIZIOTE – Deus vá comigo! Senhora, um requerente da sua vida vem hoje a pretender, no tribunal de vossa piedade, a renovação de mais vidas em um prazo foreiro à morte, que o querem julgar por devoluto ao Minotauro, que intenta ser o direito senhorio desta vida; e, se Vossa Alteza, Senhora, me alcança a supervivência, eu lhe pagarei o foro da consciência com o laudêmio de mil louvores.

ARIADNA – Levantai-vos! Que é o que quereis?

EUFIZIOTE – Este murmurial o dirá.

ARIADNA – Lede-o vós mesmo.

EUFIZIOTE – Pois, já que eu sou o pio leitor, seja Vossa Alteza a piedosa ouvinte.

[*Décima*]

Diz um pobre Esfuziote,
condenado a não ter vida,
que certa morte atrevida
lhe quer pregar um calote;
que, pois não é D. Quixote

para ações desta relé,
pede humildemente quê,
antes que morra em tais danos,
lhe deem de vida cem anos.
E receberá mercê.

ARIADNA – Suponho que sois a quem o embaixador
de Atenas ofereceu a EI-Rei, meu pai, para
completares o número dos sete do tributo.

EUFIZIOTE – Sim, Senhora; eu sou o próprio a quem
impropriamente o embaixador, que o Diabo o leve,
me malsinou a Sua Majestade, que Deus guarde.

ARIADNA – O Embaixador não andou bem.

EUFIZIOTE – Como havia de andar bem, se ele é
zambro?⁸ Pois, não sendo eu nenhum dos sete
sobre quem caiu a sorte, como quer desta sorte
trocar a minha sorte, pois isto se não deve fazer de
nenhuma sorte?

ARIADNA – E vós a que viestes a Creta?

EUFIZIOTE – Vim acompanhando ao príncipe Teseu.

ARIADNA – Sois seu criado?

EUFIZIOTE – Algo, mas sou seu gentil-homem e às
vezes, em caso de necessidade, sirvo de camareiro.

ARIADNA – Na verdade que sinto muito a desgraça de
Teseu.

EUFIZIOTE – Mais a sente ele; porém parece que ele

8 *Zambro* – torto das pernas.

não sente tanto a morte, como outra coisa que diz tem atravessada na garganta como espinha de cação.

ARIADNA – Que coisa pode haver que sinta mais que o morrer?

EUFIZIOTE – Segundo o que lhe ouvi dizer um dia, parece que um menino, cego e nu, pespegou-lhe com uma seta no coração, que o partiu de meio a meio; e este golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quase morto.

ARIADNA – Pelo que dizes, Teseu, padece o mal de amor.

EUFIZIOTE – Não, Senhora; eu cuido que é mal de Ariadna, pois sempre o ouvi queixar: Ai, Ariadna, que me mataste! Ai, Ariadna, que me fizeste e aconteceuste! Com que Ariadna é o seu mal e não o amor.

ARIADNA – Pois disse a Teseu, que essa Ariadna...

[*Vai andando*]

EUFIZIOTE – O que hei de dizer, Senhora?

ARIADNA – Mas não; não lhe digais nada.

EUFIZIOTE – Sim, Senhora, eu lhe direi isso; porém, Senhora, terá despacho o meu memorial?

ARIADNA – Basta seres criado de Teseu, para vos apadrinhar.

EUFIZIOTE – Ora, não se esqueça de ser minha

madrinha neste negócio.

ARIADNA – Ouves tu? Dize a Teseu que não é ele só o que... Mas não, não digas nada. Louco amor, não me precipites!

[*À parte. Vai-se*]

EUFIZIOTE – Que casta de recado é este? Dize a Teseu; não digas nada a Teseu! A mim me melem, se o nada desta Infanta não é alguma coisa! E, se não, quem viver verá.

[*Saem Taramela e Sanguixuga.*]

TARAMELA – Senhor Teseu.

EUFIZIOTE – Tá, tá, Taramela! Não me chames Teseu tanto às claras, que no paço até as paredes têm ouvidos; trata-me por Esfuziote, em ordem a maior disfarce.

SANGUIXUGA – Meu Senhor, esta rapariga tem o miolo muito leve; por isso não pesa o que diz; e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em comunicar-lhe segredo de tanta suposição.

EUFIZIOTE – Olhe, tia.

SANGUIXUGA – Ai, Senhor! Eu tia de Vossa Alteza?! Quem sou eu para tanta dignidade?

EUFIZIOTE – Não posso tirar-lhe o grau que por afinidade lhe pertence.

SANGUIXUGA – Serei o que Vossa Alteza for servido.

EUFIZIOTE – Mas, tia, como ia dizendo, não pude

deixar de comunicar a Taramela a minha régia prosápia, que quem ama deveras não sabe mentir.

TARAMELA – Pois, Senhor, é possível que eu de criada hei de passar a princesa?

EUFIZIOTE – E não é pior passar de princesa a criada? Pois sabe que dessas monstruosidades se acham nas histórias; mas com tua licença, havemos mudar este nome de Taramela, que não é decente para uma princesa de Atenas, pois taramela é coisa que anda por portas e não por tronos.

SANGUIXUGA – Tudo se fará! Mas diga-me, Senhor: já Vossa Alteza disse ao Embaixador que eu havia de casar com ele?

EUFIZIOTE – Sim, sim; já lhe insinuei; e o embaixador, vendo que era gosto meu este sanguixugal matrimônio, disse que estava pronto; com que, em o vendo, fale-lhe na matéria.

SANGUIXUGA – Ui, Senhor! Pois eu, sendo mulher, hei de falar primeiro a um homem em casar?! Apelo eu por mim!

EUFIZIOTE – Não se lhe dê disso, que o tal embaixador é mesmo acanhado de si, curto dos nós e vergonhoso. Ao menos não se livrará o embaixador do Minotauro desta velha. (À parte).

TARAMELA – Tornando ao nosso intento, digo, Senhor, que já me tomara ver nessas limpezas, para ver se

Fedra e Ariadna são melhores do que eu.

EUFIZIOTE – E talvez que então tu as não queiras por tuas criadas.

TARAMELA – Essa mesma grandeza me faz desconfiar da sua palavra.

SANGUIXUGA – Ui, tola! Tu chegas a dizer que desconfias da palavra de um príncipe? Senhor, releve, que são raparigas que cuidam que o mesmo são alhos que bugalhos.

EUFIZIOTE – Já é costume nas senhoras mulheres cuidarem que os homens sempre as enganam! Pois, para que vejas que mais depressa faltará água no mar do que amor em meu peito, quero praguejar-me, que é o verdadeiro juramento dos amantes.

[*Canta Esjuziote a seguinte*]

[*Ária*]

Se cuidas, menina,
que eu seja prejuízo,
pois olha, eu te juro,
um raio me parta,
me abrase um corisco,
o diabo me leve,
se eu falso te for.
Mas ai, Taramela,
se és linda, se és bela,

terás em meu peito

seguro o amor.

[*Vai-se*]

[*Sai Licas Embaixador*]

LICAS – Viste a Teseu por aqui?

SANGUIXUGA – Ainda agora daqui se vai... Não é despiciendo⁹ o meu futuro noivo!

[*À parte*]

LICAS – Vou a falar-lhe, que importa.

TARAMELA – Espere, Senhor, que minha tia tem que lhe dizer coisa de importância. Fale, tia.

SANGUIXUGA – Ai, rapariga, deixa-me tomar o fôlego, que estou embaçada!

LICAS – Diga depressa, que não tenho muito vagar.

SANGUIXUGA – De sorte, Senhor, que eu bem sei que não sou capaz de ser sua criada.

LICAS – Que mais?

SANGUIXUGA – Que mais hei de dizer? Vossa Senhoria não me entende já o que quero dizer?

TARAMELA – Ora, Senhor, não seja acanhado, que isso é não ser homem.

LICAS – Que dizem, que as não entendo?

SANGUIXUGA – A Não se faça agora moquenco;¹⁰ já sabemos que é curto dos nós.

TARAMELA – Não disfarce o negócio; não seja vergonhoso.

⁹ *Despiciendo* – que deve ser desprezado, de pouca valia.

¹⁰ *Moquenco* – tímido.

LICAS – Está galante história! Que é o que querem de mim?

SANGUIXUGA – O matrimônio.

LICAS – Que matrimônio? Que é isso?

SANGUIXUGA – Faça-se agora de novas!

LICAS – Deixem-me, doidas! Que diabo querem?

SANGUIXUGA E TARAMELA – O matrimônio.

LICAS – Estas mulheres estão loucas; vão-se já; não me persigam.

[*Vai-se*]

SANGUIXUGA E TARAMELA – O matrimônio, Senhor embaixador, o matrimônio.

[*Vão-se*]

CENA IV

[*Gabinete. Sai Teseu*]

TESEU – Agora acabo de conhecer que é o amor mais valente do que a morte, pois quando por instantes me separa a fúria do Minotauro, vence na minha memória mais a tirania do amor que o imaginado estrago da sua crueldade. Mas ai, soberana Ariadna, quanto sinto que a cruel Parca corte o vital alento da minha vida, pois quisera eternizar a minha fineza apesar da mesma morte!

[*Sai Fedra*]

FEDRA – Invicto e sempre esclarecido Teseu, cujo valor, depois de ser adorado susto do Orbe, passou a dominar as fúrias do Cocito! Comovida a minha piedade de que tão generoso alento seja infeliz despojo dessa fera, intenta salvar a vossa vida.

TESEU – Galharda Fedra, se eu nas infelicidades sou tão venturoso, devo estimar a minha desgraça.

[*Sai Ariadna ao bastidor*]

ARIADNA – Aqui Fedra e Teseu?! Ai de mim, que já o coração começa a temer!

FEDRA – Para triunfardes, pois, desse invencível monstro, dar-vos-ei uma certa mistura composta de tão ativo veneno, que ao mínimo contato do Minotauro fique prostrada a sua fúria, sem que vos possa ofender o seu furor.

ARIADNA – Aquela fineza é mais que piedade! Zelos, não vos declareis, que ainda me não convém mostrar-me amante.

TESEU – Que recompensa poderei achar em mim, que possa ser igual à vossa generosidade? Esta vida, Senhora, de cujos alentos sois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarei nas aras da vossa beleza.

ARIADNA – Ah, falso amante! Não te quisera agradecido!

FEDRA – Não quero outra recompensa mais que vos lembreis de não ser ingrato a quem expõem a sua vida por redimir a vossa. (Vai-se).

TESEU – Quem vira este amor em Ariadna, ou a sua beleza em Fedra!

[*Sai Ariadna*]

ARIADNA – Príncipe, como para a isenção da morte não basta só vencer o Minotauro, pois sempre ficareis preso no enleio do Labirinto, e para que com a fuga completeis essa fortuna, quero prevenir o remédio da vossa liberdade.

TESEU – Ariadna sem dúvida sabe o intento de Fedra. (À parte). Senhora, se Fedra, compassiva da minha desgraça...

ARIADNA – Para que me contais o que eu sei?

TESEU – Foi preciso que agradecido...

ARIADNA – Já sei que agradecido vos mostrastes à sua fineza.

TESEU – Porém, Senhora, nunca o meu amor...

ARIADNA – Não tendes que satisfazer-me. Não sabeis quanto me agrada saber que sois agradecido, nem em vossa pessoa cabiam desatenções; e para que também eu o seja na vida que me destes, quero dar-vos a liberdade; para o que atareis na porta do labirinto um fio que, sendo farol naquele pélagos de confusões, vos conduzirá à liberdade e com ela podereis tornar para Atenas, vossa pátria.

TESEU – Se cuidas que com a liberdade hei de perder-vos dos meus olhos, nunca sairei do labirinto, que ao menos em Creta não vivo desterrado da vossa vista.

ARIADNA – Pois eu acaso habito no labirinto, para que nele me possais ver?!

TESEU – Se vos não encontrar no labirinto de Creta, sempre vos acharei no labirinto do amor.

ARIADNA – Muito tendes adiantado o vosso pensamento; não cuideis que como amante vos proponho a indústria do fio para a vossa liberdade; pois só o faço obrigada ao juramento que dei de salvar a vossa vida, agradecida à que me destes.

TESEU – Pois, Ariadna, se o intento de redimir-me é só como agradecida e não como amante, protesto

às supremas deidades desse soberano Empíreo, que já não quero meios de salvar a vida e a liberdade; pois sem a certeza da vossa correspondência, nem liberdade nem vida quero.

[*Canta Teseu a seguinte*]

[*Ária*]

Na mágoa que sinto,
no mal que padeço,
a vida aborreço;
que aflito e confuso,
maior labirinto
encontro no amor.
Não temo esse monstro,
que horrível me espera;
só temo essa fera,
cruel tirania
de tanto rigor! (*Vai-se*).

ARIADNA – Espera, Teseu, que, se o meu rigor te precipita, a minha fineza te livrara.

[*Vai-se*]

CENA V

[*Sala régia. Sai El-Rei*]

REI – Agora sim! Respire alegre o meu coração, pois que um príncipe de Atenas é hoje o tributo do Minotauro. Sinta Atenas a pena de talião, que, se aleivosamente conspirou contra a vida de meu filho Androgeu, bem é que Creta se arme vingativa contra Teseu.

DENTRO – Peguem nele, peguem nele!

[*Sai Esfuziote*]

EUFIZIOTE – Senhor, Vossa Majestade me valha.

REI – Que tens? Que te sucedeu e de quem foges?

EUFIZIOTE – Fujo de Vossa Majestade.

REI – Se foges de mim, como vens para mim?

EUFIZIOTE – Porque fujo de Vossa Majestade justiceira, para Vossa Majestade comiserante; fujo da justiça para refugiar-me na misericórdia.

REI – Que te sucedeu?

EUFIZIOTE – Que há de ser? Deram em dizer que eu era um dos sete pecados mortais, que vinha para o inferno do Labirinto a ser comido do Diabo do Minotauro; e, sem que me valesse o sagrado de palácio, quiseram levar-me à força, et invito domino,¹¹ quando sei que Vossa Majestade não quer que se force ninguém.

11 *Invicto domino* – contra a vontade do senhor.

REI – Ainda que, segundo o pacteado com Atenas, não devera receber menos número que o de sete mancebos; contudo esta vez quero dispensar na lei para contigo, a instâncias de minha filha Ariadna, a quem hoje deves a vida.

EUFIZIOTE – Não sabe quanto folgo com essa notícia; não por mim, que não temo a morte, por não estar muito contente da minha vida; senão por quebrar a castanha na boca a muita gente.

REI – Porém entendam os Atenienses que para o ano hão de ser oito os do tributo.

EUFIZIOTE – Sim, Senhor, e fará Vossa Majestade muito bem; porém Vossa Majestade, sem esperar para o ano que vem, pode agora mesmo completar o número dos sete.

REI – De que sorte?

EUFIZIOTE – Mandando Vossa Majestade que o embaixador supra esta falta, que, como tem grande cabeça e muita carne no cachaço, terá o monstro que roer.

REI – Os embaixadores pelo direito das gentes gozam de inviolável imunidade.

EUFIZIOTE – Pois, Senhor, em minha consciência acho que só o embaixador era capaz de desempenhar aquele lugar, que, pelo seu bom modo, até com a morte havia de ter bons termos.

REI – E tu, se não quiseses ir para Atenas, poderás ficar em Creta, servindo-me em palácio.

EUFIZIOTE – Aceito o favor de Vossa Majestade; e, já que em palácio fico, tomara ter algum emprego que cá se me casasse com o gênio; que, quando a ocupação é forçada até o palácio é galé.

REI – Elege tu a ocupação que queres, igual à tua esfera.

EUFIZIOTE – Como sou respondão, quisera ser reposteiro.

[*Tocam caixas destemperadas*]

REI – Mas que triste e confuso som rompe a vaga raridade dos ventos!

EUFIZIOTE – É um moço que está aprendendo a tambor.

[*Saem Lidoro e Tebandro*]

REI – Lidoro e Tebandro, que é isto?

LIDORO – É chegada a ocasião de ser o príncipe Teseu conduzido ao Labirinto.

TEBANDRO – E certamente que o príncipe não é merecedor de semelhante infortúnio.

REI – Não vos compadeçais de Teseu, que alfim é ateniense.

EUFIZIOTE – Ai, pobre Teseu, tomaras tu ser Esfuziote nesta hora.

[*Sai Fedra*]

FEDRA – Como a Teseu já entreguei o remédio da sua vida, não quero perder os instantes de vê-lo.

[*À parte*]

[*Sai Ariadna*]

ARIADNA – Como Teseu já tem o fio com o qual se há de livrar do Labirinto, venho sem susto notar a aflição do seu sentimento.

[*Sai Licas e da porta diz o que se segue*]

LICAS – Entre só Teseu, e fiquem os mais esperando até a última resolução de El-Rei.

REI – Estão prontos esses infelizes, para serem conduzidos ao Labirinto?

LICAS – Sim, Senhor, que nunca foi remissa a nossa obediência.

[*Sai Teseu*]

TESEU – Sinto, ó ínclito Rei Minos de Creta, que esta ação, que parece precisa lei do tributo, não seja voluntário feudo do meu afeto, para que mais do que a morte na vida, tenha império a vontade na obediência.

EUFIZIOTE – Aquilo é fazer da necessidade virtude.

[*À parte*]

REI – Sempre os Atenienses foram mais loquazes que fiéis. Teseu, o sangue de Androgeu em purpúreas línguas está pedindo vingança contra as vossas aleivosias; e assim, não espereis remédio na vossa desgraça.

LIDORO – Senhor, Vossa Majestade se compadeça de Teseu, que alfim o alenta o régio esplendor de Príncipe.

TEBANDRO – Adverte, Senhor, que é indígna da Majestade a tirania; e assim perdoa a Teseu.

REI – Aqui não obro como Rei, senão como juiz.

EUFIZIOTE – Eu bem sei que se pedisse a EI-Rei por Teseu, que o havia de perdoar, mas não quero dar-lhe essa confiança.

[*À parte*]

FEDRA – Ainda sendo fingida aquela humildade em Teseu, é em mim verdadeiro o pesar.

[*À parte*]

ARIADNA – Parece realidade o seu fingimento.

[*À parte*]

LICAS – Rei e Senhor, se o motivo desse implacável rigor é o esparzido sangue de Androgeu, vede que o não ressuscitais com a morte de Teseu; e mais quando a clemência nos príncipes é atributo inseparável da sua grandeza. Perdoa, Senhor, a Teseu, que também o perdão é um generoso modo de castigar.

REI – Inútil é o vosso requerimento.

TESEU – É definitiva essa sentença?

REI – E não há mais para onde apelar. Olá! Levai a Teseu e a esses míseros companheiros ao Labirinto, para serem despojos do Minotauro.

LICAS – Pois sabe, tirano Rei, que Atenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta à última ruína.

[*Vai-se*]

REI – A mim com ameaças! Se não foras embaixador, pagarias com a vida esse atrevimento.

EUFIZIOTE – Era bem feito que El-Rei o mandasse esquartejar.

[*Vai-se*]

LIDORO – O Embaixador falou com insolência.

TEBANDRO – Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu respeito.

REI – Por isso mesmo será Teseu conduzido ao Labirinto, para o Minotauro o devorar.

TESEU – Não cuides, tirano monarca, que hás de ultrajar o meu decoro, por me considerares reduzido a esta miséria, pois em qualquer estado sempre sou Teseu, que saberei vingar a minha injúria!

REI – Não sabes que és meu prisioneiro? Pois como me tratas com tanta soberba, sabendo que te posso castigar?

TESEU – E não sabes que no meu braço consiste a tua ruína e a minha felicidade?

EUFIZIOTE – Mau, mau! Isto me vai cheirando a carolo! Queira Júpiter que Teseu não faça das suas!

[*À parte*]

ARIADNA – Temo que Teseu padeça maior infortúnio.

[À parte]

FEDRA – Ai de mim, que Teseu quer desvanecer o remédio de sua vida! (À parte).

LIDORO – Se até aqui me compadeci de vós, agora acuso a vossa soberba.

TEBANDRO – A não estares tão perto da morte, eu vingaria a desatenção da Majestade.

REI – Basta que o Minotauro me vingue; levai-o.

[À parte]

EUFIZIOTE – Eu também me vou, antes que me levem por erro.

[Vai-se]

TESEU – Ai, Ariadna, que por ti reprimo o furor de meu peito!

[À parte]

[*Canta Teseu o seguinte recitado e depois cantam as duas Damas e os dois príncipes com Teseu a ária*]

[*Recitado*]

Bárbaro Rei, eu vou ao Labirinto,
mas sabe que não sinto
essa tirana morte, que me espera;
que, a ser possível, descerei à esfera
desse sulfúreo e rápido Cocito
e do trifauce monstro a fúria incito,

porque vejam que nada me intimida
perder a cara vida.
De outro monstro (ai, amor!) só temo a ira,
que tirano conspira
um veneno tão forte,
que ainda por favor concede a morte;
pois com doce influência
faz seja simpatia o que é violência.
Este monstro de amor, esta quimera
me horroriza, me assusta e desespera.

[*Ária a cinco*]

TESEU – Não me acovarda a morte,
porque é vida
este modo de morrer.

LIDORO – Como intentas dessa sorte
sem respeito
um decoro assim perder?

FEDRA E ARIADNA – Que ardor ativo e forte
em meu peito
chega amor hoje a incender!

TEBANDRO – Se nem da Parca o golpe
te intimida,
nada deves de temer.

TESEU – A morte não temo.

LIDORO E TEBANDRO – A morte não temes?

TESEU – Não, porque é vida
este modo de morrer.

FEDRA E ARIADNA – A vida desprezas?

TESEU – Sim, porque é vida
este modo de morrer

TODOS – Que morte ditosa! Que doce morrer!

TEBANDRO – Seu peito arrogante

LIDORO – No brio, que ostenta,

FEDRA – Se a morte o alenta,

ARIADNA – Se vive na morte,

TESEU – Quem morre de amante,

TODOS – Eterno há de ser.

SEGUNDA PARTE

CENA I

[*Câmera. Saem Sanguixuga e Taramela*]

SANGUIXUGA – Taramela, vai-te ensaiando para princesa; toma bem a lição; aprende de Ariadna a severidade, e de Fedra o carinho, que temperar a aspereza com afagos é a verdadeira máxima do reinar.

TARAMELA – Bofé, tia, que me não cansarei com isso; porque, sendo princesa, quer seja azeda, quer doce, assim me hão de tragar; porém, se tal for, que dirão de mim os murmuradores? – “Olhem a ranhosa! Há dois dias michela, e hoje senhora de mão beijada!”

SANGUIXUGA – E logo te hão de descoser a geração; e ao som do vilão também eu hei de vir à baila, pois não faltará quem diga: – Que seja possível que a sobrinha de uma cristaleira nos fale já por vidraças! Ontem em chichelos, e hoje em berlinda!

TARAMELA – Olhe, tia, por amor desses raios não quero tronos.

SANGUIXUGA – Ai, filha, não se te dê disso, que também os reis têm costas! Tomara eu casar com o embaixador, porque, sendo eu embaixatriz, direi ao mar que ronque e ao rio que murmure.

[Saem ao bastidor cada uma pela sua parte, Ariadna e Fedra, e cada uma com uma banda na mão.]

ARIADNA – Amor me descubra meios para o meu intento. Mas ali estão Taramela e Sanguixuga; tomara que me não vissem, por me não observarem os passos.

FEDRA – Que importuno encontro! Sanguixuga e Taramela, se me veem com a banda que levo, poderão penetrar o meu desígnio. Esperarei que se vão.

SANGUIXUGA – E que dizes tu, cuidarem todos em palácio, que o príncipe Teseu é morto, não o sendo? E na verdade que, quando às vezes ouço falar na morte de Teseu, não posso suster o riso.

TARAMELA – A indústria todavia não foi má.

ARIADNA – Ai de mim, que já se sabe que Teseu é vivo!

FEDRA – Ai, infeliz, que, sabendo-se já que Teseu não é morto, algum dano experimentarei!

TARAMELA – Porém não nos dilatemos mais, que as infantas podem procurar por nós.

SANGUIXUGA – Pois, rapariga, não te descuides de bater o mato; tu bem me entendes.

[*Vai-se Sanguixuga pela parte donde está Fedra, e esta a segue, depois que disser o seguinte:*]

FEDRA – Vou a declarar-me com Sanguixuga, para que me guarde segredo.

[*Vai-se*]

[*Sai Ariadna*]

ARIADNA – Já que Taramela sabe que Teseu está vivo, não há mais remédio, que fazer do ladrão fiel.

TARAMELA – Que terá Ariadna estes dias, que anda suspensa. [*À parte*]

ARIADNA – Taramela, como sei o muito que me amas, quero fiar de ti um particular de meu peito, pois só tu podes remediar o meu mal.

TARAMELA – Esse conceito merece a lealdade com que te sirvo.

ARIADNA – Desde que vi a Teseu, infeliz príncipe de Atenas, comunicando-me Amor pela vista o seu veneno, foi fácil me cegasse o seu precipício; e assim como amante preveni indústrias que o pudessem livrar do Minotauro.

TARAMELA – Quero fazer-me ignorante do caso.

[*À parte*]

ARIADNA – E como EI-Rei, vanglorioso de ver vingado o sangue de Androgeu, meu irmão, com a morte de Teseu, para ostentação de seu desaforo tem preparado hoje um sarau, em que havemos de dançar com os príncipes, para o que quero que também Teseu venha a palácio, pois com o disfarce da máscara não poderá ser conhecido; e para que só eu o conheça, dar-lhe-ás esta banda azul para divisa.

[*Dá-lhe a banda*]

TARAMELA – Ah, tiranos zelos, que me deixais com a alma a uma banda!

[*À parte*]

ARIADNA – E como tu, pela continuação que tens em ir ao Labirinto comigo, já sabes os caminhos, vai-te ao centro dele, e leva a banda a Teseu, para que venha ao sarau esta noite, e saberei agracer-te, como merece a tua lealdade.

[*Vai-se*]

TARAMELA – Haverá no mundo mulher mais desgraçada! Quando eu cuidei que só sabia que Teseu era vivo, também Ariadna o não ignora; e demais a mais namorada dele! Ai, como temo que me tire a fortuna! E, sobretudo, fazer-me alcoviteira

do meu mesmo amante! Que farei neste caso? Se não levo o recado e a banda, encontro as iras de Ariadna; e, se a levo, atijo mais o seu amor! Não sei de que banda me vire. Eu bem pudera com a raiva dos zelos romper a banda em fanicos! Mas não quero senão cara a cara dar-lhe com a sua falsidade nos narizes.

[*Saem Fedra com uma banda branca na mão, e Sanguixuga*]

SANGUIXUGA – Vai te daqui, Taramela, que ao depois temos muito que falar.

TARAMELA – Também eu! Vou uma víbora.

[*À parte e Vai-se*]

FEDRA – Como tenho dito, libertei a Teseu da morte; e para que venha ao sarau esta noite, leva-lhe esta banda branca [*Dá-lhe a banda*], para que saiba, que é o alvo de minhas finezas, e por esta divisa o possa conhecer. Bem vê, que te constituo secretária de meu peito; espero que não desmereças o conceito que faço da tua prudência. Já que o sabe, ao menos tenha preceito para o não dizer.

[*À parte e Vai-se*]

SANGUIXUGA – E para dizer-me uma coisa que eu já sabia, esteve fazendo mil escarcéus, tomando-me duzentos juramentos. Porém, que farei eu agora desta banda, pois, se a levo a Teseu, dou armas

contra minha sobrinha Taramela? Ai, não permita Deus que eu seja traidora ao meu sangue, que primeiro estão parentes do que dentes.

[*Sai Tebandro*]

TEBANDRO – Sanguixuga, não me dirás porque motivo despreza Fedra tão repetidos extremos do meu amor? Porventura não sei amar não só as perfeições, mas ainda os seus rigores? Desengana-me já se aquele desdém inventa a sua tirania, para apurar a minha fineza, ou para desenganar a minha constância.

SANGUIXUGA – Senhor Tebandro, não sabe que uma futura noiva sempre afeta repúdios, desdenha carinhos, inculca crueldades, e atropela finezas, e no cabo está desejando que já chegue a hora de se ver nos braços de seu esposo?

TEBANDRO – Aquele desdém não pode ser aparente; e se me não dás outra certeza de seu amor, irei sentir os seus desvios em Chipre para que lá só sinta a memória, e não aqui todas as potências.

SANGUIXUGA – Que me dará Vossa Alteza, se lhe der uma certeza do seu amor? Mas eu não sou interesseira! Agora matarei com um cajado dois coelhos...

[*À parte*]

TEBANDRO – Não faças ludíbrio de um desgraçado.

SANGUIXUGA – É tão verdadeiro o amor de Fedra, que te envia esta banda, para que entre as máscaras te possa conhecer à noite no sarau. [*Dá-lhe a banda*].

TEBANDRO – Que dizes? Eu mereço os agrados de Fedra?

SANGUIXUGA – Sabe Deus o que me tem custado pô-la em termos de dar a conhecer a sua inclinação! Mas Vossa Alteza tudo merece.

TEBANDRO – Aceita por ora esta joia, como princípio do meu agradecimento.

SANGUIXUGA – Dádivas de príncipe não se rejeitam. Ora já tenho prenda que dar ao embaixador, quando casarmos; porém Fedra enganada, e o príncipe desvanecido tudo é um.

[*À parte e Vai-se*]

TEBANDRO – Ainda não posso acreditar na minha ventura, pois quando a teia ardente do himeneu já quase se extinguia aos assopros de um desengano, vejo que torna a incender-se com os alentos de um suspiro. Oh, ditoso eu, que depois dos pesares alcanço prazeres!

[*Canta Tebandro a seguinte*]

[*Ária*]

O navegante,
que, combatido
de uma tormenta,

logo experimenta
quieto o vento,
tranquilo o mar,
como eu, nem tanto
se alegra, vendo
que vai crescendo
minha ventura,
e vai cessando
de meu gemido
o suspirar.

CENA II

[*Labirinto. Sai Teseu*]

TESEU – Esta é a última estância deste intrincado Labirinto, aonde Dédalo fixou a meta a seus artifícios. Atarei o fio de Ariadna a esta coluna, para que me sirva de norte em o pélagos¹² de tanto enleio. Que admirável edifício! Que variedade de arquiteturas! Que pórticos! Que mármore! Que colunas! Aqui toda a confusão alegre, e toda a alegria se confunde; pois, equívoco o horror e a beleza, horroriza o belo e deleita o horror, que neste quadro de luzes e sombras brilham as sombras e assombra as luzes. Porém Dédalo, que ficou de esperar por mim neste lugar, sem dúvida arrependido da palavra, se quis aproveitar da mina que abriu.

[*Sai Dédalo da escotilha, que estará na boca do teatro*]

DÉDALO – Teseu, Dédalo não falta ao que promete, pois escondido te esperava na boca desta mina, que vai dar às ribeiras do mar, de donde me viste sair, quando te encontrei.

TESEU – Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me

¹² *Pélagos* – abismo.

o errado conceito que de ti formei; mas quisera saber como, estando eu no centro do Labirinto, não encontro ao Minotauro.

DÉDALO – Ainda o não soltariam talvez, porque o tal monstro vive encerrado em um funesto cárcere, e, quando há vítima humana da sua tirania, o soltam, para que, enfurecido, venha por dirigido conduto a este lugar, que é o campo da batalha do seu furor.

TESEU – Desejo que já esse monstro feroz venha a acometer-me, que, apesar da sua voracidade, me verás triunfador.

DÉDALO – Eu estou pronto para ajudar-te nesta empresa; e vê se queres que discorramos em alguma industriosa máquina para o venceres, sem que perigue a tua vida.

TESEU – Se eu o quisera vencer a meu salvo, remédio trago comigo, administrado por uma deidade, com o qual seguramente posso triunfar desse monstro; mas não intento valer-me de extraordinários remédios, quando no meu braço tenho a defesa da minha vida.

DÉDALO – Ai, quanto temo que esta temeridade seja a causa de tua ruína!

TESEU – Não temas, que sempre a fortuna foi companheira da temeridade.

EUFIZIOTE – dentro diz o seguinte:

EUFIZIOTE – Em boa estou metido! Ai, que não atino com a porta! Vamos por aqui! Pior! Vamos por ali: Repior! Ai, mísero Esfuziote, que estás quando nada metido nas profundas do Labirinto, e a cada passo me parece que encontro o Minotauro!

TESEU – Ali cuido que disseram Minotauro.

DÉDALO – E passos também ouvi! Sem dúvida já o soltaram. Teseu, outra vez te requeiro te não exponhas a tão evidente perigo; e, se para o vencer, tens o favor dessa deidade, já que te não queres valer do meu, não pereças como temerário; guarda o teu valor para mais heroica façanha.

TESEU – Mais vale morrer valente, que viver covarde! Retira-te tu, que eu com súbito furor, sem mais armas que os meus braços, vencerei essa fera.

[*Sai Esfuziote*]

EUFIZIOTE – Vamos por aqui, saia o que sair.

[*Esconde-se Dédalos. Põe-se Teseu atrás do bastidor, por onde sairá Esfuziote com a cara para o povo; e, ao sair, Teseu o investe repentinamente e luta com ele.*]

TESEU – Morrerás, ó monstro, despedaçado em meus braços.

EUFIZIOTE – Ai de mim, que caí nas garras do Minotauro! Quem me acode?

TESEU – Este é Esfuziote! Ora mui eficaz é uma fantasia! [*À parte*]

EUFIZIOTE – Ai de mim, que me meteu a garra em cheio pelo vazio! Eu me sinto molhado; não sei se é sangue, suor ou outra coisa mais inferior...

[*Larga Teseu a Esfuziote, e este estará com as mãos no rosto*]

TESEU – Eufiziote, não te assustes.

EUFIZIOTE – Ai, que o Minotauro já me sabe o nome!

TESEU – Não me respondes? Olha para mim.

EUFIZIOTE – De burro que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver!

TESEU – Que tens, que ficaste imóvel?

EUFIZIOTE – Eu bem sei o que tenho. Só a voz que ele tem me faz amedrontar.

[*À parte*]

TESEU – Deixa loucuras! Dize-me: quem te trouxe ao Labirinto?

EUFIZIOTE – Os meus pecados veniais, que agora são mortais.

TESEU – Fala, senão te despedaço aqui.

EUFIZIOTE – Senhor, vossa monstruosidade não me faça perguntas, que estou com a língua pegada ao céu da boca; deixe-me ir embora em cortesia, antes que o medo destempere em alguma descortesia; pois não é razão que, depois de comer um príncipe, queira encher o seu bandulho com a carne dura e magra pelanca de um laçao.

TESEU – Quem cuidas tu que sou eu?

EUFIZIOTE – Eu bem o sei!

TESEU – Pois sabe que não sou quem tu cuidas.

EUFIZIOTE – Pois quem é? Quem é?

TESEU – Olha e verás.

EUFIZIOTE – Senhor medo, com licença; deixe-me abrir piscamente os olhos. À que de El-Rei, que é a alma de Teseu! Ai que estou feito um tremedário!
[*Tira a mão dos olhos*]

TESEU – Néscio: que alaridos são esses?

EUFIZIOTE – Fantasma, quimera, sombra, ilusão, coco e papão, que é o que me queres?

TESEU – Olha que sou Teseu.

EUFIZIOTE – Tanto fortius!¹³ Não te chegues a mim, alma vadia, errante e vagabunda!

TESEU – Vem cá; não fujas.

[*Sai Dédalos*]

DÉDALO – Eufiziot, eu aqui estou também; não cuides que Teseu morreu.

TESEU – Graças aos deuses, que ainda estou vivo!

EUFIZIOTE – Eu bem sei que as almas nunca morrem.

TESEU – Basta que cuidaste que eu era morto! Certamente que o teu medo te alucinou.

EUFIZIOTE – Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia supor, senão que eras coisa má, porque coisa boa nunca para mim se chegou?

13 *Tanto fortius* – tanto pior

TESEU – Como te atreveste a penetrar até o centro do Labirinto? Não cuidei que tinhas valor para tanto.

EUFIZIOTE – Se eu fora lisonjeiro, bem te podia dizer que quis vir acompanhar-te nas tuas penas, para ajudar-te a matar o Minotauro: porém, Senhor, a minha fraqueza é tal, que me não pode deixar mentir; e foi o caso: Depois que te trouxeram para o Labirinto, como o boi solto lambe-se todo, não me pesou o pé uma onça, e, como tal, de um pulo entrei por uma porta, saí pela outra, andei, desandei, corri, descorri para dentro, para fora, daqui para ali, até que dei contigo neste lugar, neste Labirinto, neste diabo, que bem escusado era que o Senhor Dédalo fabricasse estes enredos; mas por donde cada um peca, por aí paga.

DÉDALO – Já por meu mal me não posso eximir dessa censura.

TESEU – Ainda te não sei encarecer a artificiosa máquina deste portentoso!

EUFIZIOTE – Também o filho da puta que tal fez merecia as mãos cortadas!

TESEU – E que novas me dás de Ariadna? Sente muito a minha ausência?

EUFIZIOTE – Muito, e com tanto extremo, que esta noite fazem um sarau por exéquias da tua morte.

TESEU – Cruel é a sua condição! Pois não te falou em mim?

EUFIZIOTE – Nem falar nisso é bom, e mais agora que anda um rum-rum em palácio: que Lidoro casa com Ariadna.

TESEU – Ai, infeliz, que, se eu hei de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro, não resistirei ao Minotauro; que antes quero que a sua fúria me devore, do que os zelos me despedacem!

EUFIZIOTE – Pois ainda o Minotauro está vivo?!

TESEU – Ainda; e do seu furor me não hei de eximir.

EUFIZIOTE – Bem aviados estamos! O Minotauro vivo, e eu aqui! Pois com licença, que eu me não quero minotaurear agora, nem esperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava que estavas vivo, por teres morto ao Minotauro.

TESEU – Aonde há de ir, que o podes encontrar? Não te acobardes estando comigo.

EUFIZIOTE – Porventura Vossa Alteza é alguma coura de anta, ou saia de malha, que me faça impenetrável aos dentes minotauros? E, quando assim seja, se quisermos furtar-lhe a volta e fugir, como nos havemos escafeder daqui fora, se em cada passo encontramos mil barafundas e circunlóquios?

DÉDALO – Mais fácil será matar ao Minotauro, que atinar com os caminhos intrincados do Labirinto.

TESEU – De um e outro me verás vitorioso.

EUFIZIOTE – A mim também não me cheira.

TESEU – Para que o saibas, atende.

[*Canta Teseu a seguinte ária e*]

[*RECITADO*]

Nunca piedoso o Céu a um desgraçado
negou favores de um ditoso auspício,
pois com antecipadas influências,
antídotos preveniu a meus pesares,
dando-me Fedra a indústria peregrina
do triunfo do horrendo Minotauro,
quando Ariadna com sutil ideia
o fio me administra,
que tecido farol nestes horrores
me guia o passo em tanto Labirinto.
Mas ai, bela Ariadna! Se piedosa
me dás a liberdade,
inúteis considero os teus favores;
porque em tanta aspereza,
mais cativo me tem essa beleza.

[*ÁRIA*]

Vem, ó monstro, a lacerar-me;
vem, cruel, a devorar-me;
porém não ofendas
com fúria inumana
a bela Ariadna,

que dentro em meu peito
se ostenta feliz.
Se morto me vires,
só quero que entendas,
que tu me não matas;
Amor, isso sim.

EUFIZIOTE – Ainda que me diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que não quero estar aqui um minuto por amor do Minotauro. (Vai andando).

[*Ao ir-se Esfuziote, sai o Minotauro e o atropela e luta com Teseu*]

EUFIZIOTE – Mas ai, que ele é comigo! Senhor Minotauro, olhe que eu não sou dos sete do tributo. Ai, ai, ai!

TESEU – Ó tu, vivo sepulcro de Atenienses, hoje pagarás com a vida os males que tens causado.

DÉDALO – Aqui me tens em tua defesa.

TESEU – Retira-te, Dédalo, que eu só domarei o furor deste monstro.

EUFIZIOTE – Isso, isso! Com ele, e não comigo.

TESEU – Por mais que empenhes a tua fúria, hei de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exales o alento.

[*Cai o Minotauro na mina com bramidos*]

DÉDALO – Ó sempre esclarecido Teseu, agora vejo que ainda o teu valor é maior que a tua fama.

EUFIZIOTE – Oh, sempre tremebundo Esfuziote! Agora vejo que o teu pavor ainda é maior que o Minotauro.

TESEU – Releva-me, Fedra, desprezar para a morte do Minotauro o piedoso remédio que me administraste; que seria injúria do meu valor buscar fora de mim indústrias para vencer; porém sempre no meu agradecimento fica recompensada a tua generosidade.

EUFIZIOTE – Diga-me, Senhor: dar-se-á caso que a bichinha não ficasse bem morta e que possa ressurgir daquela buraca?

TESEU – Com tal vigor o apertei em meus braços, que neles expeliu o seu vital alento.

EUFIZIOTE – Quem me dera ter um abraço desses, para dar ao meu amigo embaixador!

TESEU – Eufiziote, já que os astros te destinaram para companheiro de meus infortúnios, quero valer-me de ti para outra empresa maior que a do Minotauro.

EUFIZIOTE – Senhor, se eu não pude com a menor, como hei de poder com a maior?

TESEU – Para comunicar-me com Ariadna, parece que amor te conduziu a este Labininto. (Ruído).

DÉDALO – Pisadas ouço; parece que vem gente.

EUFIZIOTE – Senhor, não será lícito que te vejam, pois todos te julgam morto.

TESEU – Dizes bem! Dédalo, aonde nos esconderemos?

DÉDALO – No côncavo desta diáfana coluna há um pequeno e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas pessoas, no qual nos poderemos esconder.

TESEU – Pois vamos depressa, que o rumor já vem perto.

EUFIZIOTE – Escondam-se cobardes, que eu só resistirei aos Minotauros.

[Escondem-se Dédalo e Teseu atrás da coluna que há no meio do Labirinto, e sai Taramela com uma banda azul na mão]

TARAMELA – Quero obedecer a Ariadna, só para investigar os meus zelos; mas, entre tanto enleio, aonde acharei a Teseu?

EUFIZIOTE – Ai que é Taramela em carne, que me vem buscar em osso de correr! E sem dúvida que a indústria de fazer-me príncipe a tem feito andar numa dobadoura.¹⁴

TARAMELA – Mas ele aí está. Ah, fementido príncipe! Já vejo que é certa a tua falsidade.

EUFIZIOTE – Taramela, já sei que o labirinto da tua saudade te trouxe por teu pé a este, aonde por ti

¹⁴ *Andar numa dobadoura* – andar com pressa.

duas vezes me considero perdido.

TARAMELA – Para que é lisonjeiro? Logo me pareceu que o seu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E se ela o busca, para que me persegue?

TESEU – Que é o que ouço?

[À parte]

EUFIZIOTE – Menina, isso são tramoias de tua tia, por ver se nelas escorrega o arlequim de meu amor.

TARAMELA – Ainda se atreve a negar que adora a Ariadna?

EUFIZIOTE – Eu a Ariadna?! Apelo eu! É mulher que nunca me caiu em graça.

TARAMELA – Sim, que Ariadna havia de fazer excessos por quem a não requestasse primeiro muito bem.

EUFIZIOTE – Se ela para querer-me achou motivos na minha gentil-homeza, que culpa tenho eu?

TESEU – Que enigma será este, de Esfuziote com esta moça?

[À parte]

TARAMELA – Bem sei que ela é uma princesa, e eu uma criada; mas tenho a consolação que eu o não roguei para que me quisesse.

EUFIZIOTE – Taramela, não venhas a arengar: tanto se me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua.

Tu cuidas que eu faço caso de Princesas? É engano,

pois mais me regala uma fregona desenxovalhada,
que os melindres e filetarias de uma princesa.

TARAMELA – Nada disso me entra cá, pois eu conheço
o gênio de Ariadna e sei que, sem a requestar, lhe
não havia mandar esta banda, para com ela ir ao
sarau que se faz em palácio esta noite. (Dá a banda).

TESEU – Tomara já saber que banda será esta de
Ariadna?

[*À parte*]

EUFIZIOTE – Pois Ariadna manda-me esta banda?!
Dar-se-á caso que me namore, sem eu o saber?

TARAMELA – Não se faça de novas; e para que veja
que a mim me não engana, vá; vá ao sarau, case
com Ariadna, que eu me vingarei em pedir justiça
ao Céu contra um falso enganador. Justiça! Justiça!

[*Vai-se*]

EUFIZIOTE – Espera, Taramela, não feches a porta à
minha inocência.

[*Saem Teseu e Dédalo*]

TESEU – Larga essa banda, insolente.

EUFIZIOTE – Por todas as bandas me vejo combatido,
aí está a banda.

[*Dá a banda*]

TESEU – Que dizia de Ariadna essa mulher?

EUFIZIOTE – Foi galante caso! Suponho que entendeu
que eu era Teseu pelo circunspecto da minha

personagem, e da parte da Senhora Ariadna de-
me esta banda, para que com ela fosse ao sarau que
se faz esta noite em palácio.

TESEU – Assim será; porém, se cuidava que tu eras
Teseu, como te dava ciúmes e indignada contra ti
foi pedindo justiça?

EUFIZIOTE – Isso mesmo estava eu para te perguntar
agora. Dar-se-á caso, Senhor, que Vossa Alteza
algum dia bichancreasse¹⁵ esta criada?

TESEU – Estás louco? Mas tu para que lhe davas
satisfações?

EUFIZIOTE – Porque, entendendo que Vossa Alteza
tinha de amor com esta rabujenta criada, não quis
deixasse de comer por mal cozinhado; e assim lhe
fui respondendo a troxe- moxe.

TESEU – Não te quero apurar mais por ora; e, pois esta
é a primeira fortuna que amor me facilita, vamos,
Dédalo, a procurar máscara, que quero ir ao sarau,
que com ela de ninguém serei conhecido, e só de
Ariadna pela divisa desta banda.

EUFIZIOTE – Giribanda me parece isto! Oh, queira
Júpiter que nessa dança não haja algum contra-
tempo da fortuna!

TESEU – Vamos; não nos dilatemos.

DÉDALO – Sempre ficarei temendo não se te quebre o

¹⁵ *Bichancrear* – namorar.

fo, e te percas no Labirinto.

TESEU – Quem com favores me alenta também com
cautelas me defende desse cuidado. (Vai-se).

CENA III

Sala e uma cadeira. Saem Tebandro com máscara caída e Lidoro sem ela e depois põe Tebandro a máscara; e no fim se correrá a corrediça do meio e aparecerá toda a sala, em que haverá uma mesa composta em forma de banquete

TEBANDRO – Lidoro, vós sem máscara, quando todos já vimos caminhando a este lugar do sarau!

LIDORO – Deixa-me, Tebandro, voar nas asas das minhas penas aos incultos desertos da Líbia, aonde não hajam memórias deste infeliz.

TEBANDRO – Não desprezeis esta ocasião em que as infantas também dançam, para que no contato de tanta neve possais mitigar os incêndios do vosso ardor.

LIDORO – Não quero merecer ao rebuço da máscara o que sem ela não alcanço.

TEBANDRO – Também eu vivia na mesma desesperação; porém Fedra, compadecida dos golpes que a seta de amor fulminou em meu coração, para ligar as feridas me enviou esta banda.

LIDORO – Goza tu, ó Tebandro, essa fortuna, pois foste mais feliz no teu amor; que eu, desenganado, por não morrer muitas vezes, irei morrer uma só.
[Vai-se]

[*Vão saindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga e Taramela com mascarilhas; põe Tebandro a sua; sai El-Rei sem ela, que se assentará; e, enquanto vão saindo, cantar-se-á o seguinte*]

[*Coro*]

Numa alma inflamada,
de amor abrasada,
cruel labirinto
fabrica o Amor.
Porém quem espera
o bem de uma fera,
acertos de um cego,
de um monstro favor?

REI – É tal o prazer que tenho de ver vingada a morte de Androgeu com a de Teseu, que, não cabendo em meu coração, o intento publicar nesta exterior alegria.

FEDRA – Já ali diviso a Teseu pela senha da banda branca; desejava me tirasse a dançar.

[*À parte*]

ARIADNA – Ainda não vejo a Teseu aqui; sem dúvida se quebrou o fio no Labirinto. Oh, quantos sustos padece quem ama!

[*À parte*]

SANGUIXUGA – Quem pudera conhecer ao Embaixador, que o havia de sacar a passeio.

[À parte]

TARAMELA – Se Teseu me fosse amante leal, para bem não havia de vir ao sarau.

[À parte]

[Sai Teseu com máscara]

TESEU – A bom tempo chego! Quem pudera conhecer a Ariadna!

[À parte]

ARIADNA – Ali vejo Teseu; já descançará o meu coração.

[À parte]

TARAMELA – Aquele da banda azul é Teseu, que sem ela o não conhecera; e, pois tão galhardamente se soube disfarçar, certos são os meus males.

[À parte]

[Sai Esfuziote com máscara muito horrenda]

EUFIZIOTE – Só agora, que tapo o rosto, é que tenho cara de aparecer. Queira Deus me não perca nas voltas de Andresa!

SANGUIXUGA – Ai que galante máscara entrou agora!

REI – Dê princípio ao sarau a canora harmonia dos instrumentos.

TEBANDRO – Seja eu o primeiro, que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquela sem dúvida é Fedra; dançarei com ela.

FEDRA – Fortuna foi o conhecer-me Teseu.

[*À parte*]

TEBANDRO – Galharda ninfa, a permitida faculdade desta ocasião seja o indulto deste atrevimento.

FEDRA – Se a ocasião o permite, não pode a vontade deixar de obedecer.

[*Dançam e cantam os dois o seguinte*]

[*MINUETE*]

TEBANDRO – Inda não creio
o bem que gozo!

Serei ditoso
no meu amar?

FEDRA – Estas as voltas
são da fortuna;
sorte oportuna
amor te dá.

TEBANDRO – Serás amante?

FEDRA – Serás confiante?

AMBOS – Esta constância
firme será.

FEDRA – Amanhã à noite te espero na sala dos enganos
do Labirinto.

[*À parte para Tebandro*]

TEBANDRO – Amor, tanta fortuna junta temo me mate
o gosto de possuí-las. [*À parte*]

REI – Quem dançou com Fedra sem dúvida foi
Tebandro e o fez galhardamente.

[*À parte*]

[*Faz Ariadna acenos para Teseu*]

TESEU – Aquela por acenos me diz a tire a dançar; sem
dúvida é Ariadna, que me conheceu pela banda.
Oh, que vagarosos são os passos de um acelerado
desejo! Formosa ninfa, para que me não perca no
labirinto da dança, permiti que o norte de vossas
luzes seja o índice de meus acertos.

[*À parte para Ariadna*]

ARIADNA – Bem é que aprendais acertos neste
Labirinto, para que no de amor não vos percais.

[*À parte para Teseu*]

[*Dançam e cantam os dois o seguinte*]

[*MINUETE*]

TESEU – Na pura neve
de teus candores
os meus ardores
se ateiam mais.

ARIADNA – Se essa ventura
feliz alcanças,
nessas mudanças
temo o meu mal.

TESEU – Serás amante?

ARIADNA – Serás confiante?

AMBOS – Esta constância
firme será.

ARIADNA – Na Sala dos enganos espera-me amanhã
a estas horas.

[*À parte para Teseu*]

TESEU – Ao meu desejo e ao teu preceito obedecerei.

REI – O que dançou agora com Ariadna, seria Lidoro.
Quem me dera ver já concluídas estas ditosas
núpcias!

[*À parte*]

EUFIZIOTE – Aquela das ancas roliças é Taramela;
e, ainda que o não seja, como *imaginatio facit
causam*,¹⁶ suponho que é ela; e, já que é menina
do açafate,¹⁷ dançarei com ela uma giga. Senhora
mascarada, aqui todos somos uns; erga o rabete e
vamos dançando.

TARAMELA – Bem condizem as palavras com o gesto;
tenho entendido que em tudo é ridículo.

EUFIZIOTE – Ela é sem dúvida, que agora a conheço
melhor pelo falso metal da voz. Ora enteircemo-
nos em forma dançarina.

¹⁶ *Imaginatio facit causam* – a imaginação inventa a causa.

¹⁷ *Açafate* – estilo de dança.

[ÁRIA A DUO]

em forma de Minuete

EUFIZIOTE – Inda que gaste
duzentas solas,
mil cabriolas
por ti farei.

TARAMELA – Ai, que bichancro!
Que horrenda cara!
Quem lhe cascara
um cambapé.¹⁸

[*Faz Esfuziote que tropeça*]

EUFIZIOTE – Dá-me essa mão,
para me erguer.

TARAMELA – Vá-se daí?
Quem é você?

EUFIZIOTE – Sou quem por ti
mil cabriolas
juntas farei.

Queres tu ver?

Ora lá vai:

uma, duas e três e quatro e cinco e seis!

[*Em pulos*]

AMBOS – Mui buliçoso tens esse pé!

¹⁸ *Cambapé* – Ardil que consiste em meter um pé ou perna entre as de outrem para o derrubar.

REI – Basta; demos por acabado o sarau. Olá!
Preparem-se as mesas, pois quero banquetear esta
noite aos príncipes.

TARAMELA – Vamo-nos, tia, que os príncipes querem
cear. Ah, falso Teseu, eu me vingarei de ti!
[À parte e vai-se]

SANGUIXUGA – E que se passasse a noite sem haver um
embaixador que comigo dançasse, para mostrar as
minhas habilidades! Paciência; vamos a petiscar.
[À parte e vai-se]

[Corre-se a corrediça do meio, aparece uma mesa e
tiram todos as máscaras, exceto Teseu e Tebandro]

REI – Príncipes, tirai as máscaras, que não haveis de
comer com elas.

TESEU –Estou perdido, se El-Rei teima em que nos
descubramos, pois já me não posso retirar sem
que me veja; e, se me for à sua vista, talvez que me
não consinta. Quem jamais se viu em tão apertado
lance!

[À parte]

FEDRA – Ai de mim, que se Teseu tira a máscara, El-
Rei o conhece! Não tires a máscara, que nisso está
a tua vida.

[À parte para Tebandro]

TEBANDRO – A minha vida? Não entendo a Fedra.

[À parte]

ARIADNA – Que será de Teseu, se El-Rei porfiar em que tire a máscara? Teseu, não tires a máscara, que primeiro está a tua conservação.

[À parte para Teseu]

TESEU – Bem sei; mas que hei de fazer?

REI – Que é isso, Lidoro? Que é isso, Tebandro? Não tirais as máscaras?! Recusais o meu convite?!

EUFIZIOTE – Eu por mim, Senhor, sem preceito de Vossa Majestade já tirei a mascarilha, se bem que para tais funções ainda com máscara mascara.

TEBANDRO – Fedra me diz que não tire a máscara, e El-Rei ordena o contrário! Como há de isto ser?

[À parte]

TESEU – Hoje será a minha total ruína.

[À parte]

EUFIZIOTE – Não te disse eu, Senhor, que temia nesta dança algum contratempo?

[À parte para Teseu]

REI – Essa desobediência é ludíbrio do meu decoro. Que receio tendes em vos descobrires? Alguma traição indica esse recato e esse rebuço. Olá, da minha guarda!

FEDRA – Ai, infeliz Teseu, eu me vou, antes que os meus olhos vejam tal desgraça. Quem nunca te mandara chamar!

[À parte e vai-se]

ARIADNA – Que infelicidade!

[À parte]

EUFIZIOTE – Eis aqui os bailes! Coisa de pés sempre dá na cabeça!

[À parte]

[*Tanto que El-Rei chama a guarda, virão dois Soldados, e com eles o príncipe Lidoro com máscara, pela parte donde está Teseu, e este se irá logo, e El-Rei estará virado com as costas para ele e Tebandro tira a máscara.*]

TESEU – Agora neste tropel e confusão me irei.

[*Vai-se*]

LIDORO – Não pude acabar comigo deixar de vir ao sarau; mas cuido que já venho tarde.

[À parte]

ARIADNA – Já se foi Teseu! Já respiro com sossego.

[À parte]

REI – Agora fará o rigor o que não pode o respeito.

TEBANDRO – Aqui não há mais que obedecer. Senhor, Vossa Majestade não acuse de remissa a minha obediência, pois eu... eu...

[*Tira a máscara*]

REI – Está bem, Tebandro. E vós, Lidoro, nem o exemplo de Tebandro, nem o meu preceito é bastante para que acabeis de tirar a máscara? Porém não deveis de ser Lidoro, que, a ser, sériéis mais

atento; e nessa suposição... Olá, tirai a máscara a esse homem, para que, depois de conhecido, pague com a vida o seu atrevimento!

LIDORO – Senhor, que diz Vossa Majestade, se eu ainda agora entro, sem que em nenhum tempo fosse inobediente a teu preceito? (Tira a máscara).

REI – É boa desculpa esta, Lidoro: querer contradizer uma ocular evidência.

LIDORO – Um príncipe de Epiro não sabe mentir; e, para que me acredites, pergunta-o a esses soldados que comigo vieram.

SOLDADO Iº – Assim é, Senhor, que o príncipe Lidoro conosco entrou.

EUFIZIOTE – Isso está muito bem, mas o caldo estará de neve.

[À parte]

ARIADNA – Estimo que fosse Lidoro o culpado.

[À parte]

REI – Lidoro, eu creio o que me dizeis; porém deixai que creia também aos meus olhos, que viram uma máscara dançar com Ariadna, a quem mandei se descobrisse, cuja desobediência foi tal, que para seu castigo me obrigou a chamar a estes soldados de minha guarda.

LIDORO – Pois, Senhor, eu não dancei com Ariadna, que a minha fortuna, sempre adversa, me privou desse bem, por não querer conseguir favores no disfarce de quem na realidade me despreza; e assim peço-te, Senhor, me dê licença para retirar-me à minha corte, que, como há em palácio quem dance com Ariadna e há nela repúdios que me desenganam, bastante motivo parece que abona o meu retiro.

[*Quer ir-se*]

REI – Não vos ausenteis, Lidoro, levando um escrúpulo tão indecente ao meu decoro. Eu vos prometo averiguar quem foi o que dançou com Ariadna, para o que empenho a minha real palavra.

EUFIZIOTE – Isto assim será; porém a sopa esfriada est.

ARIADNA – Lidoro, se pelos meus desvios vos ausentais, digo que tendes razão; porém sempre andastes descomedido em dizer que há em palácio quem dance comigo; quando não pode haver tão atrevido pensamento, que intentasse, com o dissímulo do disfarce, aproveitar-se do contato da minha mão; pois só com a permitida faculdade de El-Rei cometerias, com esse indulto, esse delito.

LIDORO – De tão ditoso crime desejara ser o culpado.

EUFIZIOTE – Senhores, guardem isso para sobremesa, pois naquela babilônia de paços não faltam línguas para deslindar esse novo caso da consciência.

REI – Eu confesso que estou perplexo e ainda não posso crer que não dançastes com Ariadna.

LIDORO – Nem ao menos pelo vestido pudesses distinguir se me parecia eu com esse mascarado que dançou?

REI – Como já os anos me vão privando da perspicácia do melhor sentido, não fiz apreensão no vestido; diga-o Ariadna e Tebandro.

TEBANDRO – Não ha dúvida, que o vestido era diferente a este de Lidoro.

ARIADNA – Pois, a meu ver, nenhuma diferença tinha; e para que Lidoro se não atreva em minha presença a proferir tão inauditas ofensas, Vossa Majestade me permita licença, pois que não posso castigar o seu atrevimento, ao menos me retire de ouvir tão loucas palavras.

[*Vai-se*]

EUFIZIOTE – Ora isto já se não pode aturar! Eu não hei de ser Tântalo, ainda que esteja no Inferno; valham-me as minhas rapinantes habilidades, que com a disputazinha em nada reparam a estas horas.
[*Esconde-se Esfuziote debaixo da mesa, e de quando em quando deita a mão em um prato.*]

REI – O caso está duvidoso.

EUFIZIOTE – Por isso vou comentando.

[*Deita a mão*]

REI – Lidoro, descansai, que vos prometo averiguar quem foi o que dançou com Ariadna; pois, a não serdes vós, como dizeis, e não vermos retirar-se o outro que se supõem, não sei quem possa ser, salvo se for o vivo morto que o Oráculo predisse para total extinção do Minotauro.

[*Vai-se*]

EUFIZIOTE – Isso dizem todos à boca cheia.

[*Comendo*]

TEBANDRO – Vou confuso, sem saber por que causa me diria Fedra que me não descobrisse.

[*À parte e vai-se*]

LIDORO – Quem viu maior confusão!

EUFIZIOTE – Pergunte-me a mim, que eu porei isto em pratos limpos.

[*Vai-se*]

LIDORO – Que enleio será este? Tudo em Creta são labirintos e enigmas! Pois afirmar El-Rei que eu dancei com Ariadna, quando vinha para esse efeito, e o que mais é, não aparecer nem saber-se quem com ela dançou, não sei o que presumo!

EUFIZIOTE – O supino de presumo é o presunto, e este que não é mau!

[*Vai-se*]

LIDORO – Presumir em Ariadna que admite outro amante é desacerto, por não haver em Creta quem

a mereça. Eu, vacilante no oceano tempestuoso de tanta confusão, não sei discernir o que será isto.

EUFIZIOTE – É chouriço, que sabe como gaitas.

[*Vai-se*]

LIDORO – Oh, nunca caprichara em não vir ao baile, que, se a tempo chegasse, nunca haveria quem tanta fortuna conseguira! Oh, que tormento me penetra o íntimo do coração, pois em tanta dúvida não posso descifrar a causa de minhas penas!

EUFIZIOTE – Na verdade, que isto é um bocado que se não pode tragar! Valha o Diabo ao cozinheiro, que deixou o galo com esporões.

[*Repete Lidoro o seguinte*]

[*SONETO*]

Se este mal que padeço hei de mostrá-lo
perífrases não acho a defini-lo;

pois, quando dentro d'alma sei senti-lo,
balbuciente é o gemido a declará-lo!

Por mais que intento em vozes decifrá-lo,
me sufoca o pesar ao proferi-lo,
pois contém este mal um tal sigilo,
que parece é delito o publicá-lo.

Se o tormento, que n'alma se resume,
reside inexplicável cá no interno
do peito, donde sinto um vivo lume,

somente caberá seu mal eterno
ou na língua do fogo do ciúme,
ou na boca voraz do mesmo Inferno.

EUFIZIOTE – Já que deu o mote, cá vai a glosa.

[*Comendo*]

[*Sai Taramela*]

TARAMELA – Já que o falso Teseu corresponde a Ariadna, pois com a banda que lhe dei, em seu nome veio ao sarau e com ela dançou com notório desprezo de minha pessoa, que espero, que me não vingou estorvando os intentos do seu amor?

EUFIZIOTE – Lá vem Taramela, se me não engano! E como vem comezinha!

TARAMELA – Senhor Lidoro, tão só por aqui a estas horas?! Já me não pergunta por Ariadna?

LIDORO – Já se acabou esse cuidado, que, como Ariadna tem quem dance com ela, não é muito que encontre mudanças na minha fortuna.

TARAMELA – Tem muita razão Vossa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

EUFIZIOTE – Temos o caldo entornado, que a moça é capaz, como eu aqui faço, de dar com a língua nos dentes.

[*À parte*]

LIDORO – Pois, Taramela, tu sabes quem dançou com Ariadna?

TARAMELA – Se guardas segredo, eu te direi. Zelos, é tempo de derramar já tanto veneno!

[À parte]

EUFIZIOTE – Vejam lá, se assim como me deu a banda no Labirinto, se a desse a Teseu, que tal seria?

LIDORO – Dize-me, Taramela: e, para que vejas o meu agradecimento, aí tens nesta joia o antecipado prêmio do meu afeto.

[Dá a joia]

TARAMELA – Ai, Senhor! Para mim não há mais joia que o seu bom modo e cortesia; que o modo com que se dá aumenta o valor da dádiva.

EUFIZIOTE – Porém, sempre lambendo!...

[À parte]

LIDORO – Dize; não tenhas pejo.¹⁹

EUFIZIOTE – Eu cuido que ela está pejada, pois a vejo em termos de vomitar.

[À parte]

TARAMELA – Vigie não venha Ariada, que, se me acha falando com Vossa Alteza só por só, me matará certamente; pois diz que nem coisa sua quer que com Vossa Alteza fale.

LIDORO – Podes dizer, que ela não vem agora.

TARAMELA – Pois, Senhor, saberá que quem dançou com Ariadna... Ai, Senhor! Veja, por sua vida, não venha ela!

¹⁹ *Pejo* – acanhamento.

LIDORO – Dize, que não vem; pois quem foi?

TARAMELA – Foi Teseu.

LIDORO – Teseu?! Que dizes? Como pode ser, se ele morreu no Labirinto? Vai-te e deixa-me com essas quimeras.

EUFIZIOTE – A mulher é capaz de desenterrar mortos.

TARAMELA – Senhor Lidoro, Teseu não morreu: Ariadna se corresponde com ele e veio ao baile; e por sinal...

LIDORO – Espera, que aí vem Ariadna por aquela sala.

TARAMELA – Ai, desgraçada de mim, se aqui me vê! Esconda-me em algures.

EUFIZIOTE – Bem haja Ariadna, que veio; nunca teu pé doa.

[À parte]

LIDORO – Enquanto ela passa, esconde-te debaixo daquela mesa, que de outra sorte não podes ir, sem que te veja.

TARAMELA – Pois eu me escondo, e avise-me quando se vai.

EUFIZIOTE – Anda para cá, que eu te perguntarei.

[À parte]

[*Esconde-se Taramela debaixo da mesa, donde está Esfuziote, e brigam, de sorte que virá a mesa ao chão*]

TARAMELA – Ainda estou sem pinga de sangue no corpo.

EUFIZIOTE – Aqui se pagam elas, velhaca, embusteira!

TARAMELA – Ai, que não sei quem aqui está!

EUFIZIOTE – Cala-te, marafona!

TARAMELA – À que de El-Rei! Acuda-me, Senhor Lidoro; acuda-me Vossa Alteza!

[*Cai a mesa*]

EUFIZIOTE – Antes que te vejam, Esfuziote, vai-te esfuziando.²⁰

[*Vai-se*]

LIDORO – Quem vai aí? Quem é, Taramela?

TARAMELA – Ele aí vai, veja se eu falo verdade!

LIDORO – Irei em seu seguimento.

[*Quer ir-se*]

[*Sai Ariadna*]

ARIADNA – Em seguimento de quem? Que foi isto, Taramela? Que distúrbio é este?

TARAMELA – Vindo levantar a mesa, estava um cão roendo um osso. Foi ele que me queria levar a carne da perna por amor do osso, que para ambos foi de correr; eu para fugir, e o cão para morder-me; e com o medo tropecei na mesa e veio indo ao chão.

LIDORO – Que não pudesse distinguir quem era o que fugiu! Mas quem havia de ser senão quem disse Taramela, que talvez por esse respeito viesse Ariadna a este lugar, estorvando-me o segui-lo?

[*À parte*]

²⁰ *Esfuziando* – fugindo.

ARIADNA – Vai chamar quem levante a mesa. Ouves?
Dirás a Teseu que, se por acaso me não ouviu no baile, que o espero na sala dos enganos amanhã à noite.

[À parte]

TARAMELA – Eu vou, Senhora. Olhe o negro cão o susto que me meteu!

LIDORO – Cuido, Senhora, que já vindes tarde; mas quem é vivo sempre aparece.

ARIADNA – Não entendo essa nova frase de falar-me.

LIDORO – Não sem causa eram os teus desvios, ingrata; pois, desprezando a viva constância com que te adoro, idolatras a um morto na aparência, que vive em teu coração na realidade.

ARIADNA – Ai, desgraçada! Que é o que ouço?

[À parte]

LIDORO – Agora morrerei com mais suavidade, conhecendo a causa de teus desvios; mas não desesperado na incerteza da causa de teu desdém.

ARIADNA – Como desatento a meu decoro fabricais em vosso pensamento esses temerários conceitos, indignos de minha soberania?

LIDORO – Que ofença faço em dizer que amas a Teseu e que foi quem contigo dançou disfarçado? E se um príncipe como Teseu é o teu emprego, em que se pode ofender o teu decoro?

ARIADNA – Que mais claro o há de dizer? Louco príncipe, bem se vê que todas as máquinas que fabricas são fundadas em aéreas desconfianças; pois, ainda que Teseu pudesse ressuscitar agora, nem vós nem ele nem ninguém podia contrastar a minha isenção. Ide-vos; ide-vos, bárbaro, temerário, que essas fingidas ideias não podem escurecer as purezas do Sol.

LIDORO – Adverti que o Sol, com ser puro, não deixou de amar a Dafne.

ARIADNA – Ide-vos, tenho dito.

LIDORO – Eu me vou; porém não sei se me tornarás a ver; que os zelos em que me abraso, não cabendo dentro do coração, talvez façam maior estrago do que imaginas.

[*Vai-se*]

ARIADNA – Ai de mim, que Lidoro, zeloso, sabendo que Teseu é vivo, o irá comunicar a EI-Rei! Que farei? Amor, influi acertos a meus intentos, para que Teseu não fique oprimido a violências de um cego ciúme.

[*Canta Ariadna a seguinte*]

[ÁRIA]

Confusa e perdida,
sem alma e sem vida,
alívio em meus males
aonde acharei?
Se a infiel tirania
de um cego me guia,
em tantos enleios
que acertos terei? (Vai-se).

CENA IV

Gabinete e espelho no fim dele. Saem Teseu e Dédalo

DÉDALO – Notável foi a troça com que te saiste do sarau! E, pois então lograste essa fortuna, não é justo entendas que sempre terás os fados propícios.

TESEU – Nunca me vi em tão evidente perigo; porém, por maior que seja, nunca deixarei de ver a Ariadna; que um espírito, armado de amor, não teme as iras de Marte.

DÉDALO – Essas palavras são efeitos de um juvenil ardor; algum dia reputarás ignorância o mesmo que agora julgas discrição. Diga-o eu, quando fabriquei este labirinto, especialmente este gabinete, no qual empenhei com particularidade a minha ciência; porém o que naquele tempo foi vanglória da ideia hoje vejo que foi erro da fantasia.

TESEU – Em todos os quartos do Labirinto admiro tanto artifício, que não sei discernir qual é o melhor; este não há dúvida que admira, mas não excede.

DÉDALO – Se tu, Senhor, souberas a virtude que tem aquele espelho, verias o quanto este gabinete é digno de estimação.

TESEU – Não me dilates o gosto de sabê-lo.

DÉDALO – Aquele espelho, que ali vês fica fronteiro àquela janela, da qual, ainda que muito distante, se veem os jardins de palácio; e, sem embargo da sua distância, é tal o artifício com que fabriqueei esse espelho, que aquele objeto remoto o avizinha tanto aos olhos, que nele se distingue a mínima flor daquele jardim. Repara e vê.

TESEU – Não há dúvida. Que ameno pênstil!²¹ Mas que muito, se Ariadna, ostentando-se Flora desse jardim, veste de púrpuras as rosas e de candores as açucenas!

DÉDALO – Conheces quem é aquele que lá vem?

TESEU – Já vejo que é Lidoro, e tão distintamente como se estivesse aqui conosco.

[*Por detrás do espelho aparece Lidoro*]

LIDORO – Ainda me não posso capacitar que Teseu é vivo, só pelo leve informe de Taramela. É necessário maior averiguação para que com mais certeza o comunique a El-Rei em vingança dos meus zelos. Bem sei que as conjecturas são eficazes; porque haver quem com Ariadna dançasse, sem que se visse quem foi, e logo sair um homem debaixo da mesa com arrebatada fuga; isto argui uma quase verossimilhança de que Teseu é vivo; porém para condenar não bastam indícios.

21 *Pênstil* – jardim suspenso.

DÉDALO – Mui triste e pensativo está Lidoro!

TESEU – Sem dúvida os desvios de Ariadna são a causa de seus pesares.

DÉDALO – Lá vem Ariadna; vê que mais queres?

[*Aparece Ariadna por detrás do espelho*]

TESEU – E como vem galharda! Ai, Dédalos, que considero naquele espelho as propriedades de ustório;²² pois na esfera de seus raios me abraso, salamandra de suas luzes, se já não é telescópio em que diviso a bela grandeza daquele astro.

ARIADNA – Aqui está Lidoro! Quanto temo que dos seus zelos a fúria sinta Teseu! Quero desvanecê-los, mostrando-me amante; que nas guerras do amor, vencer com enganos é o melhor sistema.

[*À parte*]

LIDORO – Vossa Alteza, Senhora, tão só por este jardim, podendo estar acompanhada no Labirinto?

ARIADNA – Lidoro, ainda se vos não desvaneceu esta fantasia? Pois sabeis que, a ser possível viver Teseu, e eu capaz de amar, nunca por Teseu vos desprezara.

TESEU – Quem me dera poder ouvir o que falam Ariadna e Lidoro!

DÉDALO – A tanto não pode chegar a ciência óptica.

TESEU – Pois para que me facilitasse o ver, se me havia negar o ouvir?

LIDORO – Se até aqui, cruel, me matavas com

²² *Ustório* – objeto que serve para queimar.

desenganos, agora com enganos me queres tiranizar? Não me desvaneças com possíveis carinhos a isenção do teu peito, que bem informado estou que adoras a Teseu vivo, ou ao menos as memórias de Teseu morto; pois de toda a sorte sei que o amas.

ARIADNA – Para desvanecer esse errado projeto do teu ciúme, quero, violentando a minha natural isenção, obedecer a teu rogo. Vai, Lidoro; dize a El-Rei, meu Pai, que abrevie os nossos desposórios, para que vejas que o meu desvio não se origina de ocultos afetos. Perdoa, Teseu, estas fingidas vozes de minha cautela, que todas são dirigidas à tua liberdade.

[*À parte*]

TESEU – Que estará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta eficácia?

LIDORO – Belíssima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciúmes. Porém, quando não foram indiscretos os zelos? E, pois com tantos favores premeias os meus delitos, deixa que, prostrado, novamente a minha liberdade se sacrifique.

[*Põe-se Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta*]

TESEU – Que é o que vejo? Ai de mim, Dédalo! Que

importa estar aqui ocioso o ouvido, se os olhos como testemunhas de vista me informam dos meus zelos? Não viste a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ela com alegres carinhos recebendo a vítima de suas adorações?

DÉDALO – Pode ser que não seja de amor o motivo desse rendimento, maiormente quando não podes ouvir o que dizem.

TESEU – Um impaciente amante, como Lidoro, que assunto podia ter para as suas vozes, senão expressões de seu amor? Ai, infeliz, que como basilisco dos zelos a mim mesmo me mato, quando os vejo no diáfano daquele espelho!

LIDORO – Porém, já que o suave espírito de tua fineza comunica novos alentos à minha esperança, permite-me algum sinal externo de tua constância.

ARIADNA – Cresça o engano; aumente-se a indústria. Suposto que o abono de minha palavra para me acreditares bastava, contudo este retrato meu será o fiador, para que creias mais à cópia, que ao original.

[*Dá-lhe o retrato*]

LIDORO – Com o favor deste retrato alentas ao meu coração de vivas cores.

TESEU – Que dizes, Dédalos? Pode agora enganar-se

a vista? Não viste dar Ariadna um retrato seu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidência de sua falsidade? Ah, ingrata! Ah, falsa Ariadna! Essas eram as tuas isenções? Porém, se és mulher, que muito sejas mudável!

DÉDALO – Oh, quem nunca trouxera a Teseu a este lugar!

LIDORO – Para que me possa vangloriar de ditoso, só falta que um favor me concedas.

ARIADNA – Dize.

LIDORO – Atende.

[*Cantam Lidoro, Ariadna, e Teseu a seguinte*]

[*ÁRIA*]

LIDORO – Se ostentas no pintado
constante o teu agrado,
oh, peço-te não seja
pintado o teu favor.

ARIADNA – Se o vário dessas cores
adoras por favores,
nas sombras da pintura
mitiga o teu ardor.

TESEU – Falsa, cruel, avara,
na dúvida repara!
Verás neste retrato
copiada a minha dor.

LIDORO – Dize, serás constante?

ARIADNA – A mim não me perguntes;
o tempo te dirá.

TESEU – Tirana, eu desespero,
eu me abraso, eu enlouqueço.

Quem viu tormento igual!

LIDORO – A cópia que me anima,

ARIADNA – A glória que me alenta,

TESEU – a dor que me atormenta,

TODOS – se intenta eternizar.

LIDORO – Mas ai, que essa fortuna
não posso acreditar!

ARIADNA – Mas ai, que a tua ideia
se pode alucinar!

TESEU – Mas ai, que o meu ciúme
me quer precipitar!

LIDORO E ARIADNA – Pois que ouço,

TESEU – Pois que vejo

TODOS – que nada no Orbe constante será.

[*Vão-se Lidoro e Ariadna*]

DÉDALO – Príncipe, não te entregues todo ao
sentimento; deixa loucuras de amor.

TESEU – Nada me digas; deixa-me seguir a uma
inimiga, qua na fragância daquele jardim se ostenta
Vênus daquele Adônis; porém o meu mavórcio
furor em sanguinolenta metamorfose escreverá

nas folhas das brancas rosas as rubricas de minha vingança.

[*Quebra o espelho*]

DÉDALO – Que é o que intentas?

TESEU – Arrancar aquela traidora dos braços de seu amante.

DÉDALO – Que culpa teve o cristal, para experimentar o teu rigor, quando nele só por reflexo viste a causa de tuas penas?

TESEU – Ainda que errei o tiro, sempre acertei o golpe; porque espelho, que foi teatro dos meus zelos é bem que em átomos desfaleça, para que no estrago de seus cristais se represente melhor a tragédia de meu amor, já que o furor que me abrasa não sabe liquidar no espelho de meus olhos o cristal de meu pranto.

DÉDALO – Em um instante desvaneceste o trabalho de tantos anos.

TESEU – Dédalo, guia-me à sala dos enganos, aonde me disse Ariadna a esperasse esta noite; pois já o délio planeta²³ em mal distintas luzes quase toca a diáfana meta do último horizonte.

DÉDALO – Para que procuras a Ariadna, se a viste seguir a Lidoro?

TESEU – Por isso mesmo; para que na sala dos enganos

23 *Délio planeta* – o Sol.

encontre o último desengano. Ai, Dédalo, que há no mundo mais labirintos do que cuidas!

DÉDALO – Não sei que até aqui haja outro, fora deste.

TESEU – Pois sabe que dentro deste Labirinto existe outro labirinto.

DÉDALO – Não entendo!

TESEU – Para que me entendas, atende e verás.

[SONETO]

Labirinto maior, mais intrincado,
tem amor em meu peito construído,
de quem se ostenta aos golpes do gemido,
cinzel a mágoa, artífice o cuidado.

Na memória se vê delineado,
o tormento de um gosto amortecido,
na confusão da dor o bem perdido
nunca se encontra, ainda quando achado.

À máquina mental desta estrutura
Adornam, em funestos paralelos,
lâmina o susto, sombras a pintura.
Colunas são os míseros desvelos,
estátua o desengano se afigura,
fio a esperança é, monstros os zelos.

[*Vai-se*]

DÉDALO – Quem duvida que amor é o maior labirinto?

[*Vai-se*]

CENA V

Sala de colunas, que a seu tempo cairão, e ficará tudo em outra vista, e no fim da sala haverá uma vaca

[*Sai Esfuziote*]

EUFIZIOTE – Agora que a boca da noite vai engolindo o manjar branco do dia... Não digo bem! Agora que a língua do Sol se vai encolhendo na boca da noite, a quem o cadeado do silêncio lhe fura os beiços da escuridade, venho segunda vez ao Labirinto; que se a primeira vim, porque nele me perdi, agora venho porque fora dele me querem deitar a perder. Fiai-vos lá em mulheres, que, em tendo zelos, são piores que cães danados! Tomara perguntar a Taramela para que foi dizer a Lidoro pá pé,²⁴ tudo quanto lhe disse, e por um triz que me não apanha com o rabo na ratoeira! Não lhe perdo-o o mau cozimento que me causou com os sustos; porém, para me livrar deles e dela, irei buscar a Teseu; que antes quero viver no Labirinto, que morrer em Palácio; que pode ser que se lhes meta em cabeça que eu sou Teseu de verdade e me torçam o pescoço, assim como quem não quer a coisa; pois safam daqui fora. Oh, esta sem dúvida é

24 *Pá pé* – minuciosamente.

a vaca, que disse Dédalo fabricara para Pasife! Cá está a escotilha, por onde a tal Rainha viu os touros de palanque! Mas eu, se me não engano, aqui vem gente; seja quem for, escotilha aberta, justo peca. Eu me escondo dentro da vaquinha, feito rainho, até que passe quem quer que é.

[*Esconde-se Esfuziote na vaca, e sai Taramela*]

TARAMELA – Outro recado temos de Ariadna para Teseu. É para ver se se namoram à chucha calada! Bem fiz eu em dizê-lo a Lidoro! Esta é a sala dos enganos, para onde hei de dizer a Teseu, que venha! Mas isto é quase noite, para ir ao centro do Labirinto, e temo que me anoiteça no caminho; o melhor será ir-me embora, que, assim como assim, já não tenho mais que saber, que certos são os touros.

EUFIZIOTE – Mais certa é a vaca! Esta é Taramela! Não sei se lhe fale, pois, quando a sua falsidade me esconde, a sua beleza me escancareia?

TARAMELA – Ai! Ainda aqui está esta negra vaca? Não sei como se consente este traste em ser!

EUFIZIOTE – Bom traste és tu!

TARAMELA – Só de a ver me tremem as carnes.

EUFIZIOTE – A rapariga tem tremendas carnaças.

TARAMELA – Oh, maldito seja Dédalo, que tal fez para ocasião de tanta ruína!

EUFIZIOTE – Oh, malditas sejam tu, que tão mexeriqueira és!

TARAMELA – Ela sem dúvida parece coisa viva.

EUFIZIOTE – Ora viva quem se chega!

TARAMELA – Para que mais, até a pele tem cabelos!

EUFIZIOTE – A ocasião pelos cabelos. Espera, cabeluda deidade, que hoje o pente de meu carinho te tirará as lândeas de tua desconfiança.

[*Sai da vaca*]

TARAMELA – Ai! Quem me acode, que a vaca sabe falar?

EUFIZIOTE – Há coisa mais eloquente em um banquete, que uma língua de vaca? Mas a tua, com tua licença, merecia sal e pimenta.

TARAMELA – Ui! Vossa Alteza cá está na sala dos enganos?! Não quis deixar de obedecer a seus amores?! Fez muito bem, que ela tudo merece.

EUFIZIOTE – Quem é essa ela, Taramela?

TARAMELA – Já lhe esquece? É aquela com quem dançou a noite passada.

EUFIZIOTE – A noite passada dancei contigo.

TARAMELA – Não me queira desesperar. Eu não o vi dançar com Ariadna com a mesma banda azul que lhe levei ao Labirinto, e por sinal que dançou melhor que ninguém?

EUFIZIOTE – Agora! Já estou mui pesado; isto é chão que já foi vinha.

TARAMELA – Logo, não nega que dançou com Ariadna?

EUFIZIOTE – Não, filha, que eu não podia dançar bem, senão contigo.

TARAMELA – E a banda azul?

EUFIZIOTE – Azul é ciúmes; quem os tem anda cego; quem anda cego não vê; e quem não vê não pode julgar de cores.

TARAMELA – Ora, Senhor, tenho entendido que Vossa Alteza faz zombaria de mim.

EUFIZIOTE – Já te disse que me não altezeies, que o amor e a Majestade sempre se assentaram em iguais tripeças.

TARAMELA – Senhor, com que estamos? Vossa Alteza pode negar que eu lhe trouxe uma banda azul ao Labirinto em nome de Ariadna?

EUFIZIOTE – Assim foi, que a verdade manda Deus que se diga.

TARAMELA – Pode negar que agora o acho aqui nesta sala dos enganos, na qual me disse Ariadna a esperasse Vossa Alteza, por se acaso não tivesse ouvido bem o que ela lhe disse? É isto verdade?

EUFIZIOTE – Verdade é que eu estou aqui.

TARAMELA – Logo, digo eu bem que namora a Ariadna?

EUFIZIOTE – Isso é mentira.

TARAMELA – Como pode ser verdade e mentira ao mesmo tempo?

EUFIZIOTE – Porque neste tempo tudo são mentiras e verdades.

TARAMELA – Se isso é conceito, não o entendo.

EUFIZIOTE – Pois eu era tão descortês, que dissesse conceitos na tua presença?

TARAMELA – E para mais prova, diga; que fazia debaixo da mesa escondido, sendo um príncipe?

EUFIZIOTE – Estava para fazer certa prova.

TARAMELA – Prova? De quê?

EUFIZIOTE – Da tua falsidade, pois foste tão linguatriz, que disseste a Lidoro que eu estava vivo. Dize, tirana: assim desempenhas a catarata do teu nome? Se és Taramela, porque te não fechas? Mas, se és Taramela devassa, por isso te abriste, desenterrando mortos, para enterrar vivos! Que dizes agora?

TARAMELA – Digo, que fiz muito bem; pois já que eu o não hei de lograr, não quero que me logre também; já que eu choro o seu desvio, sinta Ariadna o que eu padeço; mas diga-me: por ventura quando se meteu debaixo da mesa, já sabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

EUFIZIOTE – Gaita, rola, mecânica, não sabes que nós os Príncipes temos o dom de adivinhar? E para que o vejas, essa joia, que trazes no peito, te deu Lidoro; não é verdade?

TARAMELA – É verdade, pois que temos?

EUFIZIOTE – Temos embargos a isso: dize-me, insolente, leviana, frágil, pois tu aceitas joias de Lidoro, estando para casar com um príncipe de Atenas?

TARAMELA – Ele não me deu por mal.

EUFIZIOTE – Pois eu por mal a tomo [*tira a joia*]; larga essa joia, indigna futura princesa, que não é decente à minha honra, que adorne teu peito falso diamantes finos. É boa graça! Estou ardendo! E, quando nada, saquei a joia por bom modo!

[*À parte*]

TARAMELA – Com quê, Vossa Alteza me leva a joia, ainda em cima de me ser desleal?

EUFIZIOTE – Olha, filha, aqui ninguém nos ouve! Eu bem sei que Lidoro te não deu por mal essa joia; mas não é brio meu que tu tragas enfeites desse patife.

TARAMELA – Senhor, estava muito bem, se Vossa Alteza não amasse a Ariadna.

EUFIZIOTE – Olha! Permita Deus que, se eu casar com Ariadna, que, berrando, vá a minha alma parar aos quintos infernos, a fazer filhotes com Plutão.

TARAMELA – Quanto mais jura, mais mente!

EUFIZIOTE – Que por amor de meu amo perca eu essa fraude! Ora vem cá, minha Taramela; façamos as

pazes; tem lástima deste amante coração, que por ti chora pelas barbas abaixo como uma criança. Não te compadecem os soluços de um príncipe que, assoando o monco²⁵ da mágoa no lenço da ingratidão, destila o nariz da fineza o estilicido²⁶ do sofrimento? Digo alguma coisa?

TARAMELA – Ai, deixe-me; não seja importuno, antes que lhe perca o respeito.

EUFIZIOTE – Perde-o muito embora, que nisso pouco se perde.

TARAMELA – Pois, já que me dá licença, ouça com o devido respeito.

[*Canta Taramela a seguinte*]

[*ÁRIA*]

Que trêmulo marres,²⁷
que estático morras,
que estítico mirres,
que morras, que marres, que mirres,
e a mim que se me dá?
Por mais que em teus males
em ânsias te estales
e em prantos te estiles,
debalde será.

²⁵ *Monco* – muco nasal.

²⁶ *Estilicido* (= estilicídio) – queda de água.

²⁷ Do verbo *marrar*: bater de frente.

[*Quer ir-se e sai Sanguixuga*]

SANGUIXUGA E ESFUZIOTE – Espera, aonde vás, Taramela?

TARAMELA – Deixe-me, que vou desesperada.

EUFIZIOTE – Oh, quanto folgo, que viesse tua tia!

SANGUIXUGA – É possível, rapariga, que me faças vir tropeçando por esses labirintos, vendo que nele entraste a estas horas? Que loucura foi essa?

TARAMELA – É vir segunda vez verificar os meu zelos, para que com duas testemunhas de vista sentencie a este falso príncipe a perpétuo desterro de meus carinhos.

EUFIZIOTE – Bem folgo eu, Senhora tia, que viesse vossa Sanguixuguice, só para ver a insolência com que sua sobrinha trata ao segundo filho primogênito de El-Rei de Atenas, só porque a Infanta se afeiçoou de mim. E veja, tia: que culpa tenho eu de ser querido?

SANGUIXUGA – Senhor, se minha sobrinha lhe não tivesse amor, não teria zelos. Que fará se ela soubesse que Fedra também o namora? (À parte).

EUFIZIOTE – E foi tão insolente, que em vilipêndio da minha pessoa aceitou uma joia do Príncipe Lidoro.

SANGUIXUGA – Ai, Senhor! Não seja ciumento, que em Palácio é estilo darem os príncipes joias às criadas do Paço. Olhe, esta que aqui vê, me deu o príncipe de Chipre.

EUFIZIOTE – Inda mais essa temos? Venha, tia, essa joia muito depressa.

SANGUIXUGA – Ai! A minha joia? Para quê?

EUFIZIOTE – Para que sim, se não, à fortiori²⁸ lha vou tirando. Arre lá! A tia vindoura de um príncipe de Atenas há de trazer joias do Príncipe de Chipre! Isso não! Não, Senhora, enquanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joias!

[À parte]

SANGUIXUGA – Dê-me a minha joia, Senhor.

EUFIZIOTE – Nada, nada! Não tem que se cansar. Que dirá o embaixador, que é zeloso como os diabos, se lhe vir essa joia? Não queira pelo pouco perder muito.

SANGUIXUGA – Eu entendo que isso do embaixador é palhada, pois há muito que o não vejo.

EUFIZIOTE – Como recusava o teu matrimônio, mandei-o degredado para a sua pátria; mas logo virá deitar-se a teus pés.

TARAMELA – Tia, não gastemos tempo; vamos, que é tarde.

EUFIZIOTE – Diga-lhe primeiro que faça as pazes comigo; e, para que não cuide que amo a Ariadna, aqui mesmo neste lugar quero casar com sua sobrinha. Ande; leve o diabo quem não quer!

28 À fortiori – com maior razão.

SANGUIXUGA – Ai, menina! Aproveita-te da ocasião.

TARAMELA – Ah, falsário! Não cuides que me hás de lograr. (À parte). Pois, Senhor Teseu, meta-se outra vez na vaca e espere por mim, que eu vou buscar luzes para celebrarmos o matrimônio com luminárias. Tu verás como me vingo.

[*À parte e vai-se*]

SANGUIXUGA – É possível que hei de ver com estes olhos esbugalhados a minha sobrinha princesa! Senhor, saiba Vossa Alteza que por esta obra pia de amparar uma órfã sem mãe, hão de os deuses fazê-lo vitorioso de seus inimigos.

[*Vai-se*]

EUFIZIOTE – Eu sou o noivo, e levo o dote em joias! Com esta casta de gente sou eu gente. Aparelha-te, Esfuziote, que hoje hás de senhorear a melhor deidade, que calçou coturno. Ai, que já estou pulando! Ora sem dúvida que a fazer-me príncipe muito me granjeia na confeitaria do amor! Vamos esconder na vaca; comece a obedecer quem principia a triunfar.

[*Mete-se Esfuziote na vaca. Saem Teseu e Dédalo*]

DÉDALO – Esta é a sala dos enganos. Nela não temas perigos, que no maior em que estiveres te defenderei com um certo artifício, que só para mim reservei.

TESEU – Pois não te apartes nunca de mim, enquanto espero o sol de Ariadna, para clarificar a opaca sombra deste caos; e, quando não, o cometa de meus zelos será luzido farol que me alumie.

EUFIZIOTE – Frito seja eu, se aquela voz parda não é de Teseu, azul no seu ciúme! Alguma asneira temos!

[*Sai Tebandro*]

TEBANDRO – Mui valente é o amor, pois, desprezando horrores e confusões, me conduz a este confuso abismo de enleios, facilitando-me o caminho a esta sala dos enganos um prático deste Labirinto.

[*Sai Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Teseu*]

ARIADNA – Não disse bem quem afirmou que o amor carecia de olhos; que, a ser cego, não me guiaria a esta sala dos enganos, só a buscar o bem que adoro.

FEDRA – Verdade falou, quem disse que o amor era lince; [*Sai*] que, a não ser, mal me conduziria a este pélago de horrores, a procurar a causa de meu tormento.

TESEU – Passos ouço; sem dúvida é Ariadna.

TEBANDRO – Gente vem; mas quem há de ser senão Fedra?

TESEU – Vem, brilhante estrela de Vênus, a influir... Mas que digo? Tu não és a tirana que me ofendeste?

EUFIZIOTE – Estrela de Vênus é estrela Boiadeira!
Aqui deve de haver algum touro, que vem namorar
a esta vaca.

TEBANDRO – Feliz mil vezes eu, que em antecipadas
luzes vejo confundir os raios da Aurora com os
resplandores da Lua.

EUFIZIOTE – Se a Lua tem cornos, claro está que fala
com a vaca metaforicamente.

FEDRA – És tu acaso aquele ingrato que não sabe
corresponder à minha fineza?

[*Para Teseu*]

TESEU – E tu, sem ser acaso, não és aquela mudável
que grata e carinhosa se ostentaste com Lidoro esta
tarde no jardim?

[*Para Fedra*]

FEDRA – Vê que te enganas.

ARIADNA – Oh, quanto estimaras mais nesta ocasião
que eu não fosse eu, senão minha irmã, a quem
como agradecido saberás ser amante!

[*Para Tebandro*]

TEBANDRO – Tu não sabes, galharda Fedra, que nunca
Ariadna mereceu um cuidado?

[*Para Ariadna*]

ARIADNA – Teseu cuida que sou Fedra! Ah cruel, que
mal pagas um constante amor!

[*À parte*]

EUFIZIOTE – Que diabo de sussurro ouço aqui! Sem dúvida isto é algum viveiro de cochichos!

FEDRA – Não sei que motivos tenhas para fabricar esse pensamento contra a lealdade com que te adoro!

TESEU – Se tu souberas o como te vi com Lidoro, talvez que o não negasses; porém mal poderão as tuas vozes contradizer aos meus olhos!

FEDRA – Já sei que isso é máxima que inventa a tua falsidade, para que me falte o tempo de dizer-te que só estimas os favores de minha irmã; mas, se o teu amor não fora cego, talvez que souberas avaliar as finezas que me deves.

TESEU – Tu bem sabes, Ariadna, que sempre foste primogênita de meu amor, sem que lograsse Fedra já mais as prerrogativas de querida.

FEDRA – Ai de mim, que Teseu cuida que sou Ariadna! Oh, ingrato príncipe, quem nunca te conhecera!
[À parte]

EUFIZIOTE – Muito tarda Taramela! Eu confesso que já não posso estar embezzerrado.

TEBANDRO – Já não sei, formosa Fedra, quando me verei completamente feliz.

ARIADNA – Deixa-me, ingrato, traidor, que já me falta a paciência para ouvir as tuas falsidades.

TEBANDRO – Júpiter com seus raios me abraze, se algum dia quis a Ariadna, pois só a ti, formosa Fedra...

ARIADNA – Cala-te! Ai de mim, que cada vez me ofendes mais!

FEDRA – Basta que nunca idolatraste a Fedra?

TESEU – Só tu, ingrata Ariadna, apesar das tuas falsidades, soubeste usurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

FEDRA – Cala-te, desagradecido, que já te não posso escutar.

TESEU – Eu nunca amei a Fedra; tu a Lidoro, sim; deixa-me, ingrata; não te compadeças da minha vida.

[Ruído dentro]

DÉDALO – Teseu, retira-te; aí cuido que está alguém.

FEDRA – Retira-te por um pouco, ingrato, que, se me não engano, ali vem gente.

TESEU – Será ilusão; mas contudo, por amor de ti me retiro.

EUFIZIOTE – Ainda não vem esta maldita Taramela! Pois o verde de minha esperança se vai mudando no amarelo da desesperação.

[Esconde-se Teseu e Dédalos. Sai Lidoro com espada na mão, e Taramela]

TARAMELA – Senhor Lidoro, esta é a sala dos enganos. Busque-o na vaca, que ele lá está esperando pela Senhora Ariadna.

LIDORO – Ah, falsa, cruel! Hoje me vingarei de ti e desse tirano que me ofende. Mas quem está aqui? Ariadna é, sem dúvida.

[*Encontra-se com Fedra*]

FEDRA – Quem há de ser? Já me desconheces?! É a tua Ariadna,

LIDORO – Não me enganou Taramela.

[*À parte*]

TEBANDRO – Querida Fedra, cuido que gente veio.

ARIADNA – Não sou Fedra, falso, traidor amante!

TEBANDRO – Ai de mim! Quem será?

LIDORO – Dize, ingrata Ariadna, ainda não achaste nesta escuridade a luz de teus olhos? (Para Fedra).

DÉDALO – Espera, Teseu! Aonde vás com essa espada?

TESEU – A vingar injúrias de meu amor. Morra o traidor que me ofende!

[*Sai Teseu com espada, briga com Lidoro e com a confusão se trocam as damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro e Ariadna ao de Lidoro.*]

LIDORO – Morra o aleivoso que me oprime!

FEDRA – Que desgraça! Ampara-me, príncipe.

ARIADNA – Que infelicidade! Sempre a teu lado morrerei constante.

DÉDALO – Que confusão!

TEBANDRO – Fedra, primeiro está a tua vida. Vem comigo.

EUFIZIOTE – Nesta arrenegada da confusão saiu o trunfo de espadas! Ainda bem, que, estando o meu Sol em Touro, estou metido em um signo.

TARAMELA – Ai, mofina de mim, que eu tive a culpa disto! Irei chamar quem acuda. Acudam todos, acudam a estorvar a maior desgraça que jamais se viu! Acudam! Acudam!

[*Vai-se*]

TESEU – Debalde resistes ao vigoroso impulso de meu braço.

LIDORO – Por isso será maior o meu triunfo. Valente sois!

TESEU – Tenho amor e tenho zelos.

EUFIZIOTE – É um regalo ver touros de palanque!

TEBANDRO – Fedra, segue-me.

FEDRA – Como, se estou quase mortal?

ARIADNA – Senhor, ampara a minha vida.

DENTRO – El-Rei

REI – Cercai todos o Labirinto, para que se investigue a causa desse alvorosso.

DÉDALO – Retiremo-nos, que vem El-Rei.

TESEU – Dédalo, agora é tempo para que a tua indústria me valha.

DÉDALO – Anda comigo, que dessa sorte nos não poderão seguir.

[*Retiram-se*]

[*Sai El-Rei e um criado com luz; e depois que El Rei diz: – Suspendei as armas! –, vão-se Teseu e Dédalo, o qual dará uma grande pancada e caem as colunas e fica em vista de pátio.*]

REI – Suspendei as armas! Mas, ai de mim, que a sala toda vem vindo sobre nós! Estranho sucesso!

LIDORO – Isto é terremoto sem dúvida!

TODOS – Deuses, clemência!

EUFIZIOTE – Senhores, que diabo será isto? Tanta bulha e algazarra ao redor da vaca? Sem dúvida isto é algum açougue!

REI – Perplexo e confuso, não sei o que pronuncie.

ARIADNA – Lidoro aqui e Tebandro?! Teseu sem dúvida se retirou, antes que o vissem. Oh, quanto estimo que o não encontrassem!

[*À parte*]

FEDRA – Aonde estará Teseu? Talvez se ausentou, vendo que vinha gente.

[*À parte*]

TEBANDRO – Com quem brigaria Lidoro, não estando aqui mais do que eu e ele?

[*À parte*]

LIDORO – Tebandro foi sem dúvida o com quem briguei.

[*À parte*]

REI – Ainda não estou em mim, confuso entre tanto assombro. Lidoro, Tebandro, que foi isto nesta fala?

LIDORO – E bem reparo, Senhor, isto não foi terremoto; seria algum artifício de Dédalo, que oculto estaria aqui; pois outro novo edifício se deixa ver, apesar da artificiosa ruína das colunas.

REI – Isso é, sem dúvida; porém, como Dédalo ainda vive encerrado no Labirinto, dele mesmo me poderei informar; mas, por ora, não me importa saber isso tanto, como a causa de vossos insultos, inquietando o silêncio da noite e o sagrado deste Labirinto com desafios; e o que mais é, ver eu aqui as infantas neste sítio e a estas horas, e vós, Lidoro, com essa espada na mão.

ARIADNA – Eu e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir e admirar, como sempre, este Labirinto, sucedeu anoitecer-nos; e, perdendo o tino na confusão da noite e do lugar, começamos a chamar quem nos acudisse, e os príncipes, talvez informados das nossas vozes e clamores, se animaram a vir libertar-nos deste enleio. Esta é a causa, Senhor, de nos achares aqui, e Vossa Majestade me permita licença, que a fadiga do susto me obriga a que me recolha. [*Vai-se*]

FEDRA – Bem fingiu Ariadna!

[*À parte*]

EUFIZIOTE – Também quem quer que é, mente que tresanda.

TEBANDRO – Como Vossa Majestade já está informado da verdade, não tendo mais que saber, não tenho eu mais que esperar; mas sim a Fedra. Ai, louco amor, quando terão fim os meus males?

[*À parte e vai-se*]

LIDORO – Por cuja causa, Senhor, não havia vir desarmado, vindo a este lugar. Disfarçemos ainda a falsidade de Ariadna.

[*À parte*]

REI – Já tenho dito que, quando quiserem vir ao Labirinto, não venham desacompanhadas. E, já que se fez inútil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno, sob pena de minhas iras, que nem vós nem Ariadna venham mais ao Labirinto.

FEDRA – Senhor, Vossa Majestade... Eu, se...

EUFIZIOTE – Aquela finge que está turbada.

REI – Eu evitarei estes sustos. E vós, Lidoro, já tendes visto que não há em Creta quem pudesse dançar com Ariadna; e assim, satisfeito o vosso escrúpulo, podeis eleger ou o ir-vos para Epiro, como queríeis, ou casar com Ariadna, como pretendo, por não fazer infrutífera a vossa vinda.

LIDORO – Como já sei quem foi o que dançou com Ariadna, será justo que eleja o ir-me para Epiro.

REI – Pois que esperais, que o não dizeis?

FEDRA – Que será isto?

EUFIZIOTE – Lá vai Teseu com os diabos desta vez!

REI – Vede, Lidoro, não seja isso delírio de vossos zelos.

LIDORO – Não são delírios; são realidades, pois me atrevo a mostrá-lo neste mesmo lugar.

EUFIZIOTE – Agora isso tomara eu ver pelo buraco desta escotilha.

REI – Neste mesmo lugar?! Aonde, se aqui não está ninguém?

LIDORO – Dentro daquela vaca acharás quem com Ariadna dançou.

EUFIZIOTE – Ai que eles comigo! Por aqui anda Taramela.

FEDRA – Tomara já ver quem dançou com Ariadna.
[À parte]

REI – Olá! Investigai essa vaca, que segunda vez se conserva para a minha afronta, já que o meu descuido a não reduziu em cinzas, para que na minha lembrança só se conservasse esta memória.

[Chega um Soldado a tirar Esfuziote da Vaca]

LIDORO – Agora me vingarei de Ariadna.

[À parte]

SOLDADO – Quem aí está saia para fora!

EUFIZIOTE – Vaca não tem saia.

SOLDADO – Vá-se saindo daí!

EUFIZIOTE – Vaca é de pau, e não pode andar.

REI – Quebrem essa vaca.

[*Dão na vaca*]

EUFIZIOTE – Querem carne de chacina? Esperem, que eu me patenteio antes que me metam os tampos dentro. Pois que é isto cá?

[*Sai*]

LIDORO – Que é o que vejo! Este é Teseu, que me disse Taramela?

[*À parte*]

REI – Que é isso, Lidoro? Este criado é o que dançou com Ariadna?! Vês que tudo foi delírio do teu ciúme?

LIDORO – Não sei o que responda. Senhor, já sei que o meu ciúme me pôde alucinar, mas não foi sem fundamento. Estou corrido!

[*À parte e vai-se*]

EUFIZIOTE – E eu parado. Senhor, sirvo aqui de alguma coisa? Se não, quero buscar minha vida.

REI – E tu, Esfuziote, que fazias dentro dessa vaca? Dize.

EUFIZIOTE – É que eu sempre fui muito amigo de vaca.

REI – Responde a propósito.

EUFIZIOTE – Senhor, como sou filósofo natural, metime dentro da vaca, por ver se se dava vaca in rerum natura.²⁹

²⁹ *In rerum natura* – na natureza das coisas.

REI – Se não falas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.

EUFIZIOTE – O Minotauro já me não mete medo, para dizer a verdade. Saberá V. Real Majestade, que fui criado de Teseu, que o escuro Cocito haja; quando de mim se apartou, me pediu de joelhos, com lágrimas de quatro em quatro, que fizesse eu muito por lhe apanhar alguns ossos seus, que sobejassem ao Minotauro, e que os enviasse para Atenas para consolação de seu Pai; pois não queria que quem lhe comeu a carne lhe roesse os ossos. Eu, por lhe cumprir a sua última vontade, entrei neste Labirinto e, cuidando que a vaca era carneiro, entrei nela, para ver se achava algum osso, a tempo que se armou uma briga e veio Vossa Majestade, e acabou-se esta história.

REI – Por seres fiel a teu amo, te perdoo este excesso, porém te ordeno que não venhas mais ao Labirinto, aliás te matarei.

EUFIZIOTE – Sim, Senhor; vá Vossa Majestade descansado.

REI – Folgo que ficasse desvanecida a presunção de Lidoro! Vem, Fedra.

[*Vai-se*]

FEDRA – Eu te obedeço.

[*Vai-se*]

EUFIZIOTE – Isto já anda muito bulido com enganos, e chismes de Taramela. Irei avisar a Teseu, que se safe daqui para fora; pois, se El-Rei me aperta mais, eu sem estar bêbado me esborracho e lá ia quanto Ariadna fiou.

[*Vai-se*]

LIDORO – Todos se foram, só comigo ficou o meu cuidado; pois, ainda que o que estava escondido na vaca não era Teseu, como me disse Taramela, contudo pode ser que a prevenção variasse o sucesso, pois nem Taramela me havia de enganar, nem podia desconhecer o sujeito que dentro na vaca se escondeu. Oh, funesto labirinto de amor, aonde até os desenganos são confusões!

[*Canta Lidoro a seguinte ária e*]

[*RECITADO*]

Quem será, justos deuses,
esse feliz amante, que escondido,
de Ariadna no ídolo elevado,
vítimas sacrifica?
Quem será (ai de mim!) esse gigante
que a tanto céu de amor subir petrende?
Que, suposto não veja esse incentivo
que meus zelos fabrica,
contudo o coração sempre pressago,

não sei que vaticina;
pois tímido, covarde e pensativo,
cada objeto que vejo é um ciúme,
e até do que não vejo zelos formo.
Que muito, se eu de mim, em tais desvelos,
por amor de Ariadna tenho zelos!

[ÁRIA]

Qual leoa embravecida,
Que se vê destituída
do filhinho tenro e caro,
que com fúrias, e bramidos,
rompe a terra e fere o ar,
assim eu em meus gemidos
bramo, peno, sinto e choro,
vendo (oh, Deus!) o que eu adoro
noutros braços descançar.

CENA VI

Labirinto. Sai Teseu

TESEU – Grande confusão causaria a súbita ruína das colunas, entre cujo horror pudemos sair, sem sermos notados de ninguém; porém, que importa que de um susto me redima, se de um cuidado me não separo? Quem seria (oh duras penas!) aquele que, apelidando de ingrata a Ariadna, quis com instrumento de Marte vingar ofensas de amor? Mas quem havia ser, senão Lidoro, tirano usurpador de minha fortuna?

[*Sai Ariadna*]

ARIADNA – Teseu, o amor e o medo, ambos me deram asas para buscar-te.

TESEU – Olha que vens enganada, pois entendo que buscas a Lidoro.

ARIADNA – Deixa por ora estas loucuras, e falemos no que mais importa.

TESEU – Haverá coisa que mais importe que os meus zelos?

ARIADNA – Que zelos? Que Lidoro? Que delírio é esse?

TESEU – Pergunta-o às flores do jardim, que testemunharam os recíprocos carinhos com que atraíste a Lidoro, que ao depois na sala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

ARIADNA – Quanto ao jardim, logo verás que mais te defendo do que te ofendo; e quanto à sala dos enganos, há mais que apurar na tua inconstância, que na minha firmeza; pois, cuidando tu que eu era Fedra, por quem talvez esperavas, me disseste que nunca Ariadna te mereceu um só cuidado. Vê agora se achas desculpa a este delito.

TESEU – Ariadna, a língua não tem mais vozes que as que lhe dita o coração, aonde se conserva eterno o original de tua beleza, melhor que a tua cópia no peito de Lidoro; e, assim, não intentes recompensar uma fingida ofensa com um agravo verdadeiro.

ARIADNA – Para que não formes esse conceito contra a minha lealdade, saberás que como a Lidoro aborreço apesar de seus extremos, me disse um dia que a causa de meus desvios era porque eu te adorava, pois sabia que tinhas triunfado do Minotauro. Considera tu que sustos estes para um coração amante. E para que, zeloso, o não comunicasse a El-Rei, fui mantendo a sua esperança com fingidos carinhos, até que te viesse avisar, para que com a fuga nos isentássemos deste

iminente perigo que nos espera. Vê agora se pode ser desleal quem tão finamente sabe ser amante. Mas como vejo que só Fedra te merece cuidados, já não é lícito que eu te acompanhe, mas sim avisar-te do perigo, por não faltar ao juramento que dei, de defender a tua vida, em remuneração da que me deste no bosque.

[*Quer ir-se*]

TESEU – Espera, Ariadna, que não é justo que, ao mesmo tempo que me deixas agradecido, te ausentes queixosa. Já sei o extremo do teu amor; não te persuadas que Fedra, sendo capaz para a minha veneração, o possa ser para a minha fineza; tu só, belíssima Ariadna, ocupas ditosamente todo o meu coração; de sorte que nele não há lugar que possa acomodar outro objeto.

ARIADNA – Mal te posso acreditar, quando esta noite te ouvi diferentes expressões. Deixa-me, ingrato, que esses afetos só são para Fedra.

TESEU – Farás com que desespere na incredulidade de meus extremos.

[*Cantam Teseu e Ariadna a seguinte*]

[*ÁRIA A DUO*]

TESEU – Tanto te adoro, tanto,
que em ondas de meu pranto
flutua o meu amor.

ARIADNA – Tu dizes que me adoras,
que gemes e que choras...

Eu não te creio, não!

TESEU – Pois, cruel, para que me creias,
rompe o peito, abre esta alma;
verás nele o meu ardor.

ARIADNA – Na tua alma, e no teu peito,
que de enganos acharei?

TESEU – Somente firmezas.

ARIADNA – Nenhumas finezas

AMBOS – neste peito encontrarás

TESEU – Oh, quem mostrar pudera!

ARIADNA – Oh quem te conhecera!

AMBOS – Ingrato (*a*), mas talvez
que as chamas que desprezas
em cinzas acharás.

[*Quer ir-se Ariadna*]

TESEU – Ariadna, não aumentes a minha desgraça
com a tua sem-razão.

ARIADNA – Ai, que lá vem Fedra! Considera, ingrato,
se há motivos para a minha queixa.

TESEU – Se Fedra vem, não será, pois eu...

ARIADNA – Não é agora tempo de ouvir desculpas; só
tomara esconder-me, para que me não visse.

TESEU – No côncavo dessa coluna há um limitado

gabinete, em que apenas cabem duas pessoas.

Esconde-te, já que assim o queres.

ARIADNA – Observarei as tuas falsidades.

[*Esconde-se*]

TESEU – Qual será o intento de Fedra? Queira amor não se encontre com o de Ariadna.

[*Sai Fedra*]

FEDRA – Teseu, parece que querem os fados seja eu sempre tutelar de tuas infelicidades, apesar de tuas ingratidões; e, porque uma vez empenhada a defender a tua vida não era justo desistisse deste nobre intento, sabe que já em palácio há claros indícios de que estás vivo; e assim, antes que El-Rei o chegue a saber, trata de ausentar-te com a brevidade possível.

TESEU – Será forçoso seguir o teu conselho.

ARIADNA – Não sei que intenta Fedra com tantos extremos!

FEDRA – E, pois não ignoras que eu fui o instrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que se não venha a saber que eu dei armas contra esse monstro e sinta a indignação de El-Rei, será forçoso que me leves contigo para Atenas, se acaso o dar-te duas vezes a vida te pode fazer menos ingrato.

TESEU – Notável empenho! Que responderei a Fedra, ouvindo-me Ariadna? [*À parte*]

ARIADNA – E que viesse Fedra pôr o último fim à minha desgraça!

[À parte]

FEDRA – Não me respondes? Porém nada me digas, que se eu tivera os méritos de Ariadna, talvez fosse venturosa a minha súplica.

TESEU – Não crimineis a Ariadna, pois nela nunca encontrei uma só piedade, nem creio que uma lembrança; pois é sem dúvida que imaginará que estou morto.

ARIADNA – Bem fez Teseu em negá-lo.

FEDRA – Como pode ser que Ariadna ignore que tu és vivo, se na sala dos enganos essa noite, aonde te disse me esperasses, estando tu comigo?...

TESEU – Espera, que estás enganada, pois não indo eu à sala dos enganos, mas te podia falar. Oh, que incentivo para os zelos de Ariadna!

[À parte]

ARIADNA – Por isso o traidor me chamava Fedra, cuidando que falava com ela!

FEDRA – Se uma evidência intentas contradizer, já não tenho mais que te arguir; e assim, Teseu...

[*Sai Esfuziote*]

EUFIZIOTE – Senhor, esconda-me por vida sua, que aí vem El-Rei; e, se me vê, certamente me enlabirinta para sempre. Ai, desgraçado Esfuziote!

TESEU – Que dizes? El-Rei vem aí?!

EUFIZIOTE – Sim, Senhor, El-Rei em pessoa!
Escondamo-nos depressa.

FEDRA – Ai de mim, se El-Rei me vê; pois tenho
inviolável preceito para não vir ao Labirinto! Teseu,
esconde-me, antes que perigue a minha vida.

ARIADNA – Que notável desgraça, se El-Rei vir a
Teseu!

TESEU – Este sim, que é verdadeito labirinto em que
me vejo; pois não há aonde esconder a Fedra, senão
aonde está Ariadna! Que farão, se se encontram?

FEDRA – Teseu, esconde-me, e tu também, para que
El-Rei não nos veja.

EUFIZIOTE – Senhor, esconda-me a mim sequer.

TESEU – Senhora, o lugar que há capaz para esse
ministério apenas é suficiente para ocultar uma
pessoa; e assim, um de nós há de ficar exposto ao
perigo de El-Rei nos ver.

EUFIZIOTE – Senhor, veja que Dédalo da outra vez
disse que ali cabiam duas pessoas; e assim, eu e a
Senhora Fedra bem cabemos nele.

FEDRA – Pois, Teseu, perigue a minha vida, antes que
a tua; que melhor é conservar a um morto, que
livrar da morte a um vivo.

ARIADNA – Oh, quanto invejo aquela fineza de Fedra!

TESEU – Não é razão, Senhora, que eu, por salvar a

minha vida, exponha a vossa ao perigo; ocultai-vos, que o tropel já vem perto. Perdoe Ariadna, que esta ação é filha do meu brio, e não do meu amor.
[À parte]

FEDRA – E se fores visto de El-Rei, que será de ti?

TESEU – O mais que pode fazer é matar-me; anda; esconde-te já.

EUFIZIOTE – E eu, Senhor, aonde? É boa graça!

FEDRA – esconde-se onde está Ariadna e sai esta

ARIADNA – Pois não há de ser assim, que Teseu não há de ficar exposto ao rigor de El-Rei. Teseu, se tu, por salvar a Fedra, expões a tua vida; eu, por redimir a tua, ofereço a minha. Anda; esconde-te onde eu estava, que isto é saber conservar a tua vida.

TESEU – Ariadna, esse excesso transcende aos limites da maior fineza; torna a esconder-te, se não, por Júpiter soberano, te juro que ambos aqui ficaremos.

EUFIZIOTE – Melhor será que nesse lugar se escondam a mim.

ARIADNA – Primeiro está a tua vida.

TESEU – A tua está primeiro.

FEDRA – Aquela é Ariadna; quem viu maior confusão? Ah, traidor Teseu!

TESEU – Oculta-te, Ariadna, que eu buscarei indústrias que me defendam.

EUFIZIOTE – Senhor, que diabo é isto? Não ouvem a estropeada já nessa casa vizinha?

ARIADNA – Como te não queres ocultar, quero conservar a minha vida, para defender a tua.

[Esconde-se Ariadna. Sai El-Rei sem olhar para Teseu]

EUFIZIOTE – E agora, Senhor Teseu?

TESEU – Põe-te atrás de mim e segue os meus movimentos.

REI – Já parece que é tempo de perdoar a Dédalo o delito de fabricar a vaca para Pasife, pois bastante castigo é a dilatada e horrorosa prisão em que está, e com o motivo de sua liberdade poder-me-á declarar todos os artifícios deste Labirinto, que muitos ignoro, como o de caírem as colunas na sala dos enganos.

TESEU – Em grande perigo estou! Valha-me todo o meu valor e toda a minha indústria!

EUFIZIOTE – Eu estou aqui tão agarrado como piolho ladro em sovaco de almocreve.

[Vai-se El-Rei voltando para Teseu]

REI – Eu me resolvo; eu vou a libertar a Dédalo. Mas, ai de mim! Que é o que vejo? Parece que se me figura naquela errada sombra a imagem de Teseu! Ai, infeliz, que os cabelos se me eriçam!

TESEU – El-Rei se assustou de ver-me; pois o seu engano me valha.

[À parte]

EUFIZIOTE – Ah, Senhor, já que me leva ao reboque, não haja por ora vento em popa.

REI – Pálida sombra, vago horror da fantasia, que pretendes de mim?

TESEU – Bárbaro Rei, esta que vês em corpórea forma é a alma de Teseu que, errante por este Labirinto, vem a noticiar-te da parte de Plutão, supremo juiz do Cocito, a tua malevolência e injustiça, com que tiranamente me usurpaste a vida, para que vivas na certeza que hão de os deuses vingar a minha morte com o eterno suplício que te espera.

EUFIZIOTE – Ninguém faz papel de defunto como meu amo! Andar, se não somos duas almas em um corpo, ao menos somos dois corpos em uma alma.

REI – Não me horrorizes mais, funesto espetáculo; já sei que fui cruel para contigo.

EUFIZIOTE – Ai, que nos vamos submergindo! Não será a primeira vez que os amos levem consigo os criados ao inferno.

TESEU – com passos vagarosos se meterá na mina com Esfuziote, de sorte que a este o não veja El-Rei

ARIADNA – Com bela indústria se livrou Teseu!

FEDRA – Notável ideia por certo!

REI – Quase que não tenho alentos para respirar. Olá da minha guarda, acudam todos!

[*Sai Tebandro e Soldados*]

TEBANDRO – Senhor, que te sucedeu? Que tens, que tão pálido o teu semblante nos informa de algum extraordinário sucesso?

REI – Não sei se poderei dizer o que vi, que o susto me privou do uso de todos os sentidos.

TEBANDRO – Conta-me, Senhor, a causa de tanto excesso.

REI – Tebandro, eu vi distintamente neste lugar uma agigantada, disforme e horrorosa visão, que, caminhando para mim com passos lentos e vagarosos, me disse com voz irada e rouca ser o espírito de Teseu, que da parte de Plutão me vinha notificar que, pela injusta morte que lhe dei, se me esperava um eterno tormento; e com isto, abrindo-se a terra com espantoso bramido, o sepultou em suas entranhas.

ARIADNA – Sempre o medo representa maiores os objetos.

TEBANDRO – É caso verdadeiramente notável! Vem, Senhor, a prevenir algum remédio a esse susto.

REI – Vamos, Tebandro! E vós outros cerrai as portas deste Labirinto com travessas, além das guardas, para que fique inabitável para sempre este cadafalço, onde ouvi a sentença de minha condenação.

TEBANDRO – Senhor, e Dédalo e o Minotauro?

REI – Morra Dédalo, pereça o Minotauro, pois um e outro foram instrumentos de meu precipício.

[Vão-se]

[*Saem da coluna Ariadna e Fedra.*]

ARIADNA – El-Rei [*ai, desgraçada!*] manda fechar o Labirinto. Como sairemos daqui?

FEDRA – A que fim, Ariadna, vieste ao Labirinto?

ARIADNA – A reposta que tu me havias de dar, se eu o mesmo te perguntara, servirá para a tua pergunta; mas agora não é tempo de averiguar zelos, quando maior causa nos aflige.

FEDRA – Nunca me enganei que Teseu amava a Ariadna. [À parte]

ARIADNA – Que dizes, Fedra, da nossa desgraça?

FEDRA – Deixa-me, que o coração dividido a sentir tantos golpes, não sabe distinguir os sentimentos.

ARIADNA – Onde estará Teseu? Teseu?

[*Saem da mina Teseu e Esfuziote*]

TESEU – Apenas saio de um perigo, quando logo me vejo em outro maior!

EUFIZIOTE – Não há coisa como servir a príncipes, que ainda depois de mortos amparam os criados.

ARIADNA – Não cuides, Teseu, que quero arguir-te de tuas falsidades, vendo aqui a Fedra; só quero dizer-te que El-Rei mandou fechar o Labirinto! Vê como havemos daqui sair, com tal brevidade que El-Rei nos não ache menos em palácio; e, quando por mim o não faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

EUFIZIOTE – Ainda mais essa temos?! Em boa me vim eu meter!

FEDRA – Não te perturbes, Teseu, nem o meu respeito te obrigue a ser menos extremoso para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como hás de livrá-la; que pelo mesmo caminho que a libertares, me salvarei à sua sombra, só por te não merecer algum favor especial.

TESEU – Que farei em tão precipitado empenho?

EUFIZIOTE – Senhores, Vossas Altas Potências deixem por ora coisas que não vão, nem vem. Cuidemos em matéria de vir e ir daqui para fora, não tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho ocupação no Paço e não será razão que falte às obrigações de El-Rei, meu amo.

ARIADNA E FEDRA – Que dizes, Teseu?

EUFIZIOTE – Senhor, diga alguma coisa, pois já se não pode livrar das balas desta infantaria.

TESEU – Senhoras, não vos aflijais que tudo terá remédio. Dédalo, Dédalo! Podes subir sem susto.

[*Sai Dédalo da mina*]

DÉDALO – Que me ordenas? Mas que vejo! Aqui Vossas Altezas?!

ARIADNA – Dédalo, sabe que também viemos a ser companheiras na tua desgraça.

FEDRA – Quem te dissera que para nosso estrago fabricavas este Labirinto!

DÉDALO – São altas disposições dos deuses, que se não podem evitar.

TESEU – Dédalo, por sucessos de amor e fortuna se acham aqui hoje as Infantas; o Labirinto por ordem de El-Rei está fechado. Vê por onde havemos de sair.

DÉDALO – Por aquela mina, que vai ter às ribeiras do mar, como sabes, pois não há outro caminho.

TESEU – Bem advertiste.

DÉDALO – Oh, quanto me pesa haver fabricado este Labirinto!

EUFIZIOTE – O certo é que este labirinto em que estamos não o fabricou o Senhor Dédalo.

ARIADNA – Pois quem foi?

EUFIZIOTE – Foi o amor, que é maior arquiteto que quantos Dédalos há no mundo; e, se o querem saber, deem-me atenção a este

[SONETO]

Ser labirinto amor ninguém duvida,
que este rapaz cruel, cego frecheiro,
fabricou, como quis, mestre pedreiro,
dentro de uma alma um beco sem saída.

O magano tomou bem a medida;
valha-te o Diabo, amor, que és marralheiro,³⁰

30 *Marralheiro* – que usa de astúcias para ludibriar.

pois por dar cos narizes num sedeiro³¹
no alfuje³² de um rigor lança uma vida!
Anda neste palácio, o mais difuso,
o triste coração num corropio,
porque todo o querer é parafuso;
e, por mais que da ideia arda o pavio,
em trocicos mil se vê confuso,
pois sempre no melhor se quebra o fio.

ARIADNA – Na tua tosca frase disseste verdades puras.

EUFIZIOTE – Que me faça bom proveito!

TESEU – E, pois está determinado o fugirmos pela mina; para nos transportarmos para Atenas, será preciso que vá Esfuziote logo com joias a fretar uma nau e que junto à mina tenha escaleres prontos para o embarque, sem que declare as pessoas que hão de ir nela, e te esperemos na boca da mesma mina, ao dares senha, que será esta: Venham, Senhores. E, já que até o presente tens sido fiel, espero que com esta ação coroes tua fidelidade.

EUFIZIOTE – Está muito bem, mas saibamos por onde hei de ir eu.

TESEU – Por aquela mina, que vai dar ao mar.

31 *Sedeiro* – com compridos dentes de metal para assedar tecidos.

32 *Alfuje* – saguão.

EUFIZIOTE – Qual mina? Aquela onde caiu semivivo o Senhor Minotauro! De burro, que eu tal vá!

TESEU – Tu bem viste que o Minotauro caiu morto, e já não podes ter medo, pois Dédalo, eu e tu estivemos agora nesta mina.

EUFIZIOTE – Eu, com o medo não sei onde me meti; e era eu capaz naquela hora de meter-me pelo fundo de uma agulha, que tão pequeno me reduziu o pavor! Com quê, Senhor, eu não vou pela mina, que o mesmo será lembrar-me no caminho o Minotauro, que ficar tolhido sem poder dar um passo.

DÉDALO – Ó Esfuziote, parece mal dizer um homem que tem medo.

EUFIZIOTE – Pois os homens são os que tem medo, que, quanto aos animais, esses investem como brutos.

FEDRA – Pois como há de ser, que cada vez se dificulta mais a nossa liberdade?

DÉDALO – Eu darei o remédio. Como Esfuziote recusa ir pela mina, irá pelo ar com umas asas que lhe hei de pôr, e com elas voará tão seguro, como qualquer ave.

TESEU – Agora não tens desculpa; que dizes, Esfuziote?

EUFIZIOTE – Isso tem que cuidar! Vamos, que entendo que para isto de voar não serei desasado. Venha, Senhor Dédalo. [*Vai-se*]

DÉDALO – Tu verás o meu artifício.

[*Vai-se*]

FEDRA – Teseu, espero de ti que em Atenas saibas agradecer as finezas que me deves.

[*À parte e vai-se*]

TESEU – Tu verás a minha constância.

[*À parte para Fedra*]

ARIADNA – Enfim, me levas a mim e a Fedra? Já sei que vou experimentar, ingrato, as tuas inconstâncias.

[*Vai-se*]

TESEU – Não temas variedades no meu amor. Ó deuses soberanos, se for ingrato a Fedra, não me criminais; pois não podendo ser esposo de ambas e a ambas devendo iguais finezas, razão será que fique isenta a vontade para preferir a Ariadna.

[*Vai-se*]

CENA VII

Bosque e marinha, como no princípio, e a mesma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o seguinte

REI – Busquemos todos as Infantas! Não fique penha ou tronco, por mais inculto, que o nosso cuidado não investigue.

[*Dentro*]

LIDORO – Ariadna, onde te escondem os teus desvios?

[*Dentro*]

TEBANDRO – Querida Fedra, quem te aparta dos meus olhos?

[*Dentro*]

TODAS – Busquemos as Infantas, que não aparecem.

[*Dentro*]

[*Saem Sanguixuga e Taramela*]

SANGUIXUGA – Ai desgraçada, que Fedra amolou as palanganas!³³

TARAMELA – Que será de ti, minha tia?

SANGUIXUGA – Que será de ti, minha sobrinha?

AMBAS – Que será de nós?

TARAMELA – E o pior é que o Senhor Teseu entendo fugiria com Ariadna e irá casar com ela. Ah, cruel Teseu, que me deixaste burlada!

³³ *Amolou as palanganas* – foi enganada.

SANGUIXUGA – Antes cuida que irá casar com Fedra, que por mim em certa ocasião lhe mandou uma banda.

TARAMELA – Ou case com uma ou com outra, eu fiquei chupando o dedo.

SANGUIXUGA – E eu sem Embaixador, por meus pecados!

TARAMELA – E sobre não casar comigo, levar-me a joia que me deu Lidoro, que nela tinha o meu dote!

SANGUIXUGA – E a mim a joia que me deu Tebandro!

TARAMELA – Oh, príncipe de uma bala, os diabos te levem!

SANGUIXUGA – Oh, príncipe de uma figa, má raios te partam!

TARAMELA – Eu sem Ariadna e sem joia!

SANGUIXUGA – Eu sem joia e sem Fedra!

AMBAS – Que será de mim?

[*Vai-se Sanguixuga e aparece Esfuziote com as asas voando*]

EUFIZIOTE – Nenhum alcoviteiro se viu até o presente em maiores alturas! Isto é que é subir de um pulo! Agora nada me dá cuidado com ter tantas penas, pois nunca me vi tão desempenado como agora, que me vejo com asas! Eu, em minha consciência, se quiser, daqui posso mijar no mundo.

TARAMELA – Cada vez que cuida naquele insolente, não sei como não desespero.

EUFIZIOTE – Ora olhemos agora cá para baixo. Muito grande é o mundo! Ai, que lá está Taramela feita mulher do mundo! Pois eu quero caçoar um pouco com ela. Trás!

[*Chegando-se ao ouvido de Taramela*]

TARAMELA – Ai! Que besouro me anda pelos ouvidos?

EUFIZIOTE – Trás, tris!

TARAMELA – Xó, daqui, maldito besouro!

EUFIZIOTE – Adeus, Taramela! Trás!

TARAMELA – Quem me fala ao ouvido, se aqui não está ninguém?

EUFIZIOTE – Taramela, Teseu quer-te muito, mas é aqui para trás.

TARAMELA – Quem é que me fala? Isto é encanto.

EUFIZIOTE – Amor, que tem asas, é o que fala.

TARAMELA – Onde estás?

EUFIZIOTE – Aqui atrás.

TARAMELA – Que é o que vejo?! Não és tu, fingido, ingrato Teseu, a quem sem dúvida os Deuses, por castigo da tua falsidade, em ave te converteram? Anda cá para baixo, que eu te abaterei os voos.

EUFIZIOTE – A quem não atrairão aqueles doces reclamos? [*Desce*]. Ai, Taramela, que já presa a minha liberdade no visgo dos teus olhos, deixo por eles o céu de Vênus, em que me vi, pela esfera de tua beleza, em que me abraso.

TARAMELA – Agora, que caiu no laço, não me escapará.

EUFIZIOTE – Vês, tirana, que as tuas falsidades me fazem aéreo?

TARAMELA – Quem deu essas asas a Vossa Alteza?

EUFIZIOTE – Das penas que me dás, nasceram as asas que me vês.

TARAMELA – Bem sei que penas lhe causo, e só Ariadna lhe dá glórias.

EUFIZIOTE – Não queiras, traidora, com esse fingimento encobrir o engano de me mandares meter na vaca, para tomar degoladouros na espada de Lidoro, a quem duas vezes, mixiriqueira, intentaste entregar-me; vai-te, que já contigo não quero nada, pois para fugir de ti já tenho asas.

TARAMELA – Quem me dera que viesse alguém, para o agarrar, e entregá-lo a El-Rei; porém, eu o deterei com carinhos, (À parte). Meu Senhor, meu esposo, meu bem, meu, meu...

EUFIZIOTE – Cala-te, cala-te! Taramela, que estás taramelando?

TARAMELA – Eu... porque foi o meu amor... porque os zelos... mas eu prometo...

EUFIZIOTE – Nada, nada! Não admito lograções; já sou pássaro sáfaro,³⁴ que não caio com essa facilidade.

TARAMELA – Olhe, verá que nunca mais, nunca mais.

[*Canta Esfuziote a seguinte Ária e*]

34 *Sáfaro* – difícil de amansar.

[RECITADO]

Deixa-me, focinhuda Taramela,
que eu não quero cair nessa esparrela.
Tu, falsa; tu, cruel; tu, aleivosa,
com focinho de gaia langanhosa.
querias em tais penas
que ficasse sem filho El-Rei de Atenas?
Pois um chuço amolado que te passe,
uma faca flamenga que te espiche,
e uma bomba de fogo que te esguiche!

[ÁRIA]

Não há coisa como ver
uma destas presumida,
mui lambida e deslambida,
com mil chularias,
com caras de monos,
com unhas de arpias,
Chupando-me o sangue,
roendo-me os ossos,
deixando-me em pele;
e depois de chuchado, roído e lambido,
me prega um gatázio!³⁵
Isto é amor? Arre lá!
Hei de amar-te? Isso não!

[*Sai Sanguixuga*]

35 *Gatázio* – unha de gato.

SANGUIXUGA – Ai, rapariga, que quanto mais buscam
as Infantas, menos se acham!

TARAMELA – Tia, agora é tempo de recuperarmos
as nossas joias; ajude-me a pegar neste traidor.
Venham, Senhores!

[*Pegam em Esfuziote e lhe tiram as asas*]

EUFIZIOTE – Dessa me rio eu, pois tenho asas ad
volandum.³⁶

TARAMELA – Arranquemos-lhe as asas, para que não
fuja.

SANGUIXUGA – Agora pagará tudo junto! Venham
todos!

EUFIZIOTE – Não me agarres, Sanguixuga; olha que
deito sangue.

TARAMELA – Venham, Senhores!

EUFIZIOTE – Cala-te, tola; não digas tão alto: venham,
Senhores!

TESEU – Ali disse Esfuziote – Venham Senhores!
Vamos saindo.

[*Dentro*]

[*Saem El-Rei e Tebandro por uma parte, e pela
gruta irão saindo diante Dédalo, Fedra e Ariadna,
que ficará com as costas na gruta*]

REI E TEBRANDRO – Que é isto aqui?

TARAMELA – Eis aqui quem te pode dar conta das
Infantas.

³⁶ *Ad volandum* – para voar.

ARIADNA – Ai de mim, que Esfuziote nos entregou!

[*À parte*]

FEDRA – Fugamos outra vez.

DÉDALO – Oh, que desgraça!

EUFIZIOTE – Desta ninguém se livra.

[*À parte*]

REI – Traidoras, aleivasas, víboras mal nascidas!
Como, atropelando a minha autoridade e o vosso decoro, desta sorte... Porém a minha vingança suprirá as minhas vozes.

[*Vai para ambas*]

FEDRA E ARIADNA – Não há quem me ampare?

TEBANDRO – Senhor, Vossa Majestade advirta...

TESEU – Anda, Ariadna, desvia-te da boca da mina;
deixa-me sair.

ARIADNA – Espera um pouco.

REI – E tu, aleivoso Dédalo, como te atreves a ver a face do Sol e a minha, quando a tua insolência...

[*Tambores dentro*]

DENTRO – Arma, arma! Guerra, guerra!

[*Sai Lidoro*]

LIDORO – Senhor, estamos perdidos, pois de improviso nos vemos cercados de uma poderosa armada de Atenas, e já muita parte dos soldados tem desembarcado.

REI – Pois vamos a resistir-lhes! Ai de mim, quantos golpes penetram este aflito coração!

EUFIZIOTE – Quanto folgo!

LICAS – Não fique pedra sobre pedra, que não
prostrem as nossas armas.

[*Dentro*]

LIDORO – Senhor, é já quase impossível a defesa,
pois os esquadrões tudo vêm destruindo.

TESEU – Que é o que ouço? Desvia-te, Ariadna.

ARIADNA – Espera; não te sobressaltes.

TEBANDRO – Vamos, Senhor, que o meu valor saberá
castigar aos Atenienses.

[*Ao querer entrar, saem Licas e soldados e tocam
tambores*]

LICAS – Dá-te à prisão, bárbaro Rei; pois já te não
podes livrar do nosso furor.

REI – Oh, tirana sorte! Para isto me dilataste a vida,
supremo Jove?

LICAS – Para que vejas, tirano Rei, que Atenas sabe
vingar a morte de seu príncipe Teseu, já que cruel,
sem atenderes a seu régio sangue, o fizeste réu da
mais afrontosa morte, em cuja vingança, destruído
o teu reino, serás com toda a tua família levado
para Atenas, a seres despojo de nossas armas.

TEBANDRO E LIDORO – Que desgraça!

ARIADNA E FEDRA – Que desventura!

EUFIZIOTE – Que régias folganças!

REI – Oh, quem tivera a Teseu vivo! Mas em vão são
os meus desejos.

TARAMELA – Senhor, não se amofine, que Teseu está vivo, que é este que aqui está disfarçado em Esfuziote.

SANGUIXUGA – Sim, Senhor, eu, e minha sobrinha só sabíamos este segredo.

REI – Deixai-me, tontas!

EUFIZIOTE – Calem-se, cavalgadas!

LICAS – Anda, Minos.

[*Sai Teseu*]

TESEU – Espera Licas, que ainda sou vivo, pela piedade de uns generosos afetos que constantes me redimiram, livrando-me do Labirinto, e matando o Minotauro, cessando a ruína da nossa Pátria na extinção desse monstro.

LICAS – Deixa-me, Senhor, postrar-me a teus pés! Que feliz nova para El-Rei, teu Pai, que já te julgava morto aos impulsos dessa fera!

LIDORO E TEBRANDO – Que extraordinária maravilha!

REI – Teseu, a teus pés rendido te peço perdão da inumanidade que usei contigo; e, pois das tuas armas me vejo hoje prisioneiro, peço-te te compadeças de uma desgraçada velhice.

EUFIZIOTE – Vejam como desandou a roda; e o que vai de moer a ser moído, pois Minos de autor veio a ser réu!

FEDRA E ARIADNA – E se acaso, Senhor, as nossas lágrimas têm algum valimento na tua piedade, por elas perdoa a nosso pai,

TESEU – Senhoras, basta Minos ser vosso progenitor, para que não só lhe restitua a liberdade, mas também o reino; e para completar a minha e a sua fortuna, Ariadna há de ser hoje minha esposa, em prêmio das finezas que lhe devo, e por não faltar ao juramento que lhe dei.

ARIADNA – Ditoso amor, que de tantos impossíveis se vê já triunfante!

FEDRA – Infeliz eu, que malogrei tantas finezas!

[À parte]

REI – Venturosa bonança depois de tanta tormenta! E agora em Teseu, que reputado por morto matou o Minotauro, se verifica o oráculo de Vênus, pois Teseu foi o vivo morto na extinção do Minotauro.

LIDORO – Ah, cruel Ariadna, que para ver a tua falsidade sustentaste de enganos a minha esperança! Logra tu esse himeneu, que eu irei sentir a minha sorte infeliz.

TEBANDRO – Senhor, nesta ocasião é justo que os favores de Fedra premeiem as minhas firmezas.

REI – Fedra, reconhece a Tebandro por teu esposo.

FEDRA – Não posso resistir ao teu império. Obedecemos aos fados!

[À parte]

LICAS – Oh, quanto estimo esta concórdia!

TESEU – E tu, Dédalo, vem comigo para Atenas a receber o prêmio de tua lealdade.

DÉDALO – Não quero mais prêmio que a tua felicidade.

SANGUIXUGA – E que ficasse eu lograda, sem joias e sem embaixador!

TARAMELA – Basta, Esfuziote, que me enganaste, dizendo-me que eras Teseu, para que tantas vezes enganasse a Lidoro!

EUFIZIOTE – Não se perdeu mais que o feitiço; porém posso afirmar-te que te não enganei; pois quem duvida que, quando eu era menino, era infante? Porém, se só é príncipe quem faz ações generosas, eu quero fazer uma estupenda, que é casar contigo; porque em sua casa cada um é rei e senhor de seus narizes; venha a mão, Taramela, com licença dos Senhores.

TARAMELA – Do mal o menos, vá feito!

REI – Repitam todos os vivas desta soberana glória.

TESEU – Esperai, que primeiro Lidoro me há de dar um retrato de Ariadna, que fingidamente lhe deu.

LIDORO – Razão tendes! Tomai-o, que não é bem que conserve a verdadeira cópia de um falso original.

[*Dá o retrato*]

TESEU – Agora, sim; publiquem todos o maior triunfo de Cupido, confessando que só o amor é o

verdadeiro labirinto.

EUFIZIOTE – Vá de festa e folia, celebrando-se este
desposório com harmoniosas vozes!

[CORO]

Numa alma inflamada,
de amor abrasada,
cruel labirinto
fabrica o Amor.
Porém quem espera
o bem de uma fera,
acertos de um cego,
de um monstro favor?

FIM

PÓS-FÁCIO

A ESCRITA E A CENA DO LABIRINTO

Lyslei Nascimento - (*Professora da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG*) -*Supervisora do pós-doutorado da professora Kenia Maria de Almeida Pereira.*)

Entre as inúmeras metáforas da escrita, do texto, por excelência, aquela que o aproxima do labirinto parece ser a que mais inquieta e convida o leitor à decifrar ou à estar, irremediavelmente, perdido. Associado a outras instigantes metáforas, o labirinto se insinua, no tempo e no espaço, no desafio da interpelação “decifra-me ou devoro-te” da esfinge que, com seu corpo múltiplo, anuncia a monstruosidade e o enigma; no jogo de xadrez, com suas casas vazias ou aquela preenchidas por peças com movimentos previamente estabelecidos, mas que guardam, neles, surpresas que dependem da sagacidade dos jogadores; nos mosaicos, quebra-cabeças ou *puzzles*, que ora se encaixam ora não se encaixam e, como não poderia deixar de ser, a do teatro, com seus espaços de representação, tanto no palco quanto na plateia, seus jogos de cena, suas dúvidas ou antagonicas sugestões de

espelhamentos que, no caso de Antônio José da Silva, são elevados à máxima potência com a manipulação dos bonecos, marionetes, fantoches ou títeres, esses atores que, com partes do corpo móveis e articuladas, são acionadas por meio de fios presos a elas, fazendo-os movimentar-se, gesticular, representar, como, aliás podem ser as pessoas.

O labirinto é, nesse sentido, palco aberto. Cena e performance de uma escrita que, num primeiro nível, ilumina o enredo a partir de uma longa tradição de espaços monstruosos intertextuais e, num outro nível, multidimensiona e concebe a linguagem como lugar de jogos de enganos, de exercício de sagacidade e de humor.

A leitura, pois, de *O labirinto de Creta*, de Antônio José, com as importantes notas de Kenia Maria de Almeida Pereira, convida o leitor ao palco aberto, valorizando-o e fazendo dele um conviva, na medida em que desterritorializa um sentido arcaico do labirinto, que promete um centro, uma verdade, e promove leituras mais sofisticadas da encenação, sempre errantes. Ao colocar em cena, Dédalo, o seu arquiteto, a peça evoca sua própria construção, ou seja, realiza-se, assim, na metalinguagem, ou ainda, traz para o primeiro plano, aquele que se apresenta, nas sombras, como o verdadeiro construtor de labirintos, o escritor.

Abrem-se, desse modo, a espetacularização da escrita, pondo em cena, não só o enredo com os bonecos, na trama estruturada em parodia com o mito grego, mas a fascinante manipulação do texto pelo autor, que pode se apresentar como um prestidigitador. Nesse sentido, é fascinante o entrelaçamento dos níveis dessa encantadora (ou sedutora) narrativa. Desvela-se, assim, a estrutura da peça, a tessitura quase ilusória do mito, a urdidura requintada do teatro de bonecos, a trama que, por entre falas e personagens, aponta para as armações e armadilhas que o escritor ali provê para leitores e espectadores. Eis a dobradiça. A articulação que está sendo proposta.

O texto concebido como labirinto nasce, assim, na dupla experiência de velar-se/revelar-se. O escritor é, pois, nesse sentido, além de Dédalo, que personifica o criador de transgressões; o Minotauro, que híbrido, em sua monstruosidade, aponta para criadores e criaturas; também é Teseu, com sua capacidade de fazer com que o leitor o siga, entre os caminhos da tinta sobre o papel. Mas é também Ariadne, a mulher-tecelã e amorosa criatura, que será, desde o mito, traída. Outros papéis aguardam o escritor que, leitor de labirintos, outros labirintos, faz da escrita a sua morada.

Surge, assim, um espaço construído de palavras. No mais recôndito de sua arquitetura, o escritor e o leitor vislumbram, ilusoriamente, a promessa de encontrar o centro do labirinto e a porta de saída. O texto se oferece como palco e cena. Aberta. A metalinguagem, se percebida, permite, concomitantemente, tirania e liberdade. Está ali, ficcionalmente, o espaço de confinamento, a página em branco ou com a tinta negra da escrita. Estão aí, também, no enredo da peça, a possibilidade de libertação, por meio dos espelhos, dos duplos, das portas ainda que falsas. Talvez seja essa a real experiência do labirinto: construir e quebrar a univocidade interpretativa, num duplo movimento entre univocidade e pluralidade, construção e dispersão.

Ao reduzir a escrita ao espaço do labirinto, Antônio José da Silva talvez busque, na cumplicidade do leitor/espectador, um sentido para a existência. Na peça, a imagem do escritor é disseminada, desterritorializada, em vários papéis ali encenados, inclusive, e principalmente, no dos graciosos, ou seja, dos atores que, na comédia, fazem os personagens que provocam o riso. Estes, característicos do chamado Século do Ouro, de 1580 a 1680, representariam também as muitas vozes populares, da gente comum,

em contraposição ao comportamento e a voz de um escritor idealizado.

O texto da tradição é, assim, rearranjado pela inscrição metalinguística do escritor e descobre-se nele outras dimensões. O labirinto perde sua forma enclausurada ou hermética e, adquire uma estrutura aberta. A palavra que poderia reivindicar uma autoridade é, assim, milimetricamente, dividida. No labirinto por Antônio José arquitetado, vivem, assim, multifacetados, personagens que espelham os homens, de ontem e de hoje, escritores e leitores.

The logo for Edibrás features the company name in a bold, black, sans-serif font. A stylized blue and red graphic element, resembling a brushstroke or a wave, is positioned behind the text, extending from the left and curving under the 's'.

Gráfica e Editora

contato@graficaedibras.com.br

